

A presença de notícias culturais nos espaços noticiosos em horário nobre nas televisões generalistas portuguesas

Teresa Isabel Barroso Inácio Neves

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em

Jornalismo

(2º ciclo de estudos)

Orientador: Prof. Doutor Nuno Alexandre de Oliveira Marques Francisco

junho de 2022

Dedicatória

“A coisa mais indispensável a um homem é reconhecer o uso que deve fazer do seu próprio conhecimento”

-Platão

Ao Miguel.

Aos meus pais.

A todos os que fizeram este percurso um pouco mais fácil.

Agradecimentos

Depois de um ano totalmente diferente, gostaria de expressar os meus mais sinceros agradecimentos às pessoas que de certa forma contribuíram para a realização deste capítulo da minha vida.

Em primeiro lugar, agradeço ao meu orientador, Professor Doutor Nuno Francisco, por me ter orientado com os seus conhecimentos e visão académica.

Agradeço aos meus pais, Teresa e Francisco por todo o carinho, apoio e ajuda na minha vida.

Agradeço a todos os familiares, principalmente aos mais recentes, Cândida e Paulo, pelo carinho, apoio e amizade eterna.

Aos meus amigos, pela amizade incondicional.

Ao Miguel, por acreditar em mim e nunca me deixar ir abaixo, pelo carinho dado, assim como um agradecimento pela paciência e ajuda que neste ano tanto precisei.

Por fim, agradeço à Universidade da Beira Interior por estes anos que me viu crescer e pelas memórias que me deixou realizar.

Obrigado!

Resumo

A presente dissertação estuda a presença de conteúdos culturais nos jornais televisivos dos canais generalistas portugueses, RTP1, SIC e TVI; por forma a se conseguir entender a presença da mesma nestes espaços noticiosos. O ser humano é um ser biologicamente curioso, mas também um ser cultural. Sem cultura, é um ser vazio de identidade. As notícias de cariz cultural são tidas como importantes para a nossa formação, mas, nem sempre ocupam um espaço de destaque no alinhamento dos noticiários de grande audiência. Perceber a sua relevância junto das grandes audiências é o objetivo desta dissertação.

A reflexão sobre o tema inclui primeiramente uma reflexão bibliográfica sobre cultura, assim como de manifestações culturais contemporâneas importantes para a análise necessária ao estudo. A organização da dissertação divide-se por partes: O primeiro capítulo é referente a uma viagem de carácter cultural, onde são encontradas as múltiplas amplitudes da cultura, tal como são demonstradas as suas origens, linguísticas e físicas e, de seguida, as manifestações culturais contemporâneas.

Posteriormente, é tratado o tema do jornalismo assim como as várias formas de disseminação da informação, tal como também, uma viagem à história da imprensa periódica e da sua relevância para a sociedade e para o espaço público.

No terceiro capítulo, há uma passagem sobre a imprensa moderna e de massas dos séculos XIX e XX, assinalando várias fases que surgiram até termos o jornalismo televisivo como conhecemos.

De seguida, é tratada a cultura e o jornalismo em simultâneo, e a sua cooperação essencial, e por fim, nesta dissertação, é desenvolvido a metodologia e desenho da investigação, terminando com a análise dos resultados.

Palavras-chave

Televisão; Cultura; Jornais televisivos; Gatekeeping; RTP1; SIC; TVI

Abstract

This dissertation studies the presence of cultural content in the television newspapers of the Portuguese generalist channels, RTP1, SIC and TVI; in order to understand its presence in these news spaces. The human being is a biologically curious being, but also a cultural being. Without culture, it is an empty being of identity. News of a cultural nature is considered important for our formation, but they do not always occupy a prominent space in the alignment of news with a large audience. Understanding its relevance to large audiences is the objective of this dissertation.

The reflection on the theme firstly includes a bibliographical reflection on culture, as well as on contemporary cultural manifestations that are important for the analysis necessary for the study. The organization of the dissertation is divided into parts: The first chapter refers to a journey of a cultural nature, where the multiple amplitudes of culture are found, as well as its origins, linguistic and physical, and then the cultural manifestations contemporary.

Subsequently, the subject of journalism is treated as well as the various forms of information dissemination, as well as a journey into the history of the periodical press and its relevance to society and the public space.

In the third chapter, there is a passage on the modern and mass press of the 19th and 20th centuries, indicating several phases that emerged until we had television journalism as we know it.

Then, culture and journalism are treated simultaneously, and their essential cooperation, and finally, in this dissertation, the methodology and design of the investigation are developed, ending with the analysis of the results.

Keywords

Television; Culture; Television Newspapers; Gatekeeping; RTP1; SIC; TVI

Índice

Introdução.....	1
Capítulo 1 – A Cultura e as suas múltiplas amplitudes.....	3
1.1. Manifestações Culturais Contemporâneas.....	14
Capítulo 2 - O jornalismo e a disseminação da informação.....	19
2.1. Imprensa Periódica.....	20
2.2. Mercúrios.....	22
2.3. Gazetas.....	23
2.4. De noticiarista a jornalista.....	26
2.5. Controlo Jornalístico.....	28
2.5.1. Jornalismo sob a alçada do iluminismo e o controlo do séc.: XIX.....	29
2.5.2. Censura “Azul”	32
Capítulo 3- Imprensa moderna e de massas do séc.: XX.....	34
3.1. Publicidade na imprensa.....	37
3.2. Radiojornalismo.....	40
3.3. Cinejornalismo.....	42
3.4. Jornalismo Televisivo.....	44
3.5. Pública vs. Privada.....	48
Capítulo 4- O Jornalismo Cultural.....	53
4.1. Em Portugal... ..	55
4.2. RTP2.....	56
Capítulo 5- Metodologia e desenho da investigação.....	59
5.1. Tema e problema.....	61
5.2. Objetivos e hipóteses.....	62
5.3. Métodos e técnicas de investigação.....	63

Capítulo 6- Resultados da investigação.....	65
6.1. Valor de Notícia.....	65
6.2. Duração dos jornais televisivos.....	66
6.3. Notícias com conteúdo cultural.....	68
6.3.1. RTP1.....	69
6.3.2. SIC.....	71
6.3.3. TVI.....	72
6.4. Alinhamento.....	74
Capítulo 7- Análise de Resultados.....	79
Referências bibliográficas.....	82
Anexos- Análises diárias aos canais	
.....	87

Lista de Figuras

Figura 1- Duração média dos jornais televisivos em estudo, RTP1, SIC e TVI	67
Figura 2- Comparação dos dias em que cada canal escolhido (RTP1, SIC e TVI) apresentou notícias de cariz cultural, e dias sem qualquer conteúdo cultural	68
Figura 3-Notícias de cariz cultural apresentadas no período estudado na RTP1	70
Figura 4- Número de notícias por categoria cultural, RTP1	71
Figura 5- Notícias de cariz cultural apresentadas no período estudado na SIC.....	71
Figura 6- Número de notícias por categoria cultural, SIC.....	72
Figura 7- Notícias de cariz cultural apresentadas no período estudado na TVI.....	73
Figura 8- Número de notícias por categoria cultural, TVI	73

Lista de Tabelas

Tabela 1- Elementos Culturais a considerar na investigação.....	61
Tabela 2- Duração face ao número de notícias.....	68
Tabela 3- Alinhamento do Telejornal 8 (RTP1).....	74
Tabela 3- Alinhamento do Jornal da Noite (SIC).....	75
Tabela 4- Alinhamento do Jornal das 8 (TVI).....	77

Lista de Acrónimos

RTP	Rádio Televisão Portuguesa
SIC	Sociedade Independente de Informação
TVI	Televisão Independente
TSF	Telefonia sem fios
RDP	Rádio Portugal
KDKA	The Voice of Pittsburgh

Introdução

Atualmente vivemos numa sociedade decididamente ocupada, e os media cada vez mais facilitam o dia a dia de cada um, pois os media perfazem os nossos dias e enchem-nos de informações novas. Consequentemente, o tempo disponível que dedicamos a eles acaba por ser superior ao dedicado a atividades culturais. Torna-se essencial, que através disto, os mesmos se unam à cultura, formando assim um equilíbrio de informação culta e intuitiva, e através dos mesmos, possam informar e enriquecer o conhecimento de todos nós. Assim, resta saber o tempo dedicado por parte dos media a uma das coisas que mais nos valoriza, a cultura.

Cultura, tal como vemos através de Antunes (2006) provém da palavra cultivar, remete-nos para a arte de cultivar o saber, de querer aprender e desenvolver cada vez mais. Tal como vemos no jornalismo, profissão que surgiu da necessidade de uns informarem e outros estarem informados, cultiva a arte da sabedoria. É necessário sendo que o ser humano é comunicativo, necessita de saber e de saber informar. Cultura engloba áreas artísticas únicas, criadas e desenvolvidas pelo homem, merecedoras de destaque contínuo pelos jornais televisivos. Estes, surgem através da evolução dos tempos, o tempo avança, o mundo muda, a cultura evolui e assim surgem novos movimentos jornalísticos, como os quais, o jornalismo televisivo. Que com os tempos, se destaca perante outros meios jornalísticos pela interatividade presente e também a figura quase que paternal do pivot.

O jornalismo é igualmente uma vertente na área do saber e da informação, e em simultâneo com a cultura, são duas áreas essenciais à manutenção do exercício da livre atualidade. Sendo a cultura um fator de mudança e também um fator essencial à condição humana, é importante que a mesma seja colocada em prática e seja, acima de tudo, lembrada. Assim torna-se fulcral, como objetivo principal desta dissertação, apurar a presença de notícias de cariz cultural em jornais televisivos de canais generalistas em horário nobre (transmitidos às 20 horas), aqueles que geram as maiores audiências.

Foi esta a questão a que se pretendeu responder ao longo de um estudo realizado e de uma análise cuidada e detalhada ao longo de um mês (fevereiro de 2022) aos três canais generalistas portugueses, RTP1, SIC e TVI; onde se apura que a cultura está muito aquém de ser uma prioridade informativa para os blocos noticiosos de grande audiência.

O jornalismo tem por base a prática da difusão da informação e os jornais televisivos generalistas portugueses são uma peça fulcral neste processo. São indutores de grandes audiências e isso acarreta aos mesmos responsabilidades acrescidas. Foram estudados três canais, RTP1, SIC e TVI, e foi no canal público que se fomentou mais conteúdo cultural, destacando-se dos restantes dois, não obstante, ocorreram temáticas preponderantes diferentes, o que valida a diversidade temática e cultural presente hodiernamente, assim como a qualidade que há em a mesma ser trabalhada pelos vários canais generalistas portugueses.

No entanto, a cultura não tem a mesma importância que outros temas. Esta é colocada sempre no final dos alinhamentos dos jornais televisivos, e isso também acaba por demonstrar o grau de importância relativamente a outras temáticas. Além disso, a quantidade de peças e a duração das mesmas nos jornais televisivos são, também, fatores fundamentais para o entendimento desta investigação. A pertinência desta investigação foca-se nestes pontos para nos ajudar a entender o papel que a cultura ocupa no complexo retrato do mundo que todos os dias os blocos informativos da noite nos dão.

Capítulo 1 – A Cultura e as suas múltiplas amplitudes

“Cultura” nunca foi uma palavra sem significado, mas também nunca foi senhora de uma só definição. Esta remete através das suas origens ao cultivo, direciona-se originalmente com a agricultura e com a arte de saber cultivar. De acordo com os autores, Antunes (2006) e Wagner (2012), a semiologia da palavra cultura, provém do latim, do participio passado, onde a mesma “cultus”, significa cultivar, do verbo colere, relacionando-se ao cultivo do solo, cultivar a terra e produzir.

“[...] aplicado a domínios tão diversos como os campos (colere agros), as letras (litteras) e a amizade (amicitiam). Cícero usa a expressão sese excolere ad humanitatem (cultivar-se a fundo segundo a humanitas e para a humanitas, designando este vocábulo três coisas na língua latina: aquilo que faz que o homem seja um homem; a preocupação do homem pelo homem no sentido da sua mútua vinculação – em grego: philanthrôpia; aquilo pelo qual o homem se torna verdadeiramente homem, a sua formação ou educação em grego: paideia). Cícero e Horácio referem-se à cultura animi (Cultura do espírito). De onde, originariamente: Cultura é a ação que o homem realiza quer sobre o seu meio quer sobre si mesmo visando uma transformação para melhor.” (Antunes, 2006, p.86)

Através do cultivo, cultura conota em si múltiplos aspetos que, quando direcionado ao ser humano, implica ao mesmo um cultivo da sua alma. O Homem, é um ser apreciador e naturalmente curioso, dedicando-se por vezes a cultivar os seus gostos pessoais e a apreciar o que existe ao redor. Cultivar-se, implica em si saber mais, a arte da criação e inovação, da preservação, do conhecimento. O ser humano é um ser naturalmente comunicativo entre a sua comunidade e as restantes. Cultiva-se lendo um livro, vendo um filme, através da própria pesquisa para trabalhos académicos ou futuro profissional, cultiva-se ouvindo música, indo ao teatro, assistindo um musical, escrevendo poesia, ouvindo rádio, ou simplesmente cultiva-se ao assistir aos jornais televisivos durante ao jantar. É um ser biologicamente curioso.

Na contemporaneidade, segundo Wagner (2012), um homem que seja apreciador de cultura, como por exemplo uma exposição de arte ou um concerto de ópera, é uma

pessoa “cultivada”, que desenvolve interesse, é um homem que se ‘domestica’ a si mesmo, adquire mais conhecimento, treinando-se e criando uma personalidade que pode ser “cultivada” (“cultured”), (Wagner, 2012, p.54).

Como tal, o homem só produz cultura devido à sua evolução nos tempos, os animais, as plantas, não são seres procriadores de cultura, ao contrário do homem. Através de características biológicas que adquiriu e desenvolveu com os séculos. Através da necessidade de sobreviver, mas também de comunicar e produzir expressões, o homem foi desenvolvendo o seu corpo a fim de cada vez mais conseguir dar respostas às suas necessidades. A necessidade de mexer os braços e as mãos, para se expressar (enquanto a fala, não era algo ainda desenvolvido), a necessidade de pegar na comida ou criar instrumentos de caça, ao longo dos tempos, o homem criou algo que ainda nenhum outro animal conseguiu, cultura.

“O homem, produz cultura, com uma posição ereta e a sua “consequente libertação da mão de onde deriva a qualidade de homo faber; o ser dotado de um psiquismo superior ao psiquismo animal mais elevado, característica que lhe permite revelar-se como ser quase ilimitadamente inventivo nos mais diversos domínios: tecnológico, científico, artístico, literário, filosófico, ético e religioso; o ser dotado de desejos e aspirações que transcendem o imediato e mesmo o horizonte do tempo e do espaço, desejos e aspirações, que sente a necessidade de exprimir de mil maneiras diferentes.” (Antunes, 2006, p.88).

No que se refere à semiologia, Antunes (2006), divide a cultura em dois modos, subjetiva-ativa (a sua educação, formação, faculdades) e objetiva-passiva (tradição, que participa da primeira; a hereditariedade e características transmitidas a nível biológico). De acordo com Antunes (2006), a percepção é a forma de conhecimento para explicar o fenómeno cultural, que se agrupa em três destaques principais, a realista, a idealista e a fenomenologista. A “família idealista”, explica Antunes (2006), deve-se a fatores como a raça, o meio e o momento, respeita portanto, uma orientação biológica, como por exemplo está demonstrado nas teorias de Danilevsky, de O.Spengler e em parte, de A.J. Toynbee; já a “família realista” espiritualista, que de um modo mais claro é a família cristã, sobretudo a que desenvolve na linha tomista e escotista; e por fim, a “família fenomenologista”, através da orientação gnoseologista de P.A. Sorokin e a existencial percecionista de M.Merleau-Ponty. “[...] todo o homem, pelo facto de o ser, é um ser de cultura” (Antunes, 2006, p.89), pois, segundo o mesmo, todas as culturas participam de uma unidade, essa unidade é fundada no homem.

Num modo amplo, cultura engloba tudo aquilo produzido pelo homem, mas também todo o conjunto de tradições e hábitos dos povos. Neste sentido, o homem é um ser acumulador de memórias, do seu trabalho e da sua evolução, pois, tudo aquilo que merece a sua atenção o ser humano guarda junto de si. Através das suas capacidades humanas e da sua comunicação, expressa com agrado opiniões e conserva em si tudo aquilo que aprende ao longo da sua curta experiência na terra. A arte, por exemplo, ou a música, formas de expressão cultural, são formas de transmitir realmente provas da cultura que o ser humano tanto quer manter, mas também transmitir. Deste modo, guarda em si e na sua vida, mas acima de tudo transmite aos seus e ao mundo. Como tal, através dos mais variados meios de comunicação, as memórias são preservadas, logo a cultura vai ser possível de ser transmitida e acessível por muitos. Portanto, o ser humano tem em si, desde o seu modo mais primitivo, cultura enraizada no seu ADN. Desde o seu modo de ser, às suas práticas comuns e também na sua biologia.

A cultura num sentido antropológico, define-se por todo o nosso envolvente, mas quando nos referimos a uma cultura direcionada a um povo, falamos de “instituições culturais”, e estas identificam-se por “museus, bibliotecas, orquestras sinfónicas, universidades e talvez seus parques e zoológicos” (Wagner, 2012, p.55).

Segundo Llosa (2003):

“Para um antropólogo, esta palavra [cultura], com as suas reminiscências rurais e agrárias, refere-se simplesmente a uma rede de práticas, procedimentos, costumes e crenças que constitui o que de mais representativo possui um povo da linguagem com que os seus membros comunicam entre si às refeições e aos desportos que praticam, passando pelos costumes, deuses, demónios e fantasmas ou espíritos de todo o tipo. Contudo, esta aceção da palavra “cultura” é tão vasta que, por abarcar tantas coisas, se torna imprecisa e de contornos demasiado vagos.” (p.285).

Deste modo, as ideias e os mitos tornam-se de certa forma confusas. Como ideias entendemos vários meios, como literatura, ciência, arte, entre outros, contudo, nem tudo se cinge a cultura. No entanto, “não podemos confundir o efeito com a causa” (Llosa, 2003, p.285).

Antigamente, a cultura era imensamente diferente de povo para povo, hábitos e costumes não se assemelhavam a outras culturas, afinal não havia nada semelhante, eram culturas opostas que nunca tinham coexistido, não poderia sequer haver uma

partilha cultural ou até o que hoje entendemos como apropriação cultural, nestes tempos antigos, o ódio era um propulsor entre ambas as culturas, assim como a desconfiança e por vezes a guerra. Com o surgimento das trocas comerciais, gradualmente as coisas começaram a mudar, para um meio mais civilizador e pacífico, como tal, foi necessário quebrar barreiras, construindo meios e formas de alcançar os outros povos para se aplicar em práticas novas formas de comércio.

Antigamente a comunicação era escassa, os que se mantinham no poder, tendiam a querer um povo inculto. Quanto mais inculto, menos seriam as questões e as possíveis revoltas entre os mesmos. Pouco era permitido ao povo saber, e devido às poucas conexões entre os mesmos nada se sabia. Não havia conhecimento, a escola não se compara aos tempos em que atualmente vivemos, no séc.: XXI. Não havia transmissão de conhecimento nem de informações. A cultura era de uma forma extrema, bastante diferente dos restantes povos.

O mundo, e as respetivas conexões, mudaram. Hoje, com tanta informação a circular e a rápida transmissão de acontecimentos, torna-se praticamente impossível vivenciar tempos de tão pouco conhecimento.

“A evolução dos meios audiovisuais e das novas tecnologias implica que, hoje em dia, com um esforço mínimo, os cidadãos de qualquer país possam ter acesso a uma informação diversificada, tendo em conta diversos pontos de vista, e que, portanto, os regimes autoritários, empenhados em fazer da informação um ramo de propaganda, se veja, cada vez mais em maiores apuros para impedirem a livre circulação das notícias e das opiniões independentes sem sujeição ao seu controlo”. (Llosa, 2003, p.287).

O grande problema da nossa história, acaba por ser uma extrema falta de comunicação que existia entre os povos, a falta de divulgação de cultural, não entendíamos que existia mais para além da nossa própria cultura. Assim, o pouco conhecimento levava a um certo obscurantismo cultural, as pessoas não sabiam, não conheciam e com o hábito, acabavam por não querer conhecer. Deste modo, a solução para travar certas batalhas histórias era mesmo a comunicação e a transmissão do conhecimento, a prática da cultura e não a falta dela. “As piores catástrofes de que padeceu a humanidade resultaram sempre de uma falta de comunicação entre países ou entre sociedades, de situações em que o diálogo foi suplantado pelo conforto e pela violência.” (Llosa, 2003, p.290).

Deste modo, a comunicação é assim, essencial para estreitar os laços que ocorrem entre os variados povos, é fulcral que a comunicação abrace a cultura e vice-versa. A cultura e a comunicação andam de braço dado, e hodiernamente, é cada vez mais difícil um povo não estar informado da atualidade, com as novas tecnologias, noticiários, rádio, jornais e uso frequente de smartphones, com acesso praticamente ilimitado à internet, fica complicado existir escuridão na comunicação de uma sociedade, a cultura é, portanto, encarada de braços abertos por todos.

Privar um povo, é privar o povo de ter cultura, criar e definir uma conduta de vida específica e normas específicas são imposições de liberdade, pois sentem-se restringidas de escolher o que ser e fazer. A democratização da cultura deve ser uma porta aberta a todos os que querem ser entendidos na matéria:

“A democratização da cultura só pode ser entendida como a criação de condições que facilitem e promovam o acesso aos bens culturais de quem está disposto a fazer o esforço intelectual indispensável para desfrutar, aprender e enriquecer a sua própria vida graças a esses mesmos bens. Ela também significa, além disso, a garantia de que ninguém, sejam quais forem a sua origem ou condição social, será impedido de exercer esse direito” (Llosa, 2003, p.288).

Se não existisse diferenças culturais entre os povos, a cultura não seria polivalente, mas sim una, e sem diversidade. Se não existir diversidade, não existe multiculturalidade. A cultura surge na diferença, a diferença entre todos apela à necessidade de um termo que defina e denote, exaltando as diferenças como um algo de positivo. A multiculturalidade exerce em cultura, as várias diferenças empenhadas com orgulho de cada povo. A unidade, a igualdade seria um aspeto que transformaria a cultura numa só, assim, a cultura seria pobre, sem qualidades diversificadas, seria somente uma.

Não obstante, um povo pode se cingir à sua cultura, mas conhecer e aprender as várias culturas que existem ao redor. Apesar de a diferença ser quem mais cria o conceito da cultura de cada povo, estes não são impedidos de exercer outras coisas, conhecer outros mundos, aplicar novos estilos, ou viver noutras culturas. A cultura é livre, é aberta a todos os seres que como ela indica, se querem cultivar e abrir fronteiras do seu corpo ao que o mundo lhes tem para dar. A diferença cria a cultura, mas a comunicação dá à cultura o seu auge de diversidade. Portanto, o impedimento do “obscurantismo informativo”, permite que todos nós façamos parte da cultura que assim entendermos, independentemente das nossas origens.

“O desaparecimento das fronteiras e a perspectiva de um mundo interdependente converteram-se num incentivo para que as novas gerações procurem aprender e assimilar outras culturas (que agora podem fazer as suas se quiserem), por gosto, mas também por necessidade, já que falar várias línguas e mover-se com desenvoltura em culturas diferentes é uma importante mais-valia para o sucesso profissional nos tempos que correm.” (Llosa, 2003, p.299)

Isto deve-se a uma globalização. Deve-se a uma emergência na necessidade de cada vez mais, conhecermos outras línguas, outras formas de vida, e não nos ficarmos apenas pela nossa nacionalidade. Permitirmos o nosso interior se cultivar de outras formas e conhecimentos, pois isso não nos fará mais retrógrados, antes pelo contrário, mais cultos.

A nossa independência enquanto seres procriadores de cultura, não impede claramente, os nossos gostos nacionais, a nossa defesa política e patriarcal de defender as nossas origens. Como tal, “(...) as culturas nacionais em que nascemos constituem-se em uma das principais fontes de identidade cultural.” (Hall, 2006, p.43). Cada ser se identifica com uma nação, e uma nação encontra em si uma identidade cultural. Um ser humano já não se identifica sem uma nação, participa na mesma ativamente, pois esta é uma característica de si como ser humano. A este tipo de cultura, pode se caracterizar como cultura nacional, “são uma forma distintivamente moderna” (Hall, 2006, p.49).

Ao se criar uma cultura nacional esta:

“(...) contribuiu para criar padrões de alfabetização universais, generalizou uma única língua vernacular como o meio dominante de comunicação em toda a nação, criou uma cultura homogênea e manteve instituições culturais nacionais, como, por exemplo, um sistema educacional nacional” (Hall, 2006, p.49).

A cultura, neste caso, nacional, “não são compostas por apenas instituições culturais, mas também de símbolos e representações” (Hall, 2006, p.50). Cultura dificilmente se caracteriza num só adjetivo, o termo cultura deixa de ser um termo e inclui em si tudo aquilo que nos representa e que nos rodeia, tudo pode ser cultura.

Hall (2003), cita Raymond Williams em *The Long revolution*, onde explica cultura de várias maneiras. Primeiramente, “relaciona cultura à soma das descrições disponíveis pelas quais as sociedades dão sentido e refletem as suas experiências comuns” (Hall, 2003, p.135). De certa forma, Williams considera que tudo aquilo que é socialmente

aplicado e democrático se enquadra dentro daquilo em que cultura se deve afirmar. Neste aspeto, a cultura é “ordinária” segundo Williams, deve ser acessível (Hall, 2003, p.135). Num primeiro ponto, é então definida cultura como um mixto de ideias, em segundo, também se deve às práticas diárias e sociais, onde ganha em si um carácter antropológico. Pode-se concluir, que cultura é geral e global.

Hall assume assim, que cultura, é:

“o estudo das relações entre elementos em um modo de vida global” A cultura não é uma prática: nem apenas a soma descritiva dos costumes e “culturas populares [folways]” das sociedades, como ela tende a se tornar em certos tipos de antropologia. Está perpassada por todas as práticas sociais e constituiu a soma do inter-relacionamento das mesmas. Desse modo, a questão do que e como ela é estudada resolve-se por si mesma. A cultura é esse padrão de organização, essas formas características de energia humana que podem ser descobertas como reveladoras de si mesmas- “dentro de identidades e correspondências inesperadas”, assim como em descontinuidades de tipos inesperados” - dentro ou subjacente a todas as demais práticas sociais. “(2003, p.136).

Cultura assume-se como toda a forma da vida, desde o seu surgimento até à mais atual época. Existem diversas condições sociais e classes que surgem e lidam com o que convivem no momento, com a sua história, o seu passado e a sua cultura e, através disso, transforma-se, lida e responde.

Segundo Wagner (2012), a antropologia estuda o fenómeno do homem, tudo o que gira em torno do mesmo, como a sua evolução, as suas invenções, artes e grupos, não apenas de forma individual, mas num todo. Cultura transforma-se numa forma de distinguir e falar do homem, falar sobre a cultura de determinada pessoa, é dizer aquilo que ela é, que representa e que se considera ser. E por isso, a diferença é tão importante, mas nunca de forma negativa, apenas num formato de carácter positivo, como referido anteriormente, porque cultura é a diferença entendida nos povos.

Wagner (2012) defende que a cultura de um povo nunca é rapidamente entendida como cultura, por vezes tomamos tudo como garantido, a cultura e o conceito de cultura surgem, quando mediante contrastes vividos com outras culturas ela é mais notável por todos nós. “No ato de inventar outra cultura, o antropólogo inventa a sua própria e acaba por reinventar a própria noção de cultura.” (Wagner, 2012, p.31)

Segundo Wagner (2012), esta só se torna visível após um choque-cultural, ou seja, após o desconforto e diferença que alguém sente quando toma contacto com uma outra cultura, aí surgem as diferenças, e a cultura surge aí, porque se a cultura fosse homogénea, não existiria diferença, nem o termo “cultura” estaria algum dia em cima da mesa, porque se se considerar apenas uma cultura não haveria divergências culturais, multiculturalismo, seríamos todos um só. O facto de surgirem discrepâncias, permite a um sujeito não se identificar ou questionar outros modos e estilos de vida, outros costumes e toda a diferença e excedência de competências pessoais, são frutos de um choque-cultural e de uma ambiguidade de costumes.

Neste sentido, Wagner (2012) defende o conhecimento das várias culturas, o experimento do que está fora da nossa cultura, pois desta forma podemos conhecer a nossa própria cultura. Ao atravessarmos as nossas fronteiras, conhecemos mais mundo, mais cultura, e isso inspira o ser humano a fazer mais e o melhor para si. No seu quotidiano aplica o melhor que aprendeu e assim evolui. A cultura é uma inspiração para o ser humano.

Em suma, Wagner (2012) defende que a cultura é a sua própria definição de cultura, esta é o nosso vocabulário, a nossa forma de ser, de agir, a nossa arte, o nosso diálogo, a nossa forma de emprestar palavras e criar vários termos, assim como, os nossos significados atribuídos às coisas.

A cultura vive presente nestes meios e em bastantes outros, onde, tudo o que se destaca é mantido vivo, pois, a cultura transforma-se em algo imortal, destacável como notamos ao longo dos tempos, e assim progride, evolui e a comunicação permite que a mesma continue implacável no tempo, temos exemplos tão claros como Platão ou Aristóteles, entre muitos filósofos, autores, obras, pautas e telas que foram mantidas e jamais serão esquecidas. Neste sentido, tudo aquilo que dá vida é cultura e tudo o que engloba um meio é cultura.

“Pois o verdadeiro cerne de nossa cultura, na sua imagem convencional, é sua ciência, arte e tecnologia, a soma total das conquistas, invenções e descobertas que definem nossa ideia de "civilização". Essas conquistas são preservadas (em instituições), ensinadas (em outras instituições) e ampliadas (em instituições de pesquisa) mediante um processo cumulativo de refinamento. Preservamos uma vasta panóplia de ideias, factos, relíquias, segredos, técnicas, aplicações, fórmulas e documentos como "nossa cultura. ”” (Wagner, 2012, p.55)

Wagner (2012) encara Cultura com um significado de “Sala de Ópera” (p.56), onde se enquadram todos os meios criativos e inventivos, é essa qualidade humana que se define em cultura, a produtividade e proatividade característica do trabalho, que deste modo, fornece novos modos e técnicas a ser aplicadas no dia a dia.

Deste modo, a produção e a preservação são na ótica de Wagner (2012), os modos mais estáveis da cultura, aquilo que realmente é e deve ser entendido como cultura trata-se da produção, da inovação e criação de novas coisas, mas também da preservação do que já está feito e a sua manutenção, refere assim, a preservação das nossas memórias, em baús, sótãos, etc., onde guardamos todos os objetos que queremos de algum modo não esquecer, nem deixar ir.

Cultura alberga em si, tudo aquilo que é produzido e visa a inovação, tudo aquilo que é criado e imaginado, algo novo, mas também algo velho, assim como, tudo aquilo que a preserva, que a consome e mantém imutável no tempo. Literalmente, tudo se considera cultura, a nossa forma de comer, a nossa língua, os vocábulos característicos de cada região do país e de cada parte do mundo, a nossa roupa, forma de organizar o dia, qualquer coisa que nos rodeie, é simplesmente a cultura que nos abraça. Contudo, há uma massificação da cultura, que deve ser tomada como um travão, pois cultura deve ser encarada como uma preservação, mas também como uma criação do novo e original.

“Num sentido mais restrito, que defina cultura como o conjunto de artefactos ou mentefactos que trazem algo de novo ou de original à nossa visão do mundo e dos outros, já se torna mais fácil distinguir a relação entre cultura, como processo de criação, e a emergência das massas nas sociedades nacionais ou no plano mais vasto das comunicações à escala internacional.” (Barroso, 1998, p.172).

A massificação da cultura foi algo que foi surgindo, com o modificar das mentalidades e da vida comum, o ensino primário foi se tornando cada vez mais frequente, a sindicalização dos operários também, ocorreram a formação de partidos políticos e o reconhecimento da mulher foi algo que começou a ser cada vez mais notório, as mentalidades mudaram, a cultura era algo que tinha conseguido progredir na mente humana, e no jornalismo era também notório, pois, em meados do século XIX; assistese ao aumento de títulos de jornais em todos os países ocidentais, assim como o nascimento de cada vez mais agências de internacionais de notícias, explica Moreira (2015). Assim, as culturas de massas não devem ser desprezadas, contudo devem ser

tomadas com uma certa calma, no entanto, permitem um avanço brutal da cultura hoje em dia, permite que ninguém queira ficar para trás e tente acompanhar de algum modo todo este processo, permite que as sociedades desenvolvidas se mantenham em andamento.

“Só quem não conhece a situação em algumas partes do nosso planeta, onde a maioria da população não tem ainda acesso à educação básica nem usufrui de alguns bens que as sociedades mais desenvolvidas já consideram adquiridos, é que pode levianamente, egoisticamente e de forma algo snobística, criticar os desagradáveis aspetos da sociedade de massas sem ponderar as vantagens que esta trouxe àqueles que se encontravam longe desses fenómenos de interação.” (Barroso, 1998, p.172).

A questão da criação cultural, fica como pontas soltas, cultura passa pela preservação e criação do novo, do original. Mas a nossa cultura também passa pela democracia, assim como, condições estabelecidas sobre como e devem ser regidas as coisas. O novo e o original, suscitam inúmeras dúvidas no nosso dia a dia, será que esta obra de arte vai de acordo com as ditas “regras” sobre a qual se deveria reger para ser considerada num certo estilo? Será que este livro deve ser considerado literatura? Ou por ter ideias diferentes, modos de escrita diferentes, já não é um livro digno de se enquadrar na literatura? A criação, desde sempre não é encarada com bons olhos, pois, nós, seres humanos, somos seres de hábitos e costumes, tudo o que é diferente acaba por ser difícil de aceitar à primeira vista. Como tal:

“A lógica e a criação cultural, como aliás a da descoberta científica, não convive facilmente com a ideia de massas. Podemos mesmo dizer que, quase por definição, a criação cultural e a descoberta científica são “antidemocráticas”. Quando surge qualquer teoria científica ela aparece necessariamente como minoritária e tem que se impor a todas as teorias previamente estabelecidas. O mesmo de algum modo se passa com a criação cultural. Uma obra cultural que nos estimula e que traz realmente algo de novo vai contra a maior parte dos paradigmas estabelecidos e de algum modo introduz a perceção de elementos que contrariam as tendências dominantes.” (Barroso, 1998, p.173).

Existe uma certa ameaça, por exemplo temos o cinema de autor, com certos direitos e costumes, segue uma linha própria de pensamento, mas sente-se ameaçado pelo cinema comercial, cinema de massas, não deixa de ser um privilégio o seu estatuto, mas continua a sentir-se ameaçado pelas culturas de massas, resultado de um estatuto de

diferença. Não obstante, tudo o que tem a ver com massas não é negativo, como tal, “pelo contrário, estamos por vezes diante de um fenómeno, que deve saudar-se, de generalização ou democratização do saber, de acesso cada vez mais amplo às fontes do conhecimento e da sua retransmissão”. (Barroso, 1998, p.173).

Deste modo, o interesse e cada vez mais a quebra de paradigmas que nos limitam culturalmente, transmite-nos cada vez mais conforto, há assim um equilíbrio cultural, uma homogeneização, uma igualdade entre todos nós.

Além disso, entendemos que, a comunicação permite a fluência de transmissões de informação, mas não é necessariamente algo negativo, como vimos ao longo dos vários autores, não significa um extermínio da nossa cultura mais individual, mas sim uma clara ambiguidade cultural, uma globalização constante de costumes e linguagens. Os noticiários televisivos por exemplo, são a clara comunicação de informação ao nosso país, não nos mantém na escuridão da informação, pois no mesmo é expresso vários tipos de informação nacional e internacional, que não nos limita, mas sim, nos cultiva.

É importante, entendermos que cultura tem uma história milenar, e por esse motivo, é tão complexa como referido acima, no entanto, no seu sentido mais lato, pode ser dividida em dois, como tal, cultura pode ser entendida num significado antropológico, onde a mesma “se prolongava para abranger tudo o que fazíamos para nos exprimirmos e entendermos”, (Holden, 2015, p.40); e por outro lado, referia-se às artes no seu termo lato; onde nela, se inclui, formas de arte, como música, teatro, literatura entre outros. Quando pensamos em cultura, pensamos em tudo, no nosso tempo livre e como o levamos a preencher com momentos culturais. Pensamos assim, no que a nossa e outras culturas nos mostraram e nas novas matérias que tentam abordar, e conseqüentemente inovar.

Neste sentido, pensamos em cinema, em pintura, em teatro, pensamos em outras formas de arte e de música, associamos instintivamente cultura àquilo que nos mantém seres humanos, animais racionais.

1.1. Manifestações Culturais Contemporâneas

A cultura é uma forma de manifestação social, é, portanto, uma forma de expressar sentimentos, ideias e emoções aos outros. Contudo, segundo Francisco (2012), a cultura é apropriada pela televisão e posteriormente transformada em produto.

No entanto, nem toda a cultura é apresentada nos noticiários televisivos, há uma escolha e seleção daquilo que satisfaz e cativa, assim como mantém as audiências, como tal, "Hoje, a cultura está mais acessível do que nunca, muito por causa da televisão. [...] A televisão fornece cultura, sim, e também a comodidade para a usufruir - e, já agora, contextualizada na simplicidade que permite aos espectadores uma fácil apreensão dos seus significados." (Francisco, 2012, p.118-119).

A cultura necessita de ser transmitida ao seu público, passada de "boca em boca". No jornalismo, as notícias servem para isso mesmo, para transmitir ao público uma nova informação, algo novo que merece ser ouvido, deste modo, é fulcral a cultura ser também transmitida; e para além da imprensa escrita, rádios e outros meios, como as redes sociais (onde notavelmente se denota para um aumento exponencial de pessoas que se informam através das mesmas), também os jornais televisivos fazem parte dos hábitos comuns de consumo da população.

O jornal televisivo de horário nobre é transmitido às 20 horas, hora que a grande maioria da população se encontra fora do trabalho e já no conforto do lar, e assim, consegue mais facilmente informar uma grande parte da população.

Efetivamente, a cultura necessita assim, de ser também transmitida, de se dar a conhecer à população, nomeadamente as suas novas transformações e criações, apelando assim a sua atenção e curiosidade. Pois, os media transmitem diariamente notícias atuais sobre política, desporto, economia, etc., mas interessa saber o foco que o jornalismo dedica a esta face importante da sociedade que entendemos como cultura. A atenção dedicada pelos jornalistas à cultura e a influência direta que exerce nas pessoas.

Contudo, muitas são as formas de arte abrangidas quando se fala em cultura, e muitas fazem parte da rotina de muita gente. As manifestações culturais contemporâneas estão presentes e têm-nos acompanhado cada vez mais, derivado também a um século informático e global, onde a Internet existe, acompanhada de redes sociais e os media

que acompanham 24 horas sobre 24 horas o que se passa no mundo. A espera por informação quase já não é um problema. Cruz et al. (2008), referem que as manifestações culturais representam uma voz, uma voz social, onde de forma coletiva se expõe o interior, expressando o que desejam ou pensam. São formas culturais inovadoras, excêntricas e dinâmicas, que permitem perdurar na história, é cultura.

Como tal, as manifestações culturais contemporâneas são diversas, e vão ser tratadas como elementos culturais nesta dissertação. Como tal, temos a música, que é talvez uma das manifestações culturais mais populares nos dias de hoje, a forma como nos acompanha nos transportes públicos ou no carro, no ginásio ou na rua, nas tarefas domésticas ou nas festas e saídas noturnas, a música é algo que constrói uma narrativa e consegue através dela despertar sentimentos, emoções, mas acima de tudo, uma manifestação artística que cresce em concertos, festivais, e cada vez mais são os músicos e as pequenas grandes estrelas a surgir neste mundo. A ópera, irmão do teatro (também uma manifestação cultural), encenando dramas ao som de músicas; e tal como referido o teatro, que representa histórias em pessoa, com peças que percorrem teatros de norte a sul, e por vezes além-fronteiras, demonstrações teatrais sem segundas tentativas e, como tal, também o cinema, conhecido como a 7^a arte, é uma manifestação cultural na berra desde as suas origens. Permite um fluxo de cultura no ar, move pessoas a deslocarem-se a salas de cinema, pagar pacotes televisivos com acesso a mais canais, permite sustentar plataformas de streaming (agora que os videoclubes não são mais um ponto de paragem na nossa rotina de compras), permitindo assim, noitadas em frente a ecrãs a assistir filmes, séries ou documentários, onde outras vidas e outras histórias são ali retratadas, mas deixam-nos a veia da curiosidade e a necessidade de assistir.

Manifestações culturais, engloba também a arte, e o quão antiga a mesma é. Quando falamos de arte, incluem-se grandes artistas e imensas obras de arte, uma cultura tão antiga como os nossos ancestrais, o homo sapiens por exemplo, que usava a arte, os desenhos em cavernas para contar uma história, para recordar um momento ou para comunicar uma coisa necessária. E como tal, até aos dias de hoje, muitas foram as artes que surgiram, arte rupestre, contemporânea, moderna, plástica, urbana, gráfica, entre tudo aquilo que hoje em dia é considerado uma verdadeira obra de arte. É também incluído a pintura, a bela pintura que esbelta as mais belas cores numa tela ou superfície. Como manifestação cultural, temos também o artesanato, a transformação da matéria-prima manualmente em algo diferente e inovador; a escultura, a perfeita representação em 3D daquilo que a nossa vista tenta captar e o nosso cérebro imaginar.

Também podemos falar da uma outra manifestação cultural que foi uma ponte para o que hoje entendemos como cinema, a fotografia. Uma imagem representada, nunca cairá no esquecimento, é a representação de um momento, de uma obra, de uma milésima de segundo do tempo que ficou ali registada, parada para sempre. A música, é também uma representação sonora de vários sentimentos e lições, de coisas que se transmitem sem contactos visuais, apenas auditivos, e claro está, a dança, que permite a encenação de coreografias, danças e composições realizadas com o corpo ao som da música e às vezes sem ela. Não obstante, não poderia faltar a literatura, é também uma manifestação cultural bastante antiga, pois antes de ser escrita também era oralmente reproduzida, é uma arte bastante antiga que fez um pouco do que hoje em dia nós somos, e também que permite esta tese estar a ser escrita e transmitida.

Deste modo, é notório que as manifestações culturais acompanham o nosso quotidiano, e são transpassadas de povos para povos, tal se deve ao facto de hoje em dia em Portugal se conhecer músicas estrangeiras e vice-versa, e isso, deve-se ao facto de cada povo entrar em “entendimento” com outro povo, e assim sucessivamente, trata-se de uma ordem de comunicação simbólica, na perspetiva de Moesh (2002), referem Cruz et al. (2008).

Na verdade, todas estas formas de fazer e reproduzir cultura, são manifestações culturais que acompanham gerações, e daí também se enquadrarem em cultura, são partes que não são de forma alguma esquecidas, e os media são fulcrais em fazer a cultura andar, assim, permitem que estas formas culturais cativem cada vez mais o interesse das massas, o interesse do público é uma peça chave também para os media.

“Ainda em meados do século XIX, os géneros literários para consumo de massas aumentaram a sua produção, nomeadamente os folhetins publicados nos jornais, as folhas satíricas e os espetáculos de comédia e revista. A cultura de massas, resultante da coexistência de sociedades pluriculturais modernas, vê assim o seu início nesta época, ainda que a grande explosão desta indústria se tenha dado posteriormente, já em pleno século XX, quando os meios de comunicação, como a rádio e mais tarde, a partir dos anos 60, a televisão e, já a partir dos anos 90, a internet se impõem.” (Moreira, 2015, p.21).

Não obstante, a cultura vive da diferença, das diferenças dos povos, e a globalização permite que tudo fique num estado homogéneo, explicam Cruz et al. (2008), assim:

“[...] a busca pela memória está ligada ao fenómeno conhecido como mundialização, democratização, massificação e mediatização envolve o mundo inteiro, impulsionando uma rutura de um elo de identidade, uma rutura com o passado e a substituição da memória pela efemeridade da atualidade. Assim, o sentimento de continuidade torna-se importante, fazendo com que haja locais de memória porque os meios de memória já foram perdidos. Os lugares de memória são lugares híbridos, mutantes, enlaçados de vida e morte, onde as manifestações culturais são revividas.” (Cruz et al., 2008, p.13), explica através de Nora (1993).

Com isto, a televisão acaba por ser um grande lugar de memória, talvez um dos mais importantes, é importante entender também que a cultura de massas se torna análoga, sem cultura identitária, os media difundem, mas também a massificam, no entanto, os mesmos são procriadores e difusores de cultura, permitem obter uma atenção especial por parte do espectador, permite a difusão de ideias e a criação das mesmas, mas a atenção à cultura deve ser cuidada para que não solidifique e estagne, o que é uma consequência da massificação. Como tal, explica Moreira (2015), os meios de comunicação de massas vieram a colocar informação antes destinada a um certo público, ao dispor de todos, ou seja, permitiram que todos pudessem aceder a todo o tipo de conhecimentos, estar a par de todas as manifestações culturais. Contudo, defende ainda Moreira (2015), a cultura não é mais vista como antes pelos jornais televisivos, o foco deixou de ser a obra em si para apenas se focar no artista, consequência de uma cultura de massas:

“De facto, não será erróneo afirmar que se assistiu a um deslocamento do foco de interesse do jornalista: o objeto artístico deixou de ser, em muitos casos e situações, o foco principal de atenção, mas sim o motivo para se falar dos indivíduos que se relacionam com ele. Se pensarmos numa estreia cinematográfica, por exemplo, a divulgação desse evento não é direcionada exclusivamente para o objeto artístico em si (o filme), mas sim para o ícone que o representa: o realizador, ou, na grande maioria das vezes, os atores. O mesmo acontece com a música e as apresentações musicais dos artistas. Não é a música como manifestação artística que tende a vender revistas e a fazer capas de várias publicações, mas sim a informação centrada no cantor e, muito raramente, no compositor. É também neste sentido que a grande maioria dos textos e das revistas com a designação “cultural” se centram na cobertura de eventos, na notícia e na informação, a priori, dando um lugar menor do que outrora a textos de análise e de reflexão. Esta tendência pode ser explicada, em parte, pela

gigante máquina económica construída à volta das indústrias criativas e daquilo que se considera serem os interesses do público.” (Moreira, 2015, p.22).

Como tal, as manifestações culturais são essenciais na difusão da cultura e o jornalismo é o pilar para essa difusão, contudo, por vezes, pode fugir ao foco da questão por uma questão de audiências.

Capítulo 2 - O jornalismo e a disseminação da informação

O jornalismo é uma representação daquilo que se passa no nosso quotidiano, é a transferência de informação de um lado para o outro. A comunicação entre povos desde sempre foi necessária e tornava-se cada vez maior o aumento do interesse pelo conhecimento. Desde cedo, que a curiosidade pelo outro era maior do que as vezes por nós mesmos, o que despertou uma necessidade extrema de comunicar, primeiramente numa fase manuscrita e posteriormente impressa, algo que foi possível através da tipografia e impressão. Mas além do conhecimento que o jornalismo também nos dava, este também tinha a função de cativar e “ocupar o tempo” da sociedade, deste modo, pode-se assim entender, que o jornalismo vai buscar aos primórdios a sua essência, a sua origem¹, tanto por necessidade como por entretenimento, como explica Sousa:

“[...] O jornalismo vai buscar a sua origem mais remota aos tempos imemoriais em que os seres humanos começaram a transmitir informações e novidades e a contar histórias, quer por uma questão de necessidade (nenhuma sociedade, mesmo as mais primitivas, conseguiu sobreviver sem informação), quer por entretenimento, quer ainda para preservação da sua memória para gerações futuras (o que, simbolicamente, assegura a imortalidade).” (Sousa, 2008a, p.5).

Com o passar do tempo e com a evolução da história, o jornalismo foi sofrendo gradualmente alterações, surgiu a necessidade da informação, do povo se sentir cada vez mais informado das situações do país e do mundo. Hodiernamente, é difícil imaginar um mundo onde o jornalismo não esteja presente, apesar de por vezes desvalorizado e até mesmo criticado, é uma prática que veio revolucionar a história do mundo, hoje não é possível viver sem informação, a mesma corre nas nossas veias e deixou de ser apenas uma transmissão de boca em boca, para por exemplo, as rádios acompanharem os nossos trajetos no carro, as redes sociais, (páginas noticiosas) nos fazerem companhia em transportes públicos ou filas de espera e a televisão (jornais televisivos) acompanha também as nossas refeições, os momentos familiares por vezes mais importantes do dia. Era necessário, cada vez mais, uma prática de informação.

¹ Contudo, é no entender de Sousa (2008a), que o Jornalismo Português surge no século XX, devido à intensificação da censura à imprensa, assim como também, à repressão sobre os jornais e jornalistas que tentavam a todo o custo desafiar o poder, respetivamente os republicanos (na sua maioria).

2.1. Imprensa Periódica

Segundo Pollard (1992), apenas no séc. XV a impressão começa a avançar. Pouco demorou para que a impressão fosse realmente uma nova tecnologia e forma corrente e útil de ser utilizada diariamente, e sem a mesma, a evolução da imprensa não teria ocorrido da mesma forma, “a velocidade com que a impressão se espalhou só pode ser comparada com a do computador, na última metade do século XX.” (Pollard, 1992, p.36). Ocorre assim, uma rápida expansão na imprensa. Apenas concretizável devido ao fugaz avanço da imprensa. Mas em Portugal, ainda se estava um pouco longe desta realidade, ainda não existia qualquer folha noticiosa manuscrita ou impressa de origem nacional, como nos explica Tengarrinha (2013); esta é uma situação que apenas temos conhecimento no séc. XVI; “ Mas estas primeiras folhas manuscritas que nos foi dado a conhecer, além das notícias sobre o comércio incidem também sobre acontecimentos extraordinários de grandes batalhas, naufrágios, catástrofes naturais ou fenómenos prodigiosos que preenchiam todo um número [...].” (Tengarrinha, 2013, p.28). Estas folhas manuscritas surgem como folhetos, que se apresentam antes das gazetas. “A carta e o folheto manuscritos eram elementos de um circuito de informadores, de redes de correspondentes, destinados a levar a informação a um determinado ponto, para depois se voltarem a integrar numa outra cadeia que por sua vez iria alimentar uma nova configuração informativa.” (Soares, 2007, p.12). Eram profissionais na circulação de notícias, mas também de fácil adaptação ao mundo moderno, destinadas essencialmente o mundo dos negócios. Contudo, os folhetos noticiosos eram frequentemente confundidos com as gazetas, mas apresentavam algumas diferenças, as gazetas ao contrário dos folhetos noticiosos, não têm uma limitação na sua produção, acabam por ser em maior quantidade o que conseqüentemente permite uma maior expansão a nível do seu próprio marketing.

Com este aumento exponencial das técnicas de impressão, torna-se cada vez maior a necessidade, exigência e rigor da informação.

“A historiografia reconhece os almanaques e os calendários como as primeiras publicações que respeitaram uma periodicidade, outorgando-lhes a génese da imprensa periódica europeia. Todavia, é com a Gazeta que se estabelece a sua constituição definitiva. Construtora de um documento textual, massivo e homogéneo prevalecente durante uma longa duração, teve a possibilidade de formar o léxico mais comum, o mais habitual, e o que se vai tornar mais frequente na construção da cultura política europeia.” (Soares, 2007, p.22).

Além das leituras de notícias mais curiosas, é aqui, nas gazetas que se desenvolve uma enorme conjugação de ideias formadas e opiniões sobre a vida política, ideias políticas e formas de governação, assim como o poder e questões da sociedade vigente. Um jornal diário permitia ao leitor uma maior exatidão da informação, notícias frescas e acabadas de sair, bastante prático e recorrente, não permitindo ao mesmo estar desinformado sobre o que se estava a passar, pois um jornal diário iria incidir sobre os eventos ocorridos no exato dia anterior à sua publicação. Os primeiros jornais escritos começam a surgir aos poucos na Europa, mas antes passaram os almanaques pelas mãos dos curiosos e informados, assim como os anuários, que ocorreram em Portugal, onde de semestrais facilmente passaram a semanais, explica Tengarrinha (2013).

O jornalismo em Portugal, tornava-se gradualmente mais crescido, evoluído e diversificado, acima de tudo era igualmente inovador, além de que, após várias represálias anteriores e da quebra que trouxe na sua evolução, o mesmo agora queria expandir horizontes e quebrar barreiras ainda não alcançáveis.

Deste modo, a imprensa:

“Reconhecia a necessidade de mais ampla divulgação de conhecimentos científicos e técnicos e de aumento da instrução nas suas variadas vertentes, correspondendo também aos fenómenos do crescimento dos serviços nos grandes centros urbanos, à presença mais ativa da mulher no espaço público e à maior intervenção cultural da juventude. Tudo isto teve projeção geral na imprensa. O movimento dos periódicos apresentou então muito maior variedade, com destaque para os literários, recreativos e científicos.”
(Tengarrinha, 2013, p.807-808)

Pois, para além dos periódicos noticiosos referidos anteriormente, falamos também de periódicos enciclopédicos, como também de cultura, utilidades, entretenimento, eruditos, filosóficos, médicos, históricos, entre outros; denota Jorge Sousa (2008b).

Pode-se assim dizer, que estes periódicos são uma evolução constante do jornalismo em Portugal, e como tal, foram surgindo cada vez e com mais intensidade, como o Coimbrão² por exemplo, ou o Diário Lisboense, digamos assim que foi como o surgimento de uma imprensa regional, era cada vez mais sensato e necessário haver jornalismo em todo o lado, não faria sentido apenas uma ponta do país ter acesso à imprensa ou ser criadora da mesma, era necessário atingir também o interior do país, pois só assim, seria possível alcançar uma maioria. Deste modo, o jornalismo e os

² A Minerva Lusitana (1808-1811)

periódicos não se encontravam apenas nas grandes cidades, como Lisboa ou Porto, mas era visível o crescimento no restante interior do país.

“Nessa época [1834-1851], o fator talvez mais interessante para o desenvolvimento futuro do jornalismo português não veio do jornalismo estritamente político e erudito, mas sim do jornalismo político-noticioso e “popular”, pois, em 1826, tinha aparecido o primeiro diário “popular” português de sucesso, o Periódico dos Pobres, vendido a dez reis, o que o colocava ao alcance de um maior número de bolsas (os jornais políticos das elites praticavam preços que algumas vezes atingiam 60 reis ou mais). O Periódico dos Pobres foi publicado até 1846 e chegou a ter pelo menos cinco mil assinantes (Tengarrinha, 1989: 141). Tratava-se de um jornal essencialmente noticioso, escrito numa linguagem simples e que manifestava uma certa independência política, embora alinhasse pela defesa da Carta Constitucional.” (Sousa, 2008b, p.23).

Todavia, é de realçar que os periódicos surgidos nesta altura, mantinham um cariz meramente noticioso, davam a conhecer notícias sobre a guerra peninsular traduzidas de outros periódicos, respetivamente espanhóis e ingleses, explica Sousa (2008a), através de Tengarrinha (1989: 62). Deste modo, é bastante evidente que o teor noticioso português nunca foi uma pretensão de se perder, por muita força que a política conseguisse exercer.

2.2. Mercúrios

Foram surgindo os chamados “mercúrios”, onde é “bem visível, desde logo, que o Mercúrio é um jornal mais evoluído e bem organizado, estilisticamente mais cuidado e estabelecendo uma nova relação com o público.” (Tengarrinha, 2013, p.63), tal como ao contrário das Gazetas, o não anonimato dos redatores; uma diferença interessante que na opinião de Tengarrinha (2013) cativa o público e mostra um maior interesse e preocupação em estabelecer contacto com o próprio público, é uma publicação do frontispício de alguns números, onde se apresenta um pequeno resumo da matéria neles contida; além disso, o jornal inicia-se com uma apresentação, por forma a definir aquilo que iria ser tratado e os seus guiões de orientação. “De natureza diversa, os

mercúrios apresentaram-se no seu início como sínteses de factos notáveis e esporádicos, não encadeados, assemelhando-se às relações.” (Soares, 2007, p.25).

Mais tarde, surge o *Mercúrio Português*, a segunda publicação periódica estável que surge em Portugal. “O propósito principal do *Mercúrio Português* era, tal como escreveu o seu editor, António de Sousa Macedo, relatar as novidades da guerra entre Portugal e Castela (Guerra da restauração), constituindo-se quase como uma crónica noticiosa desse conflito, à semelhança de um folhetim.” (Sousa, 2008b, p.5). Torna-se notório o impacto político que ia surgindo nos mercúrios, pois além dos círculos restritos em praça pública onde se discutia política, a mesma passa para o papel, “Por outras palavras, nunca se perdeu a intenção noticiosa no jornalismo português, por muita força que tivesse a imprensa política.” (Sousa, 2008b, p.15) No entanto, segundo José Tengarrinha (2013), o *Mercúrio Português* termina a julho de 1667, onde apenas permanece o *Mercúrio Europeu* (durante o séc.: XVII), no mesmo período não surge nenhuma outra publicação periódica em Portugal.

Contudo, são vários os mercúrios que aparecem em Portugal, encontrando-se entre eles alguns exemplos, afirma Sousa (2008b) respetivamente, o *Mercúrio Filosófico* (1752), o *Mercúrio Gramatical* (1753) e o *Mercúrio Histórico, Político e Literário de Lisboa* (mensário, 1794).

2.3. Gazetas

As Gazetas fazem parte de uma fase importante do jornalismo, são um pedaço da história que hoje se modernizou, adaptou e evoluiu. Pode-se considerar que as mesmas surgiram no meio italiano, no séc. XVII, tradicionalmente eram usadas para a produção de avisos sem periodicidade definida, explica-nos Soares (2007). As gazetas influenciaram diretamente a imprensa oficial do período moderno, quando reuniam notícias de várias partes. Esta designava folhas manuscritas portadoras de notícias que circulavam há dezenas de anos, explica Soares (2007).

“[Gazeta] que deriva da moeda veneziana “gazeta”, quantia paga para se ouvirem as notícias das folhas volantes e dos primeiros jornais em atos de leitura pública. Esses primeiros jornais, ou gazetas, na sua essência,

correspondem a uma evolução do conceito de “livro noticioso” para uma publicação mais frequente, muito menos volumosa, de menor custo e com notícias mais atuais.” (Sousa, 2008a, p.75).

Ainda hoje não há um modelo exato que defina como as gazetas eram “construídas”, mas sendo que marcou fortemente Portugal na primeira metade do século XVII torna-se importante tentar definir alguns aspetos importantes, como tal Tengarrinha (2013), define seis aspetos cruciais, a periodicidade, que por norma era semanal ou mensal, mas este aspeto tinha a ver diretamente com os serviços de correios que ocorriam no país, e por esse motivo era costume ser semanal; posteriormente, a informação, ou seja, era um informação genérica, tanto a nível nacional como internacional, por vezes por culpa de situações políticas; o rigor da informação, a gazeta não tinha como primeira preocupação procurar a veracidade dos seus factos, mas sim os primeiros instantâneos que apareciam, apesar de o intuito do seu surgimento ser uma gazeta mais direcionada à veracidade dos factos, no entanto, isso nem sempre ocorria; depois, seria a independência, haviam várias gazetas, algumas encontravam-se subordinadas ao poder régio (do qual dependiam para poderem ser impressas e conseqüentemente circular), em Portugal, também se encontravam longe de iniciativas livres, pois precisavam de autorizações régias para serem imprimidas e distribuídas, e esta autorização era a garantia para o impressor; posteriormente há a redação, onde o privilegiado, o qual tinha o consentimento régio, ser considerado o proprietário da empresa; e por fim, a leitura, que segundo Tengarrinha (2013) divide-se em três momentos, a leitura logo após a sua publicação em Lisboa, um segundo momento em variados locais públicos onde a mesma era passada de mão em mão, ou quando lida em voz alta e por último; entre uma, duas semanas, quando eram enviadas pelo correio. Também se torna importante referir a forma como a Gazeta era redigida, com uma linguagem clara e precisa, para ser mais facilmente lida por uma população pouco escolarizada, explica Sousa (2008a).

Portugal foi um país que acompanhou os tempos, não querendo ficar para trás, por isso, criou a primeira gazeta portuguesa, inspirada na *Gazzete* francesa de 1631, explica Sousa (2008a); esta primeira gazeta portuguesa, inicia assim um ciclo, a periodicidade do jornalismo, tendo durado até 1647, sendo conhecidas como as “Gazetas da Restauração”. Era principalmente um local onde era oferecido notícias sobre o governo³.

³ Tengarrinha (2013), explica-nos que as Gazetas de Restauração, visavam principalmente contrariar o efeito negativo dos boatos dados pelos espanhóis sobre as suas conquistas, assuntos que iam ocorrendo na monarquia espanhola, assim como, da possibilidade colocada de que Espanha estaria a dominar o conflito.

Posteriormente, denota Sousa (2008a), as Gazetas, apresentavam na sua primeira página um título, por vezes era ilustrada derivado também à maioria dos leitores analfabetos, e colocando também a data e o local onde a mesma fora impressa ou editada. Como atualmente conhecemos num jornal de notícias, também a Gazeta apresentava uma panóplia de assuntos, afinal, teve de surgir um início do que hoje conhecemos. Havia, pois, notícias variadas, desde assuntos sociais, científicos, políticos, falando também das guerras, assim como comércio. Além disso, distinguíam-se pela sua periodicidade, como nos remete Sousa (2008a), tendo vários períodos, como bissemanal ou trissemanal, mas conseguindo alcançar a diária. Apesar de Portugal andar um pouco de pé atrás relativamente ao avanço fugaz em outros países, também sentiu necessidade de aderir a jornais diários⁴, “A partir de 14 de junho de 1809, a Gazeta de Lisboa, até então de periodicidade trissemanal, passou também a diário.” (Sousa, 2008b, p.15).

As situações que a Europa vinha de enfrentar necessitavam de mais informação, havia cada vez mais ideias, mais situações problemáticas e a sociedade sentia necessidade de se informar e, com este gradual aumento de informações partilhadas, havia mais necessidade de se fazer jornalismo.

“O aparecimento das gazetas permite afirmar que o jornalismo noticioso é uma invenção europeia dos séculos XVI e XVII, com raízes remotas na antiguidade clássica e antecedentes imediatos na Idade Média e no Renascimento. [...] É de referir, porém, que algumas gazetas não se resumiam a um conteúdo unicamente noticioso neutral. Incluíam também notícias “orientadas” e “selecionadas” para servirem determinadas causas, excertos argumentativos, opinativos e persuasivos, por vezes simplesmente propagandísticos, que prefiguraram a imprensa política de partido que haveria de animar os séculos XVIII e XIX. Como exemplos, temos as gazetas holandesas e mesmo as gazetas da Restauração portuguesas [...] Noutros casos ainda, as gazetas perseguiram objetivos religiosos e moralistas, sendo que, por vezes, numa única gazeta se misturavam textos com características noticiosas, propagandísticas, argumentativas e moralistas.” (Sousa, 2008a, p.80).

Posteriormente, entre 1760 e 1762, a Gazeta de Lisboa passou a ser tratada por outros funcionários, respetivamente os funcionários da Secretaria dos Negócios Estrangeiros e da Guerra, sendo assim, apelidada de Gazeta dos Oficiais da Secretaria, sendo cada vez

⁴ Surgem vários jornais Diários, como nos mostra Sousa (2008), entre os quais, o Novo Diário de Lisboa, o Jornal de Lisboa, o Correio da Tarde e O Mensageiro.

mais administrativa, mais orientada para a política, passando a ser a raiz do diário oficial português, o que ainda hoje utilizamos e apelidamos de Diário da República, remete Sousa (2008b).

Surge assim, também uma questão, ainda polémica nos dias de hoje, o jornalismo deve ser valorizado e como tal, deve ser pago, contudo, a informação é um bem necessário e nem todos tinham meios de a pagar. Para o povo, principalmente na altura, onde as condições eram inferiores, ficava difícil todos poderem aceder à Gazeta se a mesma apresentasse valores mais elevados. As Gazetas ainda se restringiam a tipo de público endinheirado, e por esse mesmo motivo, nem toda a população conseguia adquirir uma para si, não obstante, a mesma podia por vezes ser “adquirida” por este tipo de público em momentos locais, “pois eram lidas publicamente em feiras e noutros ajuntamentos, por vezes a troco de um pequeno pagamento por parte de quem escutava” (Sousa, 2008a, p.80); eram assim, “leitores indiretos”.

2.4. De noticiarista a jornalista

A profissão que hoje encaramos de jornalista, nem sempre assim foi, como a conhecemos. Na verdade, no início da prática de realizar notícias e as transmitir, não existia esta profissão, ou seja, ela estava lá, a essência, mas ainda não era considerada como tal. Cada vez mais havia mais trabalho por parte de quem escrevia notícias, mas ainda não existia uma profissão conforme o trabalho prestado.

Efetivamente a Gazeta começa a dar algum trabalho aos trabalhadores, conhecidos já como jornalistas e, como tal, com mais trabalho surge a necessidade de mais mão trabalhadora, um jornal necessita, portanto, de uma redação, mas para acompanhar o tamanho trabalho que ia surgindo, tornava-se cada vez mais necessário, profissionais dedicados ao assunto, deste modo havia uma “Exigência de profissionais (normalmente um ou dois) dedicados em exclusivo à redação, paginação e impressão.” (Sousa, 2008a, p.80). Como referido anteriormente, “[...] relembra ainda o mesmo autor [(Tengarrinha, 1989: 189)], no século XIX, em especial a partir de 1834, a situação modifica-se, passando os jornais a integrar mais colaboradores, surgindo as funções de editor e de chefe-de-redação.” (Sousa, 2008b, p.76).

“As redações alargaram-se para albergar os noticiaristas, passando a necessitar, além do editor ou diretor, de um coordenador (o chefe de redação), a quem Tengarrinha (1989: 190) atribui o papel de alma do jornal português do final de Oitocentos. Normalmente, havia também nas redações um folhetinista, quase sempre uma personagem prestigiada das Letras, que elaborava os folhetins e redigia crónicas de literatura, artes e espetáculos. A redação completava-se com os colaboradores, incluindo os informadores, cuja missão era essencialmente o de informar do que acontecia. O crescimento das redações provocará, mais tarde, a sua divisão em secções (ou editorias).” (Sousa, 2008b, p.45).

Todavia, nem sempre se apelidaram de jornalistas, até quase ao final do século XIX, eram cidadãos comuns que escreviam para jornais, anteriormente, nos séculos XVII e XVIII, os periódicos nasciam por iniciativa de particulares, “Em todo o caso, o jornalismo, naquele tempo, era essencialmente um produto concebido por donos de tipografias, auxiliados por noticiaristas contratados que, por vezes, também faziam trabalhos tipográficos.” (Sousa, 2008a, p.97). O conceito e a profissão de jornalista ainda não se encontravam bem definidas, jornalista ainda não era o que atualmente definimos como ser jornalista, as pessoas não estudavam especificamente para poderem exercer tal profissão, eram, pois, ativos cidadãos que gostavam de exercer estas funções, a profissão de jornalista teve os seus primeiros passos nesta altura. Segundo Sousa (2008a) era algo que qualquer cidadão decidia fazer, era um cidadão que fazia notícias e relatava factos, em locais mais livres, era um cidadão que fazia notícias sobre política também, era um cidadão ativo e preocupado em informar. Antes de existir a profissão de jornalistas, eram conhecidos como noticiaristas.

Era evidente a necessidade de cada vez mais profissionais na área, muitos ainda eruditos e aprendizes, pois era essencial haver profissionais dedicados ao assunto e informados sobre como deveria ser composta a notícia e assim imprensa. Como anteriormente dito, era também necessária uma maior divisão de trabalho que ia evidentemente aparecendo com mais frequência nas redações. E, sem esquecer, como denota Sousa (2008b), a fundação de organizações de classe, onde se afirmava uma profissão de jornalista, assim como também o surgimento dos sindicatos dos jornalistas. Posteriormente, a renumeração dos mesmos.

2.5. Controlo jornalístico

Desde sempre o jornalismo não morou sozinho, sempre foi acompanhado de pilares fulcrais que ditavam algumas “regras” e “imposições”, que a longo prazo afetaram a evolução natural da história do jornalismo. Portanto, história e política foram grandes propulsores deste jornalismo moderno, foram ambos fatores diretamente influenciadores do jornalismo, moldando-o à sua medida.

Sousa (2008a), mostra-nos uma Europa do século XVII dividida entre dois modelos de governação, monarquia absolutista de direito divino, simbolizada pelo Rei Luís XIV em França e, em contrapartida, a Inglaterra parlamentarista, saída de uma guerra civil e da revolução Gloriosa de 1688. Estes dois moldes normativos e funcionais do jornalismo são bastante diferentes, o inglês remete à liberdade de imprensa, ao que Sousa (2008a) afirma, Modelo Ocidental de Jornalismo, enquanto o francês “alicerça a forma de fazer jornalismo em ditadura (Modelo Autoritário de Jornalismo, influenciando também os modelos Socialista e Desenvolvimentista de jornalismo).” (Sousa, 2008a, p.80).

Não obstante, Sousa (2008a) mostra um continente que se encontrava dividido por Católicos e Protestantes, o que simultaneamente agrava o processo colonial, assim como cada vez mais, aumentava o comércio, e assim, sucessivamente intensificava-se a alfabetização.

Efetivamente, o jornalismo não se encontrava sozinho e independente como o pretendido, andava com um certo controlo, através de uma certa censura e licenças prévias, assim como medidas repressivas em críticas, que em 1768, com a instituição da Real Mesa Censória “foi substituída pela Real Mesa da Comissão Geral sobre o Exame e a Censura dos Livros, onde predominavam eclesiásticos.” (Sousa, 2008b, p.10).

Posteriormente, Portugal sofreu também as invasões francesas, assim como o resto da Europa, surgindo uma onda de desagrado e revolta, desse modo, o povo só poderia ampliar o seu desagrado com a única arma que tinha, a imprensa, pois, a palavra é a arma mais forte que até hoje perdura, sendo assim, segundo Sousa (2008b) foi criado uma "imprensa anti-napoleónica" clandestina; e em contrapartida, surge também a "imprensa napoleónica" como por exemplo, o Diário do Porto, onde as forças francesas que estavam nos países ocupados, financiavam este último, em prol de um jornal noticioso e, deste modo é visível o forte controlo político sobre a imprensa⁵. "Esse

⁵ Tal desígnio político é possível de ser assistido através das publicações do Diário do Porto, tal como descrito pelo autor, O marechal é assim descrito no número 1 do Diário do Porto: “Mas a Divina

jornal estava ao serviço do marechal francês Soult, um ambicioso militar francês, comandante das forças invasoras, auto-candidato ao trono de Portugal” (Sousa, 2008b, p.12). Nesta altura, os jornais satíricos ganham a sua força, como é possível de ver no exemplo "a Gazeta de Almada, lançada a 25 de agosto de 1808, que tinha por principal característica tratar-se de um jornal político-satírico, que procurava pôr os portugueses a rir-se dos invasores franceses." (Sousa, 2008b, p.16)

Contudo, é de notar também, que mais uma vez, a política era um forte meio dissuasor de jornalismo, para agradar este público mais específico, o jornalismo evoluiu uma vez mais para outro tipo de categorias, de qualquer modo, “Tengarrinha (1989: 61) inventaria 24 jornais surgidos em Portugal, só em 1809, durante a segunda invasão francesa, “o que dá uma imagem expressiva da efervescência dos ânimos e do dinamismo e combatividade da opinião pública”, acicatada contra o invasor.” (Sousa, 2008b, p.16); mas segundo Sousa (2008b), explica, através de Tengarrinha, que apenas existiu um periódico legal em Portugal, a Gazeta de Lisboa, pois, encontrava-se controlada pelo governo, onde se encontrava um favoritismo político. A censura esteve bastante presente no jornalismo e durante muitos anos, ditou, persuadiu e decidiu aquilo que poderia ser escrito, editado e publicado. O povo era assim, informado, não pelo que deveria saber através da liberdade de expressão, mas era sim informado apenas e somente daquilo que podiam e lhes convinha ser informados.

2.5.1. Jornalismo sob a alçada do iluminismo e o controlo no Século XIX

No século XVIII, a sociedade encontrava em si o século das luzes, o iluminismo, o que permitiu um aumento da atividade jornalística. Foi notório o impacto da política, decisões, leis, guerras, entre outros, que insidia no jornalismo. Quanto mais mudanças ocorriam, mais o povo sentia necessidade de ser informado, o povo queria conhecimento e só os jornais o podiam dar. “A França irradiava a cultura, enquanto a

Providência tinha determinado que não padecessem todos pelo crime de alguns, para cumprir os seus profundos e inescrutáveis Decretos permitiu que o Exército francês fosse comandado em chefe por um herói, em cujo coração se disputam a primazia, o valor e a humanidade. O Ex.mo Senhor Duque da Dalmácia, conhecido antes pelo nome de Senhor Marechal Soult, é este herói, cuja alma escuta sempre mais as vozes da piedade, que os clamores do mais justificado ressentimento. Assim são os homens verdadeiramente valorosos, os verdadeiros heróis, bravos no combate, humanos na vitória”. (Sousa, 2008, p.13).

Inglaterra irradiava o apego às liberdades políticas” (Sousa, 2008a, p.89), cada vez mais era visível as mudanças nas mentes, os filósofos e artistas que cada vez iam surgindo e modificando a mente humana, como podemos observar em Rousseau, Voltaire, Locke, entre outros, como nos refere Sousa (2008a), faziam crescer a ansiedade de conhecimento entre o povo. Segundo Sousa (2008a), é na Inglaterra Setecentista, que se desenvolve os maiores passos na imprensa jornalista, devido à sua maior liberdade.

Ocorre uma mudança, a Revolução Liberal e Constitucionalista em Portugal, no ano 1820. E a 12 de julho do ano seguinte ocorre a primeira lei sobre a liberdade de imprensa. Em 1922, é reforçado esse direito através da Constituição Liberal. Neste contexto, surge *O Astro da Lusitânia*⁶, a 30 de outubro de 1820, não só aparecem os liberais, mas também os antiliberais, a favor do governo e da censura, como é o caso da *Gazeta Universal*, o *Braz Corcunda* e o *Trombeta Lusitânia*, refere Sousa (2008b).

O séc.: XIX veio trazer algumas novidades, à semelhança das evoluções que o mesmo sofreu. “Os jornais do século XIX, porém, também se detinham no aprofundamento de problemáticas, inclusivamente por iniciativa jornalística.” (Sousa, 2008b, p.39) Foi um século de mudanças, como temos conhecimento por exemplo da Revolução Industrial, que fez mudar o rumo dos jovens, maior migração para as cidades, em busca de melhores condições de vida, salários acessíveis, onde houve assim uma luta pelos direitos dos trabalhadores e o surgimento da classe operária. Foi um século onde o capitalismo ganhou asas e o mundo cada vez ficava mais pequeno, como podemos entender através de Sousa (2008a); equipamentos como o telégrafo, estradas e

⁶ Um período que não teme em enfrentar o governo, como é notável na Introdução do seu primeiro número: “Portugal acaba de fazer uma revolução, que nas idades futuras passará por milagrosa, e servirá ainda de prova de que seus habitantes conservarão alguns restos de virtude, apesar dos contínuos assaltos do Despotismo, que não podendo estender o Ceptro de aço sobre uma Nação moribunda, unicamente tratava de fazer-nos perder aquele carácter com que tanto se ilustraram os nossos maiores nos dourados séculos da Monarquia Lusitana. Por um sistema desde longo tempo combinado foram os portugueses privados de tudo quanto pertencia ao Governo, à legislação e administração da Fazenda: todos esses importantes objetos foram reservados unicamente para certos indivíduos privilegiados e que dispunham de tudo sem responsabilidade alguma. Não havia entre nós quem ousasse pedir contas das rendas do Estado, quem pedisse as razões e os motivos de tantas leis ineptas e parciais. Nós não tínhamos verdadeiramente pátria. Por outra parte, os prémios e as aparatosas honras concedidas àqueles que mais se esmeraram em devorar a substância da Nação, ou iludir com a capa da hipocrisia um Príncipe que a Providência destinou para fazer a felicidade dos seus povos, faziam desviar do caminho da Virtude aqueles que não se contentavam só com a doce satisfação de haver cumprido o seu dever. Estas, e muitas outras causas cuja narração seria longa, e penosa, arrojaram a Nação num conjunto de males cuja existência todos nós sentíamos e para cuja reforma fizemos uma revolução única no seu género. É, porém, digno de notar-se que havendo hoje em Portugal tantos homens de letras ocupados em escrever jornais e periódicos, ainda nenhum deles se lembresse de patentear aos olhos do povo português quais eram esses vícios, esses abusos, essas instituições monstruosas, que nascidas nos séculos da (...) ignorância, se têm conservado até aos nossos dias, a despeito do bom-senso e da filosofia. Ainda nenhum entre nós se lembrou de apontar os remédios indicados pela Nova Ordem das coisas em que somos entrados.” (Sousa, 2008, p.20).

caminhos de ferro ligam as comunidades, assim como partilham de forma rápida e segura a informação. No entanto, esta revolução, não surgiu em todo o lado ao mesmo tempo, nem alcançou todo o lado.

Foi um século onde fortes correntes ideológicas começaram a desbotar, o que viria a gerar conflito. O jornalismo começava a sofrer mudanças, cada vez mais era direcionado a questões políticas. “O século XIX foi, também, como se disse, um século de expansão das ideias liberais e do espírito burguês, a que se associa a ideia da liberdade de imprensa. Esse fenómeno levou ao florescimento da imprensa política [...], party press.” (Sousa, 2008a, p.105). Posteriormente, como refere Sousa (2008a), surgem os penny press, jornais de carácter mais popular e acessível aos leitores mais desfavorecidos e, posteriormente as primeiras agências de notícias, “organizações que se dedicam a produzir notícias e outras informações para venda aos órgãos jornalísticos e a outras entidades potencialmente interessadas, como grupos económicos, governos, etc.” (Sousa, 2008a, p.128).

Não obstante, a política desde cedo influenciou aquilo que era e não publicado, a história do país fez parte da evolução e regressão do jornalismo, com a Carta Constitucional parecia defender a liberdade de imprensa, assim como a criação de novos periódicos, mas cedo se verificou exatamente o contrário, a censura e a coerção. A censura no jornalismo sempre foi uma porta ao próprio ego dos governadores, serviam-se dos jornais para exaltar feitos, defender ideais, e informar sobre aquilo que lhes interessava e enaltecia, era uma forma de exercer no povo o seu próprio ego, e controlar aquilo que os poderia “derrubar” ou prevenir a fermentação de ideias “negativas”; como tal, “Os conflitos do final do século XIX tinham provado, por um lado, que a falta de controlo da imprensa dificulta o controle dos custos políticos das guerras e, por outro lado, que o controlo sobre os conteúdos pode ser uma arma propagandística relevante” (Sousa, 2008a, p.181).

A perseguição jornalística, digamos assim, não se deixou ficar pela censura, mais tarde, em 1840, como nos explica Sousa (2008a), surgiam novas leis, novas imposições e restrições aos jornalistas, era necessário ter requisitos cívicos extraordinários e bens avaliados em um conto e duzentos mil reis, valor mínimo, para poder assumir responsabilidades em indemnizações e multas em juízo. As perseguições e censuras continuaram.

Com o passar do tempo, surge a Lei das Rolhas (3 de agosto de 1850), bastante criticada por vários cidadãos jornalistas como por exemplo Alexandre Herculano e Almeida Garrett, originando cada vez mais protestos em todo o país e a sua oposição e

infração levava a penas de prisão e multas. O desagrado era evidente, e após um golpe militar em maio de 1851, surge uma certa liberdade de imprensa, levando assim ao nascimento dos primeiros jornais portugueses de “massas”, refere Sousa (2008a).

Os jornais republicanos, tinham uma orientação editorial estritamente política ou político-noticiosa, a partir de 1843⁷, e no percurso oitocentista foi uma grande novidade, contribuíram para a propagação da causa republicana, e em 1910 (século XX), para a instauração da república. Segundo Sousa (2008b), *O Século* foi um diário português de imenso alcance e o mais importante diário português oitocentista e do século XX.

A queda da monarquia ocorreu a 5 de outubro de 1910, onde até então as medidas tinham sido bastante repressivas.

2.5.2. Censura “Azul”

O jornalismo enfrentou desde sempre várias lutas, como formas de se sustentar, de alcançar mais leitores, a criação da profissão de jornalista, mas também, de acordo com a descoberta da sua identidade, mais especificamente, com a necessidade de ter liberdade. Se desde sempre existiu uma extrema necessidade de informação, era fulcral que a mesma passasse sem pontos e vírgulas, simplesmente poder se dizer aquilo que realmente se estava a passar, sem falsos contos de histórias, mas sim, uma verdade sem certos controlos. Mas desde sempre, o que deve ser dito e o que deve ser controlado, foi parte conflituante da nossa história. A democracia e a ditadura sempre foram formas de governar, e de certa forma, por muito reduzida ou não, acaba por afetar a liberdade de expressão dos jornalistas.

O Estado Novo foi bastante severo e repressivo com os que desrespeitavam as suas orientações. Neste sentido, veio atrasar de certo modo uma grande evolução na imprensa. Pois, explica Sousa (2008a), a censura retardou a expansão da imprensa.

“Num mundo em mudança, O Primeiro de Janeiro, jornal de referência no Porto, bem como o Diário de Lisboa, o República e o Diário Popular, jornais da capital, conseguiram ser, de algum modo, vozes da oposição democrática ao

⁷ Exemplo: “*O Tribuno*”

regime, apesar de serem ultrapassados, em tiragens e circulação, pelo Século e pelo Diário de Notícias, formalmente independentes, mas situacionistas.”⁸
(Sousa, 2008b, p.61)

A censura teve um papel fulcral na formação do Estado Novo e, a imprensa teve uma grande penalização nesta fase da história. O Estado exercia o direito de ler e rever todos os jornais, antes de chegar às bancas e posteriormente às mãos do povo. Em tudo aquilo que não podia ser impresso, era desenhado uma cruz a lápis de cor azul. E de novo, a redação tinha de reformular o jornal.

A RTP também não escapou às mãos de Salazar, que se apoderou do meio e aproveitava para demonstrar o seu regime político nos telejornais, refere Sousa (2008b), à semelhança do que também já acontecia na rádio. Mais tarde, com a subida de cargo de Marcelo Caetano à presidência do Conselho de Ministros, “a televisão foi mais marcadamente instrumentalizada pelo regime, tendo ficado célebres os programas de “Conversas” protagonizados pelo próprio presidente do Conselho, bem como os editoriais agressivos (contra a oposição, contra os movimentos anticolonialistas, contra os países que apoiavam esses movimentos...) que passaram a marcar os telejornais.” (Sousa, 2008b, p.76).

Em suma, o telejornal servia de uma publicidade a uma política que assombrava Portugal na altura, mas também servia de um meio de união, um combate ao pouco conhecimento provocado pela falta de comunicação e de informação a correr no país e conseqüentemente no mundo. Quebrava ligeiramente o isolamento de Portugal, graças a um regime que se ditava, explica Sousa (2008b).

Não obstante, com a Revolução dos Cravos, a Revolução do 25 de Abril, houve um novo impulso no jornalismo em Portugal, com o restabelecimento da liberdade de imprensa. “A reconquista da liberdade, em abril de 1974, permitiu também que o telejornalismo se libertasse da censura institucionalizada e se aproximasse da realidade quotidiana das populações.” (Sousa, 2008b, p.76). A censura deixou de ser praticada e o jornalismo via em si finalmente uma luz ao fundo do túnel, a possibilidade de finalmente poder ver em si praticado a verdade sem controlo político.

⁸ Assim como, mais tarde, com o surgimento do *Expresso*, em 1973.

Capítulo 3- Imprensa moderna e de massas do século XX

Ao longo do século XIX, surgem novos modelos de negócio a fim de inovar a imprensa em Portugal. Os jornais alcançam um meio mais vasto, concentrando-se no noticiário, algo que interessa mais ao público, que se converte num público de massas, para uma imprensa de massas. Através de um estudo realizado por Leitão (2020), “*A Publicidade e o Desenvolvimento da Imprensa de massas em Portugal: Os casos dos periódicos Diário de Notícias, o Século e o Primeiro de Janeiro*”; podemos entender de uma forma mais precisa, a imprensa de massas, assim como as inovações utilizadas e a influência da publicidade na imprensa em Portugal.

Torna-se evidente a influência da publicidade na imprensa, quer em quantidade como na qualidade da mesma, bastante notável através da quantidade de suplementos impressos, entre outros, mas também pelas inovações técnicas aplicadas em todo o processo. O estudo de Leitão⁹, incide em 3 periódicos, “*O Diário de Notícias*”, “*O Século*” (ambos em Lisboa), e “*O Primeiro de Janeiro*” (no Porto). A partir do Decreto de 22 de junho de 1880, os anúncios, incluindo o Diário do governo, atual Diário da República, passam a estar sujeitos a um imposto de selo, onde o valor aplicado é de 10 réis por anúncio, explica Leitão (2020).

Mais tarde, a 17 de julho de 1924, começa a ser aplicada uma taxa de 3% sobre receitas de publicidade. Há assim, uma reviravolta na imprensa, digamos que aquilo para que sempre os jornalistas lutaram, liberdade de imprensa, torna-se vitoriosa e perdida rapidamente sem se dar conta; através da imprensa de massas torna-se um aspeto crucial cativar e atingir mais público do que realmente trazer por escrito o que é de extrema importância. A imprensa, é subtilmente controlada pelas massas, portanto, a liberdade de imprensa é um mero estado, que tanto é aplicado como de repente se perde sem se dar conta.

Deste modo, os jornais perdem a sua carga ideológica, em prol de agradar o público com pequenos escândalos e curiosidades, refere Leitão (2020). Estamos a falar de uma

⁹ Foi realizada uma análise sobre a evolução das inserções na imprensa ao longo de três décadas e meia, ou seja, mais especificamente entre os anos económicos de 1889/90 e 1923/24, com detalhe, até 1896/97 (mês e distrito).

periodicidade diária onde o preço baixa para 10 réis, assim como, uma maior linha de distribuição, pois através do desenvolvimento do país como caminhos de ferro, torna-se uma rede de maior alcance, explica Leitão (2020), através de Tengarrinha e Miranda (Tengarrinha, 1989, 221; Miranda, 2014, 118-125, 215).

O objetivo do negócio é o lucro. E os jornais passam a ser a base do lucro, quanto mais tiragens, mais possível seria baixar o valor do jornal, um menor preço de venda ao público incita a uma maior atração por parte do mesmo e, com as crescentes receitas da publicidade (devido a cada vez mais espaços em branco dedicados à mesma), torna-se possível gerar mais receitas e lucro para manter a atividade de produção do jornal em bom rigor e funcionamento. E tudo se transforma numa bola de neve, mais população a ler o jornal, atrai mais anunciantes a publicitar as suas coisas, gerando mais lucro para os jornais e aumentando cada vez mais a sua produção. “Tal como se verificou em Espanha (Rodríguez Martín, 2015: 370, 382), a economia da publicidade permitiu aumentar o formato dos jornais portugueses, aperfeiçoar o grafismo e diversificar o âmbito dos periódicos.” (Leitão, 2020, p.49). A imprensa desde cedo sempre foi o meio mais utilizado e apreciado pelos anunciantes, explica Leitão (2020), mas também era o que mais alcance dava, conseguindo ser superior à rádio, que só mais tarde começou a ter mais abrangência, relativamente à imprensa.

Através do estudo de Leitão (2020), o Diário de Notícias foi o jornal que em 1864, colocou primeiramente o modelo de imprensa como negócio, um novo modelo de negócios, muito conhecido como “paladino”, refere Leitão (2020). Fundado por Eduardo Coelho, recebia um enorme volume de anúncios, o que explica o seu rápido crescimento económico. Foi um Jornal que se considerava pioneiro, um pioneiro no jornalismo, em vez de se sentir enfraquecido ou rivalizado pelos restantes jornais que lhe tentavam a todo o custo fazer frente, o mesmo recebia em si os louros deste surgimento, devido à forma como os restantes jornais tentavam “copiar” os formatos e as ideias, em suma, o seu modelo jornalístico.

O preço tornou-se mais reduzido e mais apelativo, 10 réis, portanto o alcance era claramente maior numa sociedade que não vivia propriamente da riqueza alheia. Consequentemente, o baixo valor conseguia alcançar públicos diferentes em várias classes sociais, além de, criar e conquistar novos hábitos de consumo.

Já *O Primeiro de Janeiro*, fundado em 1868, torna-se um sucesso de vendas nas mãos de Gaspar Ferreira Baltar; um jornal do norte, da cidade do Porto, que reservava enormes espaços para anúncios, foi também bastante reconhecido pelos seus colaboradores, diz Leitão (2020). Por outro lado, *O Século* foi o jornal mais vendido de

Portugal, enquanto mantinha o seu diretor, José Joaquim da Silva Graça, que exerceu esta função entre 1896 e 1921; era constituído por vários suplementos temáticos, assim como, revistas ilustradas e vários elementos que conseguiam cativar o público e, nestas páginas que surgem publicidades de cariz mais moderno, destacando-se dos restantes concorrentes. As assinaturas eram a forma de negócio e suporte dos jornais, “Antes de 1865, encontramos ainda os chamados jornais populares, de preço inferior a 40 réis, entre os quais se destaca o Periódico dos Pobres, vendido a partir de 1826, a 10 réis, e que no segundo ano de vida contava já com 5.000 assinantes.” (Leitão, 2020, p.51).

A verdade é que as assinaturas não eram suficientes para suportar os custos do jornal e todo o trabalho por de trás do mesmo, a sua realização, impressão, distribuição, etc., era necessário mais. Os anúncios era a solução para grande parte dos problemas, começando a ser introduzidos com maior peso e medida em mais páginas dos jornais, “havendo assim a possibilidade de inserir anúncios no corpo do jornal, intercalados em notícias [...]” (Leitão, 2020, p.53).

Os preços eram divulgados no próprio jornal, o leitor sabia assim os custos da produção do que tinha nas suas mãos, sendo justos os valores praticados no ato da sua compra. “Pretendia-se que o público estivesse informado sobre os valores praticados. No caso d’*O Primeiro de Janeiro*, o preço vinha logo na primeira página, colocado próximo do título (Pequena História, 1943: 55).” (Leitão, 2020, p.53).

Ao contrário do preço exibido no jornal impreso, as tiragens mereciam o absoluto segredo por parte dos Jornais, ou seja, o segredo mantinha o negócio, pois, os anunciantes iriam preferir o que tivesse mais tiragens, por esse motivo, era imprescindível para sucesso de todos, que as tiragens fossem de absoluto segredo, “Era a tiragem que ditava quer a preferência dos anunciantes na escolha dos jornais para a inserção dos anúncios, quer ainda o preço cobrado por linha.” (Leitão, 2020, p.53).

A gratuidade também foi uma forma utilizada, claramente apelativa, dispensando assim o valor pago pelos leitores. Estes eram distribuídos gratuitamente em estabelecimentos com grande afluência de público, assim como também, eram colocados em placards.

“A notável longevidade d’*O Grátis*, de mais de duas décadas, e as restantes experiências de títulos a baixo preço de venda dirigidos às massas urbanas dão a indicação de que a estratégia adotada pelo Diário de Notícias tinha já, pelo menos, alguns casos de sucesso comercial testados e comprovados. O que este periódico trouxe de revolucionário foi a conjugação da nova linha editorial

focada no grande público, da grande tiragem e distribuição de jornais e, sobretudo, a grande capacidade de atração de anúncios.” (Leitão, 2020, p.52).

Todavia, os anúncios nos jornais são compostos por quatro fases de crescimento¹⁰ apesar de certas épocas com algumas reduções de anúncios, devido às Grandes Guerras e períodos mais conturbados da história, os anúncios foram e são destacados como parte integrante e essencial das tiragens, sendo cada vez mais, principalmente em momentos pacíficos da história. É também notório que o interior de Portugal não é valorizado, apenas os grandes centros são valorizados, “podemos dizer que toda a imprensa de fora da capital era considerada de “província”.” (Leitão, 2020, p.58).

No estudo realizado por Leitão (2020), “Os três diários em estudo evidenciam o crescimento exponencial da circulação, sempre acompanhado pelo desenvolvimento em quantidade e qualidade das suas páginas de publicidade.” (Leitão, 2020, p.64). A publicidade foi o motor económico para a imprensa de massas, permitiu diminuir preços, aumentar tiragens, chegar a mais leitores, captando-os com a sua atenção.

3.1. Publicidade na imprensa

A publicidade surge como um meio para um fim, como visto anteriormente, necessária para fazer andar o negócio, como forma de lucro ou sustento dos próprios jornais. A publicidade torna-se fulcral, publicitar algo incentiva a que esse artigo/objeto seja comprado pelo consumidor e assim havia uma mútua ajuda entre os jornais e os anunciantes. Este “estilo de vida”, digamos assim, surge na sociedade humana, derivado do facto de sermos seres influenciadores e influenciados. “A historiografia situa antes da imprensa a existência de uma paleo-propaganda, incontestavelmente eficaz, revelada nas diversas manifestações concebidas pelo homem que nos foram transmitidas” (Soares, 2007, p.44).

Contudo, há uma diferença entre publicidade e propaganda, a primeira tem um fim, a compra; a segunda tem por objetivo a transmissão de algo, como uma ideia, ideologia, ou teoria por exemplo. “Todavia, o desenvolvimento da publicidade é contemporâneo da invenção da imprensa em 1450.” (Soares, 2007, p.44).

¹⁰ Respetivamente, no período em estudo do autor, 1889- 1924.

O jornalismo passou de um ato de informar para também ser um negócio, com grande escala, linguagem clara e baixos custos, custos estes sustentados pela publicidade. A publicidade torna-se uma forma de sustento dos jornais, uma grande ajuda económica.

A prática de colocar publicidade em jornais, não era uma técnica recente, já era utilizada no século XVII nas Gazetas, mas manteve-se devido a ser uma forma de manter uma continuidade e sustentar a arte de informar. Deste modo, a “Inclusão de anúncios pagos (principalmente a partir de meados do século XVII, com o pioneirismo a pertencer, provavelmente, à Gazeta de Veneza). A inclusão de publicidade diminuirá o preço do exemplar, tornando as gazetas acessíveis a mais pessoas.” (Sousa, 2008a, p.80). Atualmente, o mesmo ainda se aplica, quanto mais publicidade, mais acessível se torna o preço do exemplar noticioso, alcançando cada vez mais público.

A publicidade é mesmo um estilo de vida, tanto que, ainda hoje em dia, somos esbarrados com publicidade para qualquer lado que nos viremos, a publicidade gera lucro e o lucro permite a riqueza e maior produção de produtos. Deste modo, é através dos anúncios que grande parte do jornalismo é pago, e ainda hoje em dia, é notável isto.

“Para conhecer a dimensão do mercado de anúncios nos anos anteriores a 1889, apenas nos podemos guiar por alguns números avulso, em particular os do Diário de Notícias. No primeiro ano de atividade deste periódico foram publicados 14.402 anúncios nas suas páginas. No ano seguinte, esse valor aumentou para 40.263. Vinte anos passados da sua fundação, o jornal aproximava-se dos 180.000. No final da década de 1880, as inserções no diário já representam 31,4% do total de anúncios publicados na imprensa nacional (Cunha, 1914: 56-60).” (Leitão, 2020, p. 55)

Os jornais, por albergar tanto anúncios, começaram gradualmente a aumentar o seu tamanho, o que leva conseqüentemente a um aumento de páginas, por vezes acumulando inclusive páginas extras, a fim de conseguirem conter ainda mais anúncios. Atualmente este local no jornal é conhecido como os classificados. Contudo, há uma diferença entre anúncios e reclames, os anúncios ainda se encontram classificados como “os classificados”, algo simples, direto e pequeno, os reclames inovam-se, encontram-se no nascimento da publicidade, com grandes destaques e por vezes feitos com pessoas conhecidas, apresentando também bastantes inovações gráficas e uma linguagem mais cativante para poder apelar o público, que era assim, o objetivo primordial, assim como, os mesmos ocupavam um maior espaço no jornal:

“Os reclames diferenciam-se dos anúncios não apenas no sentido gráfico, mas sobretudo pela inclusão e figuração da marca comercial, estabelecendo uma

relação de diálogo contínuo com o leitor/consumidor, em contraponto com as oportunidades de venda circunstanciais dos anúncios. Nesse sentido, podemos classificar a publicidade como “moderna” pela centralidade que as marcas assumem na proposta comercial veiculada pelos materiais publicitários. Desenvolve-se a partir deste momento uma linguagem própria, assente em mensagens que apelam diretamente às necessidades do consumidor.” (Leitão, 2020, p.61).

A publicidade foi um meio para atingir um fim, querendo por isto dizer, que sem ela, os jornais iriam demorar muito mais para alcançar o que em tão pouco tempo conseguiram, deste modo, mais lucro no negócio permite um maior investimento dentro do mesmo, e os jornais não foram diferentes, graças a este carácter que a publicidade deu, “[inicia-se] uma vasta campanha melhoramentos técnicos, só possível graças ao retorno providenciado pela publicidade “(Rosa & Pavão, 2002: 185): «adquirem-se novas máquinas, renovam-se tipos, melhora-se o papel, aumenta a tiragem [50.000 exemplares] (...)” (Leitão, 2020, p.62).

Através de Rosa & Pavão, Leitão cita:

“Passa a dedicar-se à “grande publicidade”, inserindo peças cujo tamanho ia desde 1/8 de página até à página inteira. Os reclames partilharão a terceira página do jornal com os programas de cinema, teatro e outras casas de espetáculos, ficando a publicidade associada não só ao entretenimento como a uma das grandes inovações da altura, o cinematógrafo (Rosa & Pavão, 2002: 186).” (Leitão, 2020, p.62).

Consequentemente, há um melhoramento gráfico do próprio jornal, que em função de uma bola de neve, melhora a qualidade dos anúncios inseridos nos jornais, assim como o design do mesmo, a capa torna-se um alvo de destaque e atração do público pelo jornal, pois ainda hoje sabemos que as primeiras impressões geram as vendas, proporcionando deste modo, ao jornal, um aspeto de cartaz e a organização do jornal, altera-se, em função de uma melhor organização e produção do mesmo.

3.2. Radiojornalismo

Inicialmente usado como utilidade política e militar, rapidamente ganhou fama e as entidades comerciais começaram a querer algo semelhante, as atividades de radiodifusão. Algo que após a década vinte acabou por se transformar num enorme fenómeno, que rapidamente alcançou o resto do mundo. Apesar de lidar com situações políticas complicadas, onde o fascismo, o nazismo e o comunismo ascendiam, o radiojornalismo acabou por se poder difundir, “Em Itália, Espanha e em Portugal o sistema foi inicialmente aberto à iniciativa privada, mas as ditaduras de Mussolini, Franco e Salazar impulsionaram a criação de emissoras públicas (Unione Radiofonica Italiana, depois de EIAR- Ente Italiano per le Audizione Radiofoniche; Radio Nacional de España; e emissora Nacional).” (Sousa, 2008a, p.223).

A rádio teve uma crescente utilização e, como tal, também cresceu num período conturbado assim como a imprensa, mas “para se impor, não teve apenas de desafiar as restrições à atividade de radiodifusão. Também teve de enfrentar as empresas editoras de meios jornalísticos impressos quando começou a difundir notícias.” (Sousa, 2008a, p.224). Inicialmente, o radiojornalismo surge com o aparecimento da primeira emissora profissional de rádio, KDKA (norte-americana), nascida a 2 de novembro de 1920, explica sousa (2008a). A rádio passa a ser um espaço perfeito para a difusão de notícias, permitindo uma maior rapidez na sua difusão.

Os seus primeiros passos, não diferem significativamente do que as rádios são hoje em dia, difusoras de música, informação e entretenimento, desde competições desportivas, maioritariamente o futebol, assim como jornalismo cultural e científico, havendo por vezes espaço para a cobertura de várias conferências. Contudo, não permitiram aos jornais sentirem-se ameaçados, apesar de serem mais rápidos, e alcançando uma maioria de pessoas, incluído as analfabetas, cegas e com dificuldades visuais. “Todavia, a crise económica de 1929 inverteu a posição dos editores de jornais, que receavam que a rádio lhes tirasse leitores. Por isso, ocorreu uma verdadeira guerra entre jornais e rádios, não apenas nos Estados Unidos, mas também na Europa.” (Sousa, 2008a, p.225). Contudo, uma situação que foi controlada devido a uma certa pressão aplicada através dos editores de jornais, por exemplo, em Inglaterra, o governo apenas permitia a transmissão de notícias pela rádio após serem publicadas pela imprensa; nos Estados Unidos, em 1932, as rádios apenas eram permitidas a transmitir um máximo de dois noticiários por dia, também apenas após a saída dos jornais; assim como em França,

até 1937, as rádios apenas eram permitidas a transmitir duas reportagens por semana, emitidas apenas três horas depois da saída dos jornais, explica Sousa (2008a).

A rádio torna-se uma espécie de arma subtil de carácter político, pois, as ditaduras, a Guerra Civil de Espanha e a II Guerra Mundial, através de emissões de ondas curtas permitiram assim uma maior propaganda à sua causa, por vezes de uma forma internacional. Contudo, a maioria dos governos ocidentais, manteve várias emissoras de rádio, como a portuguesa RDP (Rádio Portugal), onde se poderia ouvir na mesma, emissões de carácter internacional, explica Sousa (2008a), deste modo, “Ainda assim, tem-se assistido a uma lenta, mas concreta, conquista de um espaço autónómico para o jornalismo e os jornalistas de rádio, pese embora a propaganda insinuante e invisível e as pressões que, por vezes, se fazem sentir sobre os jornalistas, mesmo nas democracias ocidentais” (Sousa, 2008a, p.225-226).

Efetivamente, apesar de algumas complicações, ou seja, algumas resistências dos anos vinte e início dos anos trinta, há assim uma configuração da rádio daquilo que hoje conhecemos, “vingando o modelo do radio jornal hora a hora, complementado, pontualmente, com transmissões desportivas, culturais e científicas e programas de entrevistas, debates e reportagens, pese embora o facto das reportagens estarem condicionadas pelas circunstâncias de receção e pelos gostos dos públicos.” (Sousa, 2008a, p.226). Na verdade, acaba por haver um complemento entre a rádio e a imprensa, afinal trata-se da prática da atividade jornalística, e assim, há uma colaboração entre os mesmos, pois hoje em dia, muitas vezes é exigido aos jornalistas que tenham competências de multimédia, assim como, há redações de jornais com pequenos estúdios de rádio e televisão, preparadas para os jornalistas apresentarem histórias que os leitores apenas irão ler no dia seguinte, explica Sousa (2008a).

Os rádios jornalistas transformam-se em jornalistas especializados na matéria, onde até a linguagem tem de ser moldada para o público e não pode ser utilizada uma linguagem corrente, tornam-se especializados na recolha e no processo da informação que irá ser passada na rádio. Porém, além da enorme diversidade de rádios que foram surgindo ao longo dos anos, há algumas que são especializadas na divulgação de notícias, como conhecemos a atual TSF, uma rádio portuguesa.

3.3. Cinejornalismo

Tudo começou quando alguém se lembrou de direcionar uma máquina de filmar para um acontecimento com a finalidade de divulgar a terceiros, ou até, pode até ser confundido com um filme, como por exemplo a coroação do Czar Nicolau II na Rússia, realizado por dois colaboradores dos Lumière, Charles Moisson e Francis Doublier, a 14 de maio de 1896, refere Sousa (2008a); ou seja, inicialmente o intuito não era uma notícia, apesar de ser gravar o acontecimento. Mas gerou algo este pequeno acontecimento e daí fez-se história. Em 1906, em Paris, Gabriel Kaiser, cinematográfico e empresário, através do seu cinema, começou regularmente a projetar filmes sobre atualidades, o que se pode considerar um certo início, o nascimento do que hoje em dia atualmente temos ao ligar a televisão a fim de ver notícias, é talvez o primeiro protótipo de um cinejornal, mais tarde jornal televisivo. Só que nesta altura, apresentavam uma duração mais reduzida, cerca de 15 minutos de duração com exibição de quatro a oito pequenos filmes. Aqui eram visíveis certas características como a própria periodicidade, a atualidade, a variedade temática e uma duração standardizada, refere Sousa (2008a).

Posteriormente, surge Pathé, um outro empresário francês, que adaptou o esquema de Kaiser e criou o primeiro cinejornal, cuja denominação e a sua estrutura apelava à ideia de um jornal totalmente visual, onde tirava inclusive cópias do seu cinejornal e vendia aos proprietários de cinemas, salienta Sousa (2008a), que aliado a esta difusão de informação em massa houve várias dificuldades para que estes cinejornais fossem considerados pelas autoridades como jornais com jornalistas e repórteres de imagens, o que tornava difícil a sua deslocação a locais de variados acontecimentos.

“[...] nos noticiários de Pathé já se esboçava o aproveitamento da linguagem narrativa das imagens, articulada em planos fixos e de movimento, o que tornava as reportagens e os cinejornais lógicos e ritmados e, portanto, atraentes e apelativos. Fazer uma reportagem de atualidades deixava, gradualmente, de se resumir a apontar uma câmara para um acontecimento. Implicava dominar a linguagem das imagens, saber como enquadrar, dominar os diferentes planos e movimentos de câmara que poderiam ser aproveitados e saber também, na fase de montagem, articular logicamente, mais do que cronologicamente, os diferentes planos fixos e de movimento captados.” (Sousa, 2008a, p.229).

E como em qualquer negócio o objetivo é sempre o lucro, e a verdade é que este era um negócio com sucesso e bastante apelativo, várias foram as produtoras que começaram a produzir os seus próprios cinejornais, sempre em competição pelas melhores imagens,

melhores notícias e ainda hoje vemos, luta pelos melhores exclusivos. Assim, aos poucos, os cinejornais foram cada vez mais utilizados um pouco por todo o mundo, grandes produtoras começaram a produzir cada vez mais os seus cinejornais, tanto internamente como para um mercado externo, como tal, entre 1911 e 1913, refere Sousa (2008a), surgem, entre outras, Fox News, Universal News...mais tarde, em 1927, surge o Paramount News, entre outras famosas produtoras que se agarraram a esta nova prática jornalística.

Os cinejornais, transformavam-se cada vez mais numa corrente da vida, já não eram apresentados de uma forma independente, mas sim de como uma introdução, algo que antecedia o filme de destaque nos espetáculos cinematográficos, explica Sousa (2008a). Com o passar do tempo, em 1927, o som, começa a ser aplicado nos cinejornais, e em 1928 os primeiros cinejornais sonorizados, assim como audiovisuais, começam a ser produzidos e distribuídos, tanto a nível nacional como internacional e em 1935, surge o cinema colorido, conseqüentemente, há também uma mudança nos cinejornais, estas pequenas, grandes mudanças, destacaram-se pela sua maior atratividade e maior detalhe no que era apresentado.

Tal como na imprensa, também os cinejornais foram alvo de mão política, neste sentido, foram alvo de propaganda de certos ideais e formas de governar, através de regimes totalitários (entre os quais: soviético, o nazi e o fascista), mas como tudo na história, ocorre uma evolução, assim, surgem os primeiros documentários, como tal:

“uma espécie de reportagem alargada, com duração muitas vezes semelhante a um filme, em que as imagens e sons diretamente associados são apresentados mais distendidamente, com redução do peso percentual da duração do comentário-off (quando comparado com o peso do texto-off na reportagem dos cinejornais) e recurso a entrevistas de maior duração.” (Sousa, 2008a, p.231).

Esta nova indústria que cada vez mais surgia, fez erguer-se as redações que antecederam as redações televisivas, compostas por uma redação, onde era escrito o texto-off e dado o som às reportagens, assim como, pelos repórteres de imagem e os realizadores. Os cinejornais cobriam vários assuntos, atuais, mesmo que não programados, pois por vezes podia ser imprevisível; mas também, intemporais, pois poderia nem sempre haver algo atual para contar. Em suma, pode-se concluir que este início influenciou o modelo de reportagem telejornalística que atualmente temos, assim como, a organização presente nas redações atuais, que começaram com as redações dos cinejornais. Em Portugal surge com jornalistas como Aurélio Paz dos Reis, que filmou “Saída do Pessoal Operário da Fábrica Confiança”, entre outros, no qual, o mesmo se

inspirou nos irmãos Lumière, como nos refere Sousa (2008b). A partir deste momento, começam a surgir com frequência, vários exemplos de cinejornais. Contudo, nem todos se mantiveram, mas o *Jornal Português*, foi o primeiro cinejornal produzido com continuidade em Portugal, explica Sousa (2008b).

3.4. Jornalismo Televisivo

As notícias não eram apenas impressas, mas com tantas novidades na altura, o jornalismo ganhou asas e paços largos na sua importância na nossa vida quotidiana.

A II Guerra Mundial, trouxe desgraça, fome, pobreza, trouxe, resumidamente, o caos, mas também trouxe o desenvolver de novos projetos, e a televisão, mais propriamente, o telejornalismo, desenvolveu-se nestes trágicos anos de história. O telejornalismo para a Alemanha Nazi, serviu de propaganda a seu favor. O primeiro telejornal diário apenas surgiu nos Estados Unidos no final da década de quarenta do século XX, refere Sousa (2008a). Pode considerar-se que os cinejornais, com algumas modificações que foram sofrendo como o texto-off, efeitos sonoros e musicais, permitiram uma evolução nos modelos telejornalísticos. Deste modo, o cinejornalismo atualmente encontra-se de uma forma mais evoluída no telejornalismo.

“A linguagem do telejornalismo foi, inicialmente, buscar os seus principais referentes ao documentário cinematográfico, às notícias e reportagens radiofónicas e aos radiojornais. Por isso, os principais géneros telejornalísticos são a entrevista, a reportagem e o documental (ou grande reportagem, distinta da pequena reportagem essencialmente pelo papel mais oculto e “neutral” do jornalista). As transmissões de acontecimentos da vida desportiva, política, cultural e social também se podem enquadrar no espaço do telejornalismo. O principal formato telejornalístico, configurado ao longo do século XX, é o telejornal, programa para todas as audiências, que marca o horário nobre das televisões generalistas e cuja estrutura se baseia no alinhamento de uma série de pequenas reportagens audiovisuais apresentadas ritmicamente por um pivot, por vezes intercaladas com diretos ou com entrevistas e comentários em estúdio.” (Sousa, 2008a, p.233).

A rádio e a televisão surgem como uma alavanca a estas grandes guerras, usadas como armas de ataque, e não só, foram também usadas como armas de defesa. O jornalismo

permitiu que pela primeira vez na vida, grandes guerras ficassem tão marcadas na pele de quem viveu como na história, pois, o povo não foi ofuscado na ignorância, foi sim, informado sobre aquilo que num outro mundo não seria detentor de poder saber. A rádio foi provavelmente o meio mais utilizado no momento, mas o cinejornalismo começou a dar grandes passos na sua própria utilidade propagandística e informativa. Os cinejornais, contudo, foram um meio de evolução das próprias tele-reportagens, o que fez despontar o telejornalismo.

Tal como aconteceu com os outros meios, a Televisão também teve uma evolução diferente nos vários países.

“O mais potente meio de produção e difusão de conteúdos jornalísticos na segunda metade do século XX foi a televisão. Só nos países mais subdesenvolvidos é que a televisão não se impôs à rádio e à imprensa como principal veículo de informação.” (Sousa, 2008a, p.232).

Esta conseguia dar ao público uma verdade mais explícita daquilo que se estava a passar. Como tal, a televisão era bastante diferente do que hoje estamos habitualmente a ver, a televisão não tinha mobilidade de rádio, portanto funcionava basicamente como uma película de um filme, como cinema, refere Sousa (2008a). Mas a verdade é que a televisão é um vício do telespectador, a facilidade de captar informação com um meio mais interativo do que a imprensa, a visualização de pessoas, e a interação entre jornalistas etc., permite realmente uma captação maior da atenção dedicada pelos telespectadores, assim como uma fiabilidade e influência que deixam um rasto nos mesmos. Anteriormente, não existia um pivot, esta cara familiar que hoje involuntariamente conhecemos bastante bem, antes, “O telejornal, segundo Ramonet, consistia, essencialmente, numa série de jornalistas que se sucediam uns aos outros a lerem notícias. Não existia um pivot.” (Sousa, 2008a, p.233).

As coisas mudaram, e em vez de vários jornalistas, surge a posição de pivot, um jornalista que fica ali de início ao fim. A sensação de visualizar diariamente o mesmo pivot torna-o numa cara familiar, numa pessoa que dedicamos tempo de escuta ativa para nos explicar o que se passa no país e no mundo, há assim, a criação de vários laços familiares que se tornam numa confiança certa, tudo aquilo que o jornalista nos transmite transforma-se em informação certa e não questionável. O pivot, torna-se a estrela do jornal televisivo, a pessoa de destaque, a cara conhecida dos espectadores.

“O que interessa realçar é o aspeto do seu poder e influência, do tipo de alfabetização que cria, do domínio imaginário que institui, da relação evasiva com os factos verdadeiros, que «educa» através do hábito da representação

visual dos próprios factos. Existem dados e aspetos típicos da linguagem televisiva: a organização da relação palavra-imagem, a montagem, a sua velocidade, a sua influência silenciosa e profunda sobre a psicologia do utente, o estímulo natural da televisão (um estímulo que faltava, até ao momento, aos outros instrumentos de massas) para «ficar na expectativa», para viver o presente como um «proximamente», para aceitar e, inclusivamente, desejar que os factos importantes, se coloquem no futuro e, portanto, para decidir que aquilo que sucede à nossa volta, agora, não requer verificação, mesmo que seja importante e impressionante. Existe, por último, uma forte capacidade da televisão para criar afeto, um fenómeno perigoso porque o afeto transforma-se em confiança e vale mais do que a propaganda. Todas estas facetas da televisão constituem, no entanto, também os seus limites” (Colombo, 1998, p.178-179)

Contudo, era bastante difícil, no início poder se realizar edições como atualmente vemos nos telejornais, não existiam as mesmas tecnologias e programas que hoje em dia temos fácil acesso, era um tempo mais «arcaico», além do dispendioso espaço que as gravações ocupavam, ainda se estava longe de existirem terabytes e terabytes de espaço útil.

Os cinejornais, como dito anteriormente, foram a chave mestra para a criação do telejornalismo. Neste sentido, o telejornalismo português, iniciou-se com a transmissão frequente da RTP1, Radiotelevisão Portuguesa; uma televisão controlada pelo estado português, e ainda hoje, uma estação de televisão pública, financiada pelo orçamento de estado. “As “atualidades cinematográficas” serviram, assim, de referente às incipientes reportagens telejornalísticas, até porque estas últimas eram elaboradas em suporte filmico e o trabalho de edição em televisão exigia os mesmos dispositivos técnicos do cinema.” (Sousa, 2008b, p.75).

A utilização de “vídeo” veio revolucionar o telejornalismo, a maneira de se fazer jornalismo e de transmitir notícias, a edição era mais prática de ser utilizada, o armazenamento também, tornando assim possível uma maior rapidez e mobilidade, o telejornal não se restringia a notícias passadas, do dia anterior, mas sim, a notícias recentes, a atualidade era algo que se tornava possível de transmitir aos telespectadores. Os telejornais transformavam-se em algo mais dinâmico, nomeadamente, como tal:

“[...] ajudando a construir uma estrutura própria para a pequena reportagem de televisão, típica dos telejornais (normalmente: pivot – imagens de contexto e início do comentário-off - excerto de entrevista - mais imagens e comentário

sobre imagens eventualmente misturados com excertos de entrevista - final, que tanto pode ser imagem com comentário-off, como uma intervenção do jornalista no local do acontecimento).” (Sousa, 2008b, p.75).

Deste modo, “o vídeo terá permitido ao telejornal adquirir o estatuto de vedeta da programação e de programa-âncora do horário nobre de audiência. Esse modelo de telejornal é classificado por Ignacio Ramonet como modelo hollywoodiano.” (Sousa, 2008a, p.234). Além disso, o vídeo trouxe também uma nova possibilidade de fazer jornalismo, os diretos, no qual, era transmitido em tempo real. Ainda bastante aplicados nos dias de hoje, inclusive bastante práticos nos jornais televisivos para mostrar em direto a realidade do país e mundo.

O telespectador confia nos jornais televisivos, dedica-lhes tempo e não duvida da veracidade dos mesmos. Deste modo, o jornal é realizado de uma forma pensada e com lógica para cativar o seu público. Como tal, explica Sousa através de Ignacio Ramonet, que o telejornal é:

“[...] irreversível, pelo que o telespectador, a não ser que o grave e reveja, não lhe pode impor a sua ordem e velocidade de leitura. Em segundo lugar, o binómio audiência/rentabilidade impõe uma duração máxima ao telejornal, que, normalmente, não ultrapassa duas, três ou quatro partes com cerca de 12 minutos cada (e com intervalos entre cada uma delas). Durante esse tempo, torna-se necessário construir um texto audiovisual sem causar cansaço no telespectador. Teria sido a reflexão sobre a resolução destes problemas que, na versão de Ramonet, contribuiu para o aparecimento do modelo hollywoodiano de telejornal e condicionou a sua evolução. Segundo Ramonet, é a variedade temática que evita o aborrecimento do telespectador. (Sousa, 2008a, p.234).

Contudo, a variedade temática, não permite que cada conteúdo seja alongado, derivado também ao tempo dos jornais televisivos, embora, segundo Sousa (2008a), em Portugal se verifique que os mesmos têm algum tempo de antena superior. De qualquer forma, o tempo torna-se reduzido, para ser criado um jornal televisivo com demasiados detalhes e explanado ao pormenor, neste sentido, os conteúdos tornam-se mais condicionados, resumidos, favorecendo a audiência, o espetáculo e neste sentido a o entretenimento em detrimento do contexto.

A atenção do espectador perde-se facilmente, mas a variedade temática atenua a situação, contudo, sendo algo direcionado maioritariamente a adultos preza-se que a sua atenção consiga ser captada, tendo em consideração a diferença de capacidade de

atenção que varia entre jovens, adultos e idosos. Foi aqui, que o telejornal hollywoodiano conseguiu a vitória, pois, foi buscar ao cinema a mistura de géneros.

“Melodrama, aventura e comédia, por exemplo, podem conviver num único telejornal ou até numa única peça. Foi também ao cinema que se foi buscar a noção de que o telespectador pede mudança de dez em dez minutos. Para se manter o interesse e a atenção do telespectador, é usual fazer-se um pequeno intervalo a cada 10/15 minutos ou então mostra-se alguma coisa que o surpreenda.” (Sousa, 2008a, p.235).

O telejornalismo, transformou-se num mundo de oportunidades e cresceu fortemente e rapidamente, “As fórmulas telejornalísticas acabaram por se exportar para a imprensa e para outros meios, sobretudo no que respeita à clareza, à síntese, à ordem e ao aproveitamento da informação visual.” (Sousa, 2008a, p.238). A televisão teve um impacto maior, sendo que a partir dos anos 80, a mesma fixava a agenda jornalística ao invés da empresa, assim como, a sua influência obrigou os políticos a adaptarem-se à sua linguagem, para beneficiarem do seu poder sedutor, explica Sousa (2008a).

Os sumários foram também uma jogada aplicada nos jornais televisivos, captando a atenção do telespectador em determinado assunto, fazendo-o aguardar enquanto o mesmo não chega, uma jogada de génio digamos, onde a curiosidade no ser humano é algo que o faz permanecer ligado à televisão até a notícia que aguarda seja transmitida. E assim, o jornal televisivo completou o seu objetivo. Os telejornais primam pela sua dedicação em mostrar a real atualidade, pois conseguem mostrar em direto o que se passa em vários pontos do país, ou até do mundo, ganhando notoriedade sobre outros meios jornalísticos, através do seu dinamismo.

3.5. Pública vs. Privada

As possibilidades de se implantar em Portugal um serviço de televisão surge por volta dos anos 50, mais concretamente em 1956, explica-nos Galamba (2014), e nesta altura, surgem as primeiras emissões da RTP, através de uma iniciativa estatal, semelhante ao que ocorreu em alguns países europeus. “Este primeiro canal garantia na altura a sua sobrevivência pelo capital do Estado e de acionistas como emissoras de radiodifusão privadas e capitais particulares pertencentes a instituições bancárias (Sobral, 2012:145).” (Galamba, 2014, p.3).

Deste modo, nem sempre foi como hoje a vemos, anteriormente ao 25 de abril de 1974, a RTP era como que um grande porta-voz do regime-salazarista-marcelista, era visível a forma como o estado influenciava o canal, assim como a inclusão de publicidade que era aplicada. Facto que mudou com o fim da Censura e o início do período democrático.

Efetivamente, o serviço público e o privado começaram a concorrer um contra um outro no início dos anos 90, explica Galamba (2014). Como tal, sendo uma televisão pública (RTP), está implícito algo como um serviço, algo realizado em prol de outro, é público, tem de ser do interesse da maioria, e por esse motivo, ainda hoje vemos algumas diferenças entre os três canais generalistas, RTP, SIC e TVI. “A qualidade de um serviço público tem de ser ponderada em função da complementaridade aos privados, da oferta e da promoção da cultura e da sensibilidade do público.” (Galamba, 2014, p.7).

O conteúdo e as notícias transmitidas são orientados para o cidadão estar informado, tanto num canal privado, como num canal público, mas de facto, ambos começaram a concorrer um contra o outro nos anos 90, pois o estado português apresenta duas funções, por um lado a de operador e por outro a de regulamentador, explica Galamba (2014) através de Rebelo (2007). Então é importante se entender a diferença entre os dois.

“A 6 de Outubro de 1992, a SIC começa a operar as suas primeiras emissões, seguindo os mesmos passos a TVI a 20 de fevereiro de 1993. O surgimento dos canais privados originou diversas mudanças na programação televisiva portuguesa, a título de exemplo a SIC apresenta um noticiário onde era possível ver pela primeira vez o local onde eram fabricadas as notícias e a TVI adere ao género televisivo reality show, conquistando novos tipos de público e transformando o comum cidadão no principal protagonista do entretenimento (Lopes, 2007:7).” (Galamba, 2014, p.4).

Como tal, para um serviço ser considerado público, respetivamente, uma estação de televisão, tem de ir de encontro a alguns princípios, como tal, deverá promover, melhorar, servir a cidadania, política e também cultural, ser dinâmica, aberta e universal, ser dinâmica e correspondendo também as atualizações do quotidiano. Mártires (2016), através de Fidalgo (2003), explica:

“Se quisermos referir alguns pontos de vista que acompanham o serviço público de televisão desde a sua fundação e que acabam por contribuir para a sua definição inicial, seriam a universalidade, a diversidade, o financiamento tendencialmente público e a independência de ação, pois esta será sempre

centrada no contributo para uma população mais informada e com acesso facilitado a conteúdos de carácter formativo e que sejam uma mais-valia imediata para o melhoramento do seu nível cultural e social (Fidalgo, 2003: 2).” (Mártires, 2016, p.14).

Assim, é notório que a preocupação com a formação do público seja também um objetivo para o serviço público. Galamba (2014) refere dois modos de olhar o interesse público, o modelo de mercado, assente na estratégia do lucro e focado nos cidadãos consumidores, mas também, o modelo de esfera pública, onde os média possam difundir valores de igualdade e promover um debate plural.

“Para que os media atuem em conformidade com o interesse público, e para que o serviço público possa de alguma forma ser realizado há alguns critérios que têm de ser cumpridos, tais como, a universalidade, a diversidade e pluralismo de ideias e conteúdos, a informação substantiva e contextualizada, a promoção da cidadania e de uma democracia participativa e o desenvolvimento da literacia mediática.” (Galamba, 2014, p.5).

No serviço público, as audiências continuam a ser importantes, mas mais importante é ainda a transmissão em todo o lado, ou seja, o serviço público, preza-se também pela universalidade geográfica. Segundo Mártires (2016), o serviço público direciona-se com e através do poder político:

“Por serem elementos públicos, e por agirem em prol de uma determinada comunidade, os sistemas públicos de televisão terão de se correlacionar, obrigatoriamente, com o poder político. Mediante o sistema mediático em que se insiram, existem diferentes abordagens à forma como é feita a gestão e a regulação política sobre estes.” (Mártires, 2016, p.15).

Assim, é evidente que o poder político beneficia com a situação, garantindo uma imagem mais limpa, muitas vezes colocadas em causa, explica Mártires (2016).

A televisão pública, tem ao longo dos anos realizado adaptações, com teor semelhante ao privado, devido à oferta programática, “se revela mais à medida das intenções da procura que cada vez mais se revela mais exigente e culturalmente mais apurada (Bardoel e d’Haenens, 2008: 340)” (Mártires, 2016, p.16). É visível uma rivalidade saudável.

No entanto, como dito acima, os anos 90 foram realmente uma viragem na rivalidade do público vs. o privado. A televisão privada apresentava conteúdos diferentes, diversificados e cada vez mais apelativos, então, este período ficou marcado pela

maratona da RTP em alcançar e se aproximar do que as televisões privadas demonstravam ser, no entanto, a televisão privada, apesar dessa constante tentativa de aproximação, não perde as qualidades de ser culturalmente mais dedicada e apurada, assim como, a sua exigência de oferta programática a título formativo e socialmente ativo.

“A posição em que a RTP se situa, sobretudo no que diz respeito à fonte de rendimento que não tem secado (embora tenha sido emagrecida) ao longo das últimas décadas, exige que esta se revele como o verdadeiro espelho do serviço público de televisão em Portugal e que não atue como um elemento que mine o desenvolvimento de outras formas de comunicar mas sim que permita o desenvolvimento dessas mesmas alternativas e que se mantenha fiel a um propósito acima de todas as exigências dos mercados. O público espera, também, que a RTP seja uma fonte de desenvolvimento do pluralismo programático, que contribua para o desenvolvimento de um normativismo televisivo revestido pela ética e pela qualidade e que não se deixe levar por aventureirismos e sensacionalismos, contribuindo para uma sociedade mais aberta, recetiva, na qual o debate das questões essenciais seja feito com elevados padrões e de forma informada (idem: 7).” (Mártires, 2016, p.22).

No entanto, com a modernização dos tempos, cada vez mais, segundo Mártires (2016), o serviço público de televisão começa a obedecer a outras exigências, afastando-se cada vez mais do estado e com conteúdos diferentes e cada vez mais diversificados; assim, atinge uma maior abrangência social. Como tal, a mesma foi efetuando melhorias, de acordo com a cada vez maior exigência das suas audiências e espectadores, então, Mártires, através de Cádima (2002), refere:

“Hoje é espectável que a televisão pública tenha um comportamento de regulador, que seja o fiel da balança e que defenda, acima de tudo, os princípios de serviço público e que não ceda às questões de mercado e que não procure a sua sobrevivência por essa lógica, mas sim pelo princípio de que será o único meio capaz de atingir os princípios de universalidade, equidade, qualidade, relevância e pluralismo (Cádima, 2002: 3)” (Mártires, 2016, p.21).

A televisão pública portuguesa, apresenta um polo de ligação e de desenvolvimento da produção nacional e de conteúdos considerados relevantes a uma grande parte da população. Relativamente ao privado, televisões comerciais, pagas por investidores e acionistas, a mesma tem uma função mais comercial, a publicidade é essencial ser em abundância para ajudar e servir de financiamento ao canal, nada estranho no meio

jornalístico como se pode notar anteriormente, uma forma de sustento. As mesmas apresentam programações diferentes, diversificadas, sem medo de arriscar, no fundo a liberdade é outra e o dinheiro não provém do estado. Podem rapidamente alterar tudo a fim de um maior interesse por parte da população, pois o objetivo ainda parte pelo lucro.

Não obstante, a concorrência e a luta pela maioria em audiências aumentaram cada vez mais, mas também traz como ponto positivo a maior diversidade da oferta. Independentemente, de uma televisão pública ou privada, a televisão é um mundo dentro da casa de cada um, é um convívio, permite momentos de partilha e fraternidade em família e junto também de amigos, e isso transforma uma simples televisão numa televisão relacional, onde o público desenvolve uma relação de confiança com os jornalistas.

Capítulo 4- O Jornalismo Cultural

O jornalismo cultural é um braço que nasce do jornalismo, uma vertente do jornalismo que se foca em questões culturais, é assim uma especialidade do jornalismo. Segundo Melo (2010), através de Burke (2004), o jornalismo cultural emerge historicamente no final do séc.: XVII. O jornalismo cultural surge da necessidade de tornar a cultura acessível a todos, a arte, a literatura, a filosofia entre outros, permitir que estas formas culturais não fossem restringidas apenas a uma parte da população, a elite. “Havia nisso um entendimento da função social do jornalismo cultural como lócus adequado para dar acesso irrestrito a todo saber, facto esse que se torna uma regularidade no jornalismo cultural” (Melo, 2010, p.5).

Como referido anteriormente, a necessidade da informação circular é demasiada, e por isso, o ser humano arranjou soluções, como as “folhas noticiosas”, manuscritas. E assim, foi crescendo cada vez mais esta ânsia de informar e estar informado. No período renascentista, e humanista também, unem-se duas virtudes, os novos pensamentos e formas culturais, unidas a esta corrente de informação essencial.

“No entanto, é sobretudo a partir do século XVIII, numa época de renovação intelectual e artística, que as revistas e os jornais que se publicavam então, um pouco por toda a Europa, começaram a dedicar páginas a longos ensaios e reflexões sobre peças de teatro, pintura, prosa e poesia, ajudando a propagar as ideias do movimento Iluminista” (Moreira, 2015, p.25).

Efetivamente, o que se entende por jornalismo cultural é realmente esta propagação de ideias, a difusão artística e de ideais, através de um espaço público de produção intelectual; é igualmente, uma preocupação forte e continuada com a intelectualidade e o saber, através de uma forte presença autoral, opinativa e também artística. É necessário o jornalista cultural ter a capacidade de avaliar e saber argumentar sobre esta propagação do saber. O jornalista tem em si a decisão do que deve e como deve informar, mas um jornalista cultural, tem em si uma crescida preocupação, pois torna-se responsável em parte pelo que transmite, pela sua reflexão dada ao assunto, pois o mesmo apresenta também uma perspetiva sobre o assunto.

A democratização do saber é uma das posturas defendida no jornalismo cultural, permitindo ao espectador ou autor refletir, pensar e criar. Assim, o jornalismo cultural defende uma propagação da identidade cultural a um grande público, o máximo que conseguir atingir, e não restringir qualquer informação. Não obstante, um jornalista

cultural deve ter uma posição liberal e ter conhecimentos e capacidades de reflexão artística, a fim de poder avaliar e dar opinião também. Assim, torna-se um grande pilar do jornalismo cultural, a democratização do conhecimento, ou seja, a liberdade e o direito ao conhecimento; mas também, o seu carácter pensativo, de reflexão, de pensar sobre a cultura. Segundo Melo (2010) é a reflexão que realmente distingue o jornalismo cultural das restantes áreas jornalísticas.

“Cabe, assim, ao jornalista cultural a reflexão sobre as circunstâncias sociais e históricas em que a obra, ou objeto sobre a qual se debruça, foi concebida, no sentido de apresentá-la como um processo cultural. O jornalista cultural deve ser capaz de captar o movimento de ideias e história contemporâneos, refletir sobre práticas culturais e também mostrar um posicionamento reflexivo sobre as práticas sociais.” (Moreira, 2015, p. 26).

Neste sentido, é essencial o jornalismo cultural se cingir por temáticas diversas, abordando com bastante liberdade e criatividade a cultura, atingir pontos diversos e diversificados, mas também, não se deixar influenciar, de forma consciente ou mesmo inconsciente de qualquer indício político ou económico. Trata-se de um tema livre e aberto, que se restringido não poderá tratar-se de cultura. Os jornalistas culturais são produtores autónomos de matéria independente e transparente.

Assim, é importante haver uma distinção, onde jornalismo cultural não se confunda com agendas culturais, que têm por princípio apresentar lançamentos, estreias, novas edições e eventos, ou seja:

“Assim, cabe ao jornalismo cultural escapar à limitação temática de lançamentos de CDs, livros e exposições de artistas consagrados para podermos, enfim, compreendermos o sentido forte de cultura, explorando mais as implicações das obras na sociedade do que, propriamente, reduzir o jornalismo cultural a uma agenda de eventos. Falta mais análise e mais interpretação (no sentido de estabelecer relações múltiplas e complexas). O que exige uma perspetiva aberta para as obras humanas sem classificá-las em paradigmas redutores.” (Melo, 2010, p.4).

É importante conseguirem abordar para lá disso, criarem conteúdo, irem ao fundo da peça, não entrevistarem apenas os atores ou músicos, ou quem dá a cara à cultura, mas sim terem uma reflexão lógica, até mesmo filosófica da questão cultural que têm em mãos.

4.1. Em Portugal...

A indústria em Portugal sofreu e foi sofrendo alterações ao longo dos anos, e isso, também se aplica ao jornalismo cultural, onde só nos séculos XIX e XX, surgem em abundância jornais dedicados à cultura e ao pensamento cultural.

Como referido acima, as Gazetas tiveram uma grande importância, não só no jornalismo como também na vertente do jornalismo cultural, como tal, a primeira revista de carácter cultural a surgir em Portugal foi respetivamente uma gazeta, a *Gazeta Literária*, no porto, explica Moreira (2015).

“Bernardo de Lima é considerado a figura mais representativa do Iluminismo na imprensa periódica portuguesa, tendo assumido a missão de manter o público português culto e ao corrente das principais obras sobre literatura, artes e ciência publicadas então na Europa.” (Moreira, 2015, p.28).

Deste modo, o interesse jornalístico já não era apenas e só informar, havia também um propósito e uma argumentação fundamentada. Podemos entender que foram períodos inovadores, no decorrer do século XIX, principalmente no seu início, muitas foram as revistas literárias que foram surgindo, principalmente de poesia, que foram perfazendo a população a este tipo de jornalismo, onde mesmo com os períodos conturbados vividos na nossa sociedade e ao qual o jornalismo não escapou, o jornalismo cultural tentou arranjar soluções, como tal, surgiram tertúlias, cineclubes e movimentos literários, remete Moreira (2015). E houve nomes que a memória guardou, como *O Tempo e o Modo*, editada em janeiro de 1963, que veio marcar profundamente a sociedade portuguesa, através de novas perspetivas artísticas, literárias, culturais e até mesmo políticas. Ou *Vértice*, uma revista cultural de Coimbra (1942), com um conceito neo-realista português e um instrumento de resistência à ditadura “azul”. *Flama*, surgiu a 5 de fevereiro de 1937 através da Juventude Escolar Católica, foi talvez a revista mais marcante durante o Estado Novo e a mais marcante no século XX, considerada por muitos a precursora das newsmagazines portuguesas, explica Moreira (2015).

Através de Silva (2008), Moreira (2015), refere:

“*Flama* tem entre os seus fins o de promover o progresso das letras e do amor pela ciência entre a gente moça. Podíamos ocultar um pouco a nossa qualidade de católicos ativos e muito aumentaria o nosso público, mas a Flama não quer

equivocos e tem amor a situações claras (apud Silva, 2008: 84)” (Moreira, 2015, p.32).

Flama, dirigia-se a um enorme público, começou por entrevistar figuras do mundo do espetáculo, para aumentar para grandes coberturas culturais, a pontos de incluir um concurso literário e filosófico. Contudo, este período conturbado da história, o período salazarista veio finalmente encontrar o seu fim, e há assim, uma enorme explosão de ideias, ideais, e movimentos liberais, onde a cultura deixa de ser também oprimida.

“À medida que apareciam e desapareciam, o grau de especialização cada vez mais avançado destas publicações ditou que na década de 80 começassem a aparecer jornais e revistas dedicados exclusivamente à cultura e a manifestações culturais: o *Se7e* e a *Blitz* são dois exemplos de revistas especializadas em cultura e foram das primeiras a aparecer neste âmbito, em Portugal.” (Moreira, 2015, p. 34).

O avanço da cultura e da indústria cultural era cada vez maior e mais rápido, e não fugia aos olhos do público que mostravam interesse nestes meios, cada vez mais interessado em ser incluído e a ter acesso a estas novas informações e conhecimentos. Não obstante, os media não podiam deixar escapar esta boa oportunidade de fazerem desta indústria algo inovador para eles, além de revistas/jornais de desporto e política, começam a surgir também suplementos dedicados à cultura, e com este progresso, no final dos anos 80, a televisão afirma-se com uma enorme supremacia relativamente aos tempos modernos que estariam para vir. Surgem novas programações dedicadas à cultura, também conhecidas como “notícias cor-de-rosa” onde as coscuvilhices não eram o foco, pois as mesmas não são cultura, mas sim, acontecimentos da esfera cultural e com um foco de entretenimento. É assim notória a importância que a cultura tem no jornalismo, a fim de conteúdo e diversidade, e o jornalismo na proliferação da cultura.

4.2. RTP2

A RTP2, é sem dúvida conhecida pela sua criação de conteúdo direcionado à cultura e neste sentido, a mesma criou e desenvolveu um canal televisivo dedicado exclusivamente à cultura, à informação, artes e espetáculos, assim como, conteúdo para

crianças. Foi um canal que permitiu à RTP, criar conteúdo e informar a população com informação mais diversificada, cultural e intelectual, não fugindo ao carácter mais informativo do canal mais conhecido, a RTP1. Além do canal RTP2, a RTP também inovou em outras perspetivas, criou o RTP Palco, direccionado a espetáculos, a RTP Memória, a fim de guardar em si e poder sempre transmitir clássicos, antiguidades, filmes, documentários, entrevistas, etc.; a RTP Play, que permite um melhor acesso por parte das novas tecnologias, e a preservação da informação cultural e não só; além disso, a RTP mantém hoje em dia a famosa rádio cultural em Portugal, Antena 3, baseada em música alternativa e grupos/cantores portugueses.

Na verdade, a RTP2, pode até ser um caso raro de jornalismo cultural em Portugal, deste modo:

“Uma das conclusões mais proeminentes do estudo é o facto de o sistema televisivo português não dispor de um serviço TV exclusivamente dedicado à programação educativa e cultural. É possível encontrar nos canais generalistas alguns programas que respondem a estes objetivos, embora, comparativamente com outro tipo de conteúdos, tenham uma presença pouco significativa nas grelhas. Um caso diferente é o da RTP2, que se apresenta como um serviço que tem como vocação a criação de espaços de programação para públicos específicos e que procura equacionar toda a grelha como uma proposta cultural. Olhando-se para os dados referentes à relação oferta/procura ou emissão/receção apresentados para cada canal relativamente aos conteúdos educativos e culturais, verifica-se que este género de programas tem uma baixa procura por parte da população portuguesa. Os autores relacionaram esta situação com a função ou o papel da TV para as pessoas. Como vários estudos têm demonstrado, a TV é usada sobretudo como meio de informação e de entretenimento. Os conteúdos educativos, principalmente estes, sobretudo quando seguem uma perspetiva demasiado colada aos princípios da escola, acabam por atrair pouco as audiências. Ora, nenhuma televisão, pública ou privada, pode sobreviver sem audiências, o que não significa que devam ser os números, as audiências e o interesse do público a comandar uma programação.” (Pereira, 2010, p.1).

Assim, talvez por forma à RTP não perder as audiências, surge a criação de um canal cultural, a RTP2, que surge a 25 de dezembro de 1968, um canal que visa impor em rigor todas as medidas neste ponto da importância que a cultura implica na nossa qualidade humana, ou seja, na intelectualidade do ser. A responsabilidade social dos media, exige rigor e qualidade na programação, e há assim, também a requisição de

haver diversidade de conteúdo, de temática, géneros, de formatos, entre outros; e a RTP2 acompanha esse paradigma, onde acompanha a necessidade para este formato. Não perde audiências e permite ao seu público alternar entre canais mediante a necessidade de cada pessoa e os interesses momentâneos de cada um.

Como tal, na RTP2, além do famoso ZIG ZAG, que acompanha e acompanhou muitas crianças através de desenhos animados intuitivos, o mesmo, desenvolveu programas de carácter cultural, entre os quais, poderemos referir alguns, como por exemplo: “A Minha Tese” (2016), onde dava realce a Teses de Doutoramento realizadas por portugueses, no país e fora dele; “Curso de Cultura Geral” (2018), com autoria e apresentação de Anabela Mota Ribeiro, onde os convidados discutem experiências culturais, entre outros; “Olga Prats e os compositores portugueses” (2021), documentário de Miguel Costa sobre a ilustre pianista Olga Prats (1938-2021); “A Senhora Dona Amélia” (2021), onde através de um documentário de Paula Castelar e Laurent Filipe é mostrada a vida de uma das maiores figuras do teatro português, Amélia Rey Colaço; “Sobre o Autor do Meu Nome- Mia Couto” (2021), onde é falada a vida do autor Mia Couto; “À Procura de Vivian Maier” (2022), onde retrata os mistérios de uma enorme talentosa fotografa de rua do século XX; “O Fazer de Cargaleiro” (2022), um conceituado artista plástico que vê a sua história ser descrita e retratada num documentário; “Compositores Portugueses Contemporâneos: António Ferreira dos Santos” (2022), Cónego Ferreira dos Santos, é uma referência na história da música sacra do séc. XX; “Oscar Micheaux: O Super-Heroí do Cinema Negro” (2022), onde conta a história de um pioneiro da cinematográfica africana; entre muitos tantos outros exemplos de programas, documentários, filmes e criações do próprio canal a fim de garantir uma programação cultural com rigor.

Em suma, a RTP2 é um caso português de jornalismo cultural, ao abrigo das obrigações de serviço público de televisão, onde apresenta conteúdos com intuitos de preservação da cultura e da memória.

Mas a questão de fundo desta dissertação é o que se faz para além do único canal temático de sinal aberto que se dedica à cultura. Que tempo é que os noticiários de maior audiência dos canais generalistas de sinal aberto dedicam a conteúdos culturais? Como é que fora de um contexto temático e quase exclusivo, como é o caso da RTP2, a informação de grande audiência olha para os conteúdos culturais? Essas são questões que se tentarão responder nas páginas seguintes.

Capítulo 5- Metodologia e desenho da investigação

A cultura desde sempre fez parte da nossa história e também do nosso ADN, mas aos poucos a mesma deixa de ser uma prioridade a fim de colocarmos como prioritário o nosso dia a dia, trabalho, estudos, despesas e vida quotidiana, sem percebermos que sem cultura não seríamos o que somos hoje. É evidente, que também os media decidem em função das audiências o noticiário, mas na verdade, até que ponto a cultura ainda mantém um papel de destaque no mesmo?

A cultura é algo que nasce connosco, define os nossos antepassados e ajuda a entender o futuro, é essencial ser comunicada e de se unir à comunicação. A cultura parte disso mesmo, da difusão de ideias e ideais necessários, e para isso, precisa de ajuda, por parte da comunicação.

O estudo foi realizado durante o período de um mês, o mês de fevereiro de 2022, o que apresentou 28 dias consecutivos para a realização do mesmo. A realização deste estudo contou com a visualização assídua dos três jornais televisivos em horário nobre (20 horas) nos três canais generalistas, RTP1, SIC e TVI. Para a sua concretização, foram elaboradas tabelas iguais para os três canais, uma para cada canal e respetivamente, para cada dia, e as mesmas ficaram divididas por três categorias que foram consideradas para estudo, respetivamente, “Literatura”, “Artes Visuais” e “Artes Performativas”. Em cada tabela, foi anotado o número da notícia, relativamente à categoria onde se incidia, a legenda da mesma, a duração e o seu alinhamento.

É importante referir que no dia 24 de fevereiro de 2022, a Rússia invadiu militarmente a Ucrânia e, como tal, nota-se uma clara mudança editorial nos jornais televisivos, descartando qualquer outro tipo de notícias em prol da informação relativa à guerra.

Assim, o presente estudo pretende fazer uma análise sobre a quantidade de notícias de cariz cultural que são transmitidas em horário nobre, nos canais generalistas, RTP1, SIC e TVI. Este processo foi possível através de análise de conteúdo, pois visto que o principal objetivo desta dissertação era determinar a presença de conteúdos culturais nos espaços noticiosos em horário nobre nos canais generalistas portugueses.

O método de investigação escolhido para a concretização desta dissertação é o método quantitativo, a fim de trazer novos dados sobre a presença ou a ausência dos conteúdos em análise na pesquisa “A presença de notícias culturais nos espaços noticiosos em

horário nobre nas televisões generalistas portuguesas”. A pesquisa quantitativa, tem as suas raízes no pensamento lógico, salienta aspetos dinâmicos, holísticos e individuais da experiência humana, para aprender mais sobre a totalidade, explica Conjo et al. (2022); sendo um método inquestionável para o tipo de dissertação realizada. “A pesquisa quantitativa está ligada diretamente à quantificação dos dados, na experimentação, na mensuração e no controle rigoroso dos factos.” (Conjo et al., 2022, P.43).

Através de Knetchel (2014), Conjo et al. (2022), defendem que a pesquisa quantitativa foi a base do pensamento científico até a metade do século XX, como tal, são valores observados através de um conjunto de variáveis, a matemática é aplicada na investigação, a fim de alcançar objetividade, “Influenciada pelo positivismo, considera que a realidade só pode ser compreendida com base na análise de dados brutos, recolhidos com o auxílio de instrumentos padronizados e neutros” (Conjo et al., 2022, p.44).

No final da pesquisa, foram determinados com precisão, dados relativos à cultura em espaços noticiosos, a fim de determinar a importância atribuída a este tipo de notícias nos principais canais generalistas portugueses.

Cultura, como referenciado anteriormente, é um amplo termo repleto de conteúdo, no entanto, foi reduzido para efeitos de investigação, pois, é necessário “[...] recolher apenas os dados úteis à verificação das hipóteses, com exclusão dos outros. Estes dados necessários chamam-se, muito justamente, dados pertinentes. Em contrapartida, os dados excedentários enganam o investigador e levam-no, por conseguinte, a apresentar um trabalho cuja amplitude é geralmente proporcional à mediocridade.” (Quivy, 1998, p.157) Assim, iremos entender como objeto de estudo os seguintes elementos de cultura:

Elementos culturais		
Literatura	Artes Visuais	Artes Performativas
Autores	Artistas	Artistas
Livros	Eventos artísticos	Teatro
Eventos literários	Arte Moderna	Ópera
	Arte Contemporânea	Dança
	Arte Gráfica	Música
	Arte Urbana	
	Artes Plásticas	
	Pintura	
	Escultura	
	Fotografia	
	Cinema	
	Artesanato	

Tabela 1- Elementos culturais a considerar na investigação.

Em suma, iremos entender daqui em diante, qual o peso da cultura, ou seja, as expressões/manifestações de cultura/culturais nos noticiários televisivos em horário nobre, nos três canais generalistas portugueses, RTP 1, SIC e TVI.

5.1. Tema e problema

O tema desta investigação pode ser resumido do seguinte modo: “A presença de notícias culturais nos espaços noticiosos em horário nobre nas televisões generalistas portuguesas”.

No referente ao problema, pode ser retratado como: Qual o tempo despendido pelos canais generalistas portugueses, em horário nobre, para notícias de cariz cultural? A

problemática que conduz esta dissertação é entender a preponderância da cultura no alinhamento dos principais jornais televisivos portugueses. O estudo deste problema tem como objetivo a análise dos jornais televisivos dos três canais televisivos portugueses, RTP1, SIC e TVI, em horário nobre, com a finalidade de encontrar nos mesmos notícias de carácter cultural. O estudo empírico procura quantificar a quantidade de notícias de cariz cultural apresentadas em horário nobre assim como entender qual das televisões generalistas apresenta, na sua seleção editorial, uma maior presença de notícias de âmbito cultural.

5.2. Objetivos e hipóteses

O intuito desta investigação deve-se a conseguir apurar a presença de conteúdos culturais nos jornais televisivos em horário nobre, e como tal, foram colocados vários objetivos, respetivamente:

O 1- Verificar a presença de conteúdos culturais nos espaços noticiosos das 20 horas nos canais generalistas da televisão portuguesa (RTP1, SIC e TVI);

O 2- Apurar em cada um dos três canais definidos a temática cultural preponderante;

O 3- Verificar se o conteúdo cultural que aparece nos três canais, em horário nobre noticioso, é o mesmo ou difere de canal para canal;

O 4- Apurar o destaque dado a conteúdos culturais no alinhamento dos jornais televisivos;

O5- Apurar entre os três canais generalistas portugueses qual é que dá mais importância à temática cultural.

Esta investigação também requereu a formulação de hipóteses, as quais se enunciam de seguida:

H 1- No espaço temporal e nos canais em análise, são mais os dias sem emissão de notícias de cariz cultural do que os dias com emissão destes conteúdos.

H 2- A RTP1, pela sua especificidade de serviço público, tem tendência a apresentar mais notícias de cariz cultural;

H 3- As notícias de cariz cultural quando emitidas são sempre na parte final dos blocos noticiosos em análise;

H4- As temáticas preponderantes dos canais em análise são o cinema e a literatura.

5.3. Métodos e técnicas de investigação

Visto a investigação se debruçar sobre três televisões generalistas portuguesas em horário nobre, a recolha de dados e a análise incide durante o período de um mês, o mês de fevereiro de 2022. Os três jornais da noite serão analisados através da análise de conteúdo, pois indo de acordo com a investigação quantitativa é o método mais adequado, sendo que a análise de conteúdo exige uma aplicação de processos técnicos bastante precisos, explica Quivy (1998). A análise de conteúdo, marcou o desenvolvimento de um instrumento de análise das comunicações, é um crescimento quantitativo e a diversidade qualitativa dos estudos empíricos apoiados na utilização de uma das técnicas classificadas sob a designação genérica de análise de conteúdo, refere Bardin (1977). A retórica e a lógica são processos anteriores à análise de conteúdo, de certa forma, são os propulsores desta forma de análise. A análise de conteúdo carece de uma validação, e não apenas de uma interpretação, o estudo quantitativo é essencial neste sentido, deste modo, “O lugar ocupado pela análise de conteúdo na investigação social é cada vez maior, nomeadamente porque oferece a possibilidade de tratar de forma metódica informações e testemunhos que apresentam um certo grau de profundidade e de complexidade.” (Quivy, 1998, p.227).

Pode-se assim entender que a análise de conteúdo, marca o desenvolvimento de um instrumento de análise das comunicações. Segundo Bardin (1977) é um crescimento quantitativo e a diversidade qualitativa dos estudos empíricos apoiados na utilização de uma das técnicas classificadas sob a designação genérica de análise de conteúdo, ou seja, é um permanente ascendente de pesquisas quantitativas sobre as chamadas pesquisas qualitativas.

Contudo, para a realização de uma investigação, “Não basta saber que tipos de dados deverão ser recolhidos. É também preciso circunscrever o campo das análises empíricas no espaço, geográfico e social, e no tempo.” (Quivy, 1998, p.157). É necessário também delinear os limites para o campo de análise da investigação, explica Quivy (1998).

Deste modo, é um instrumento privilegiado de tratamento de informação, assim a partir dos resultados de análise, os resultados obtidos, é possível entender e regressar às causas, ou até descer aos efeitos das características das comunicações. “Neste caso, a observação incide sobre todos os indicadores pertinentes previstos. Tem como suporte um guia de observação que é construído a partir destes indicadores e que designa os comportamentos a observar, mas o investigador regista diretamente as informações.” (Quivy, 1998, p.164). Visto que o objetivo desta investigação, será determinar a quantidade de notícias de cariz cultural em horário nobre em canais generalistas portugueses, e que a fase da recolha de dados seria delineada através de três tabelas diárias, onde posteriormente seriam anotados os dados significativos de cada notícia, este realmente é o método mais adequado para a sua concretização. Tal como explica Quivy (1998), para esta recolha de dados, só faz sentido quando se trata realmente de uma investigação quantitativa, que é o caso desta tese.

Não obstante, segundo Bardin (1977), a análise de conteúdo é uma atitude de vigilância mais rigorosa, que exige o rodeio metodológico e o emprego de técnicas de rutura, é uma leitura mais específica e uma recusa ao óbvio do real. Devido à aplicação desta técnica, foi possível alcançar resultados e encontrar respostas para esta dissertação.

Capítulo 6- Resultados da investigação

O presente trabalho teve como objetivo perceber a importância dada às notícias de cariz cultural por parte dos jornais televisivos portugueses de canais generalistas em horário nobre, e nesta investigação é entendido isso mesmo, através de uma cuidada análise de conteúdo realizada sobre os jornais televisivos definidos. Esta tese, teve por base primeiramente uma revisão teórica extensa, assim como, a visualização assídua e anotação de resultados concluídos após as observações feitas.

Na decisão da dimensão da amostra (um mês), foi tomado em conta os dias necessários de estudo para se ter um resultado preciso e relevante, e sendo três canais generalistas permite assim, uma maior comparação da variável em estudo. Os resultados desta investigação serão divididos em quatro partes, nas quais serão acompanhados de tabelas onde será mais prático assimilar os resultados obtidos nesta dissertação. Num primeiro momento, será explicado a importância do valor de notícia, onde o mesmo nos dias de hoje não apenas tem a importância de informar, mas sim de captar cada vez mais audiências. Posteriormente, é contabilizado o número de notícias de cariz cultural em cada canal generalista (RTP1, SIC e TVI), assim como fazer uma comparação entre os três canais, a fim de se conseguir mais tarde na avaliação de resultados confirmar ou não confirmar as hipóteses. Finalmente, são abordados os conteúdos culturais e a diferença dada de canal para canal a cada categoria estudada.

Neste estudo foram considerados vários elementos da cultura, que posteriormente foram separados em três categorias, “Literatura”, “Artes Visuais” e “Artes Performativas”, onde várias foram as subcategorias incluídas em cada uma, como é possível de ver acima, na Tabela 1.

6.1. Valor - notícia

Esta investigação começou dia 1 de fevereiro de 2022, e terminou a 28 de fevereiro de 2022, dando um total de 28 dias. O objetivo dos jornais televisivos acaba por ser informar, mas também atingir o máximo de audiências, explica André Sedin e António Belo (2006).

Deste modo, entende-se através desta investigação podemos notar que as notícias de cariz cultural apresentam pouca relevância, notório através da quantidade de vezes que foram transmitidas nos jornais televisivos em questão, assim como, pela constante de serem transmitidas no final dos jornais televisivos. O que é negativo é mais frequente de se ver do que o positivo, a tragédia é mais valorizada do que assuntos quotidianos ou a cultura, como tal:

“Cada notícia tem que concorrer com as das outras estações televisivas e em alguns casos elimina-se a componente analítica, o comentário, o alcance ou o contexto, podendo facilmente cair num tipo de informação superficial, em que se deixa de narrar para passar a mergulhar nas causas. Surgem assim notícias de sucessos, acidentes, tragédias, que têm maior destaque do que notícias económicas ou internacionais. Dá-se maior importância aos ataques pessoais do que à exposição de ideias, procuram-se testemunhos nos momentos de maior aflição e sofrimento, e o que é negativo é mostrado com maior frequência. É dedicado mais tempo a opiniões de especialistas em vez de se explicar e analisar melhor cada acontecimento.” (Belo & Sedim, 2006, p.4-5).

E o mesmo pode notar-se nesta dissertação, onde a cultura como sendo positiva, inovadora e entusiasmante, não vai trazer mais audiências ou captar a atenção desejada pelos canais televisivos, tendo um tempo de “antena” menor e por vezes até inexistente.

Além disso, a importância da duração do jornal televisivo pode afetar a sua produção de conteúdos, explicam os autores Belo e Sedim (2006); e tal, foi notório neste estudo que a duração fez diferenças, a RTP1, por exemplo, destaca-se pela sua menor duração relativamente aos restantes canais, mas com maior produção a título cultural, como será explicado mais à frente nesta dissertação.

6.2. Duração dos jornais televisivos

Para a concretização deste estudo, é essencial entender a duração média dos jornais generalistas portugueses, RTP1, SIC e TVI. Ou seja, foi somado a duração de todos os jornais televisivos observados (por cada canal) e posteriormente realizada a divisão pelo número de dias observados (28 dias), resultando assim na duração média de cada jornal televisivo generalista. E foi assim notório que as notícias televisivas em horário nobre dos canais privados, SIC e TVI, apresentam uma maior duração média dos

jornais televisivos, contrariamente à RTP1, canal público, que apresenta uma duração média menor, como podermos ver no gráfico abaixo:

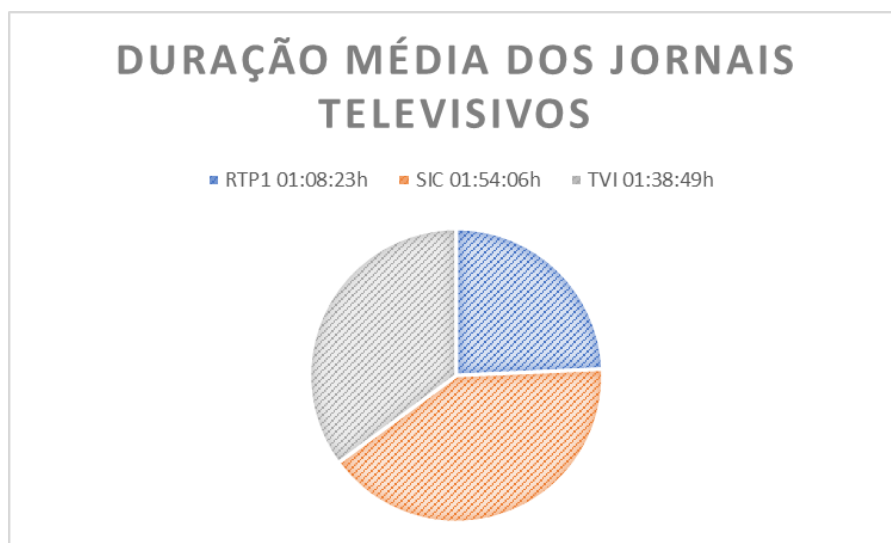


Figura 1- Duração média dos jornais televisivos em estudo, RTP1, SIC e TVI.

Através do gráfico desenhado na Figura 1, é possível notar que a duração média do Jornal da Noite (SIC), é de uma hora, cinquenta e quatro minutos e seis segundos (01:54:06h), e o Jornal das 8 (TVI), apresenta uma duração média de uma hora, trinta e oito minutos e quarenta e nove segundos (01:38:49h); enquanto, por outro lado, o jornal televisivo do canal público RTP1, tem uma duração média menor, de uma hora, oito minutos e vinte e três segundos (01:08:23h), seguindo assim uma hierarquia de duração, em que o Jornal da Noite (SIC) alcança a maior duração do jornal televisivo em horário nobre, seguido do Jornal das 8 (TVI) e por fim, o Telejornal (RTP1) com a menor duração.

É possível entender que a televisão pública, RTP1, é a televisão que mais destaque dá a notícias de cariz cultural, como veremos mais à frente, mas também a que apresenta uma duração média menor, em menos tempo consegue dar maior atenção à cultura, algo que as restantes privadas, com maior duração não o fazem. A televisão pública destaca-se nesta investigação em detrimento das televisões privadas.

Não obstante, estamos perante a presença de três canais televisivos generalistas, neste caso, três jornais televisivos de destaque a nível noticioso. Assim, é importante notar que são dois jornais televisivos pertencentes a canais privados, e um deles pertencente a um canal público, onde se pode destacar uma diferença significativa no objetivo de estudo desta tese. De facto, a RTP1, canal generalista público, é o canal que apresenta

um noticiário mais curto, e é efetivamente o canal mais dedicado à difusão de cultura neste espaço noticioso, mais focado na temática cultural. Deste modo, é possível confirmar a hipótese número 2:

Canais	Duração do noticiário	Nº de notícias culturais
RTP1	01:08:23h	22
SIC	01:54:06h	13
TVI	01:38:49h	15

Tabela 2- Duração face ao número de notícias

6.3. Notícias com conteúdo cultural

Foram três os canais generalistas escolhidos como fundamentais para obter resultados visíveis nesta investigação, contudo, os mesmos não apresentaram conteúdo cultural em todos os 28 dias abrangidos pela análise de conteúdo. Tal pode ser observado na Figura 2:

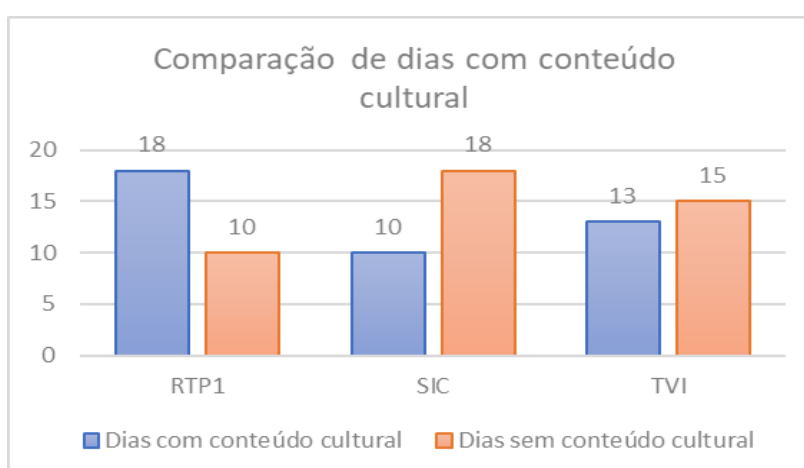


Figura 2- Comparação dos dias em que cada canal escolhido (RTP1, SIC e TVI) apresentou notícias de cariz cultural, e dias sem qualquer conteúdo cultural.

No que concerne à RTP1 (Telejornal), ocorreram 10 dias sem notícias de cariz cultural e 18 dias com notícias de cariz cultural. No canal generalista SIC, o Jornal da Noite, num total de vinte e oito dias, dezoito dias não apresentaram nada da temática em estudo e, apenas dez dias apresentaram notícias de cariz cultural. Por fim, no que alude à TVI, o Jornal das 8, apresentou treze dias de notícias de cariz cultural, e quinze foram os dias sem este tipo de conteúdo.

Não obstante, a presença cultural continua a ser muito reduzida, em 28 dias não houve nenhum canal que apresente diariamente uma notícia de cariz cultural. Em duas televisões generalistas portuguesas, SIC e TVI, foram mais os dias sem conteúdo cultural do que dias com conteúdo cultural. Assim, este tipo de notícias, de cariz cultural, apresentam uma escassa presença nos jornais televisivos portugueses, sendo que apenas um dos três canais em análise emite conteúdos culturais na maioria dos dias em análise, confirmando-se assim, parcialmente, a hipótese número 1.

O canal com mais destaque a esta temática é a RTP1, canal generalista público português, que se destaca largamente dos restantes canais abordados. Com uma diferença de 5 dias a mais de conteúdo cultural comparativamente ao canal TVI e uma diferença ainda maior, de 8 dias comparado ao canal SIC.

6.3.1. RTP1

Como é possível de observar no gráfico de barras (Figura 3), nos 18 dias que a RTP1 apresentou notícias de cariz cultural, apenas quatro notícias são referentes à categoria de “Literatura”, doze notícias enquadram-se na categoria “Artes Visuais”, e por fim, as restantes quatro notícias enquadram-se na categoria de “Artes Performativas”, perfazendo um total de vinte e duas notícias de cariz cultural num total de vinte e oito dias.

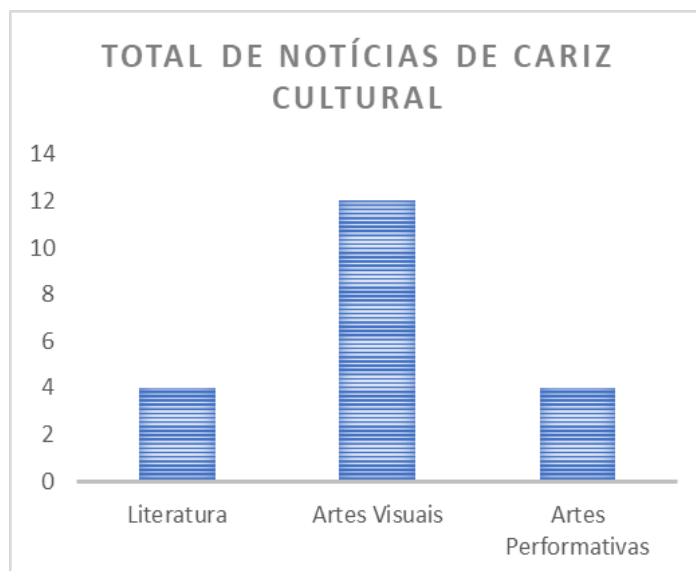


Figura 3-Notícias de cariz cultural apresentadas no período estudado na RTP1.

Contudo, nem todas as notícias se dedicam à mesma temática cultural, e por esse mesmo motivo, a investigação foi dividida em três categorias, e com diferentes elementos culturais a serem estudados (Tabela 1).

Assim sendo, no canal generalista RTP1, no Telejornal, a categoria de “Literatura”, foi transmitida quatro vezes, foram apresentadas quatro notícias referentes ao tópico em questão.

Na categoria de “Artes Visuais”, foram cotadas doze notícias, durante o período de investigação, sendo uma delas de arte (arte plástica) e as restantes onze, referentes a cinema.

Por fim, na área temática de “Artes Performativas”, são contadas quatro notícias, sendo duas delas de música e as restantes duas notícias de teatro. A tipologia de notícia de cariz cultural mais presente na RTP1 é o Cinema, apresentando um total de onze notícias, sendo uma diferença significativa perante as restantes. Tal é possível de ser observado na figura 4:

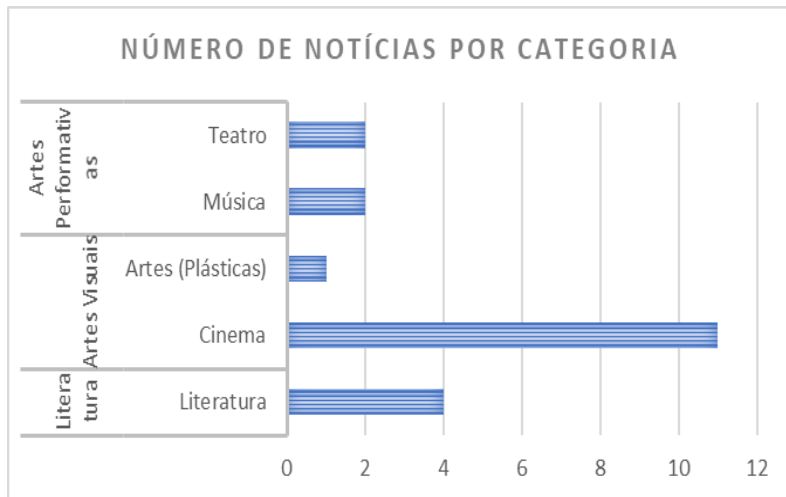


Figura 4- Número de notícias por categoria cultural, RTP1

6.3.2. SIC

No que diz respeito à SIC, referentemente aos 10 dias em que o canal dedicou um espaço à área cultural, no seu jornal televisivo, Jornal da Noite, como é possível de se observar no gráfico abaixo (Figura 5), nada foi emitido na categoria de “Literatura”. Em “Artes Visuais”, perfizeram-se um total de dez notícias, e por fim, na categoria de “Artes Performativas”, apresenta um total de três notícias.

No total, foram emitidas treze notícias de cariz cultural em horário nobre no Jornal da Noite.

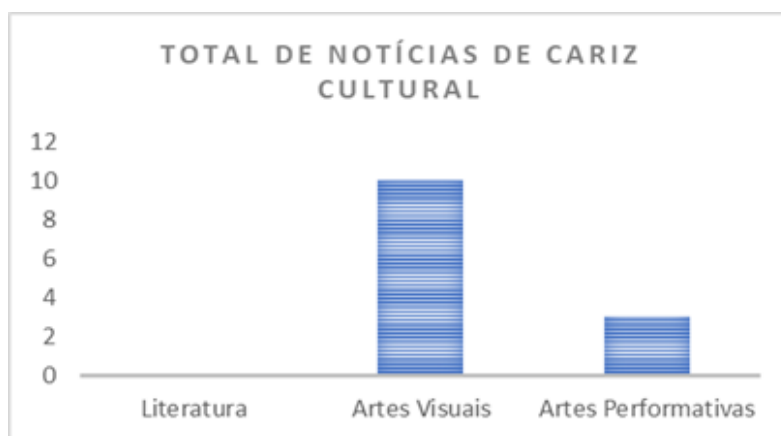


Figura 5- Notícias de cariz cultural apresentadas no período estudado na SIC.

Como tal, assim como a RTP1, nem todas as categorias apresentam apenas e só a mesma temática cultural. A SIC ao longo de todo o período de análise não apresentou uma única notícia sobre a temática da “Literatura”.

No entanto, na categoria de “Artes Visuais”, das dez notícias, três são referentes a arte (arte urbana e contemporânea); seis notícias, a cinema e a restante notícia, a fotografia. Por fim, na categoria de “Artes Performativas”, duas notícias são de música e uma de teatro.

A tipologia de notícia de cariz cultural mais presente na SIC é o Cinema, apresentando um total de seis notícias, sendo uma diferença significativa perante os restantes conteúdos culturais.

Como tal, pode ser observado no gráfico de barras presente na Figura 6:

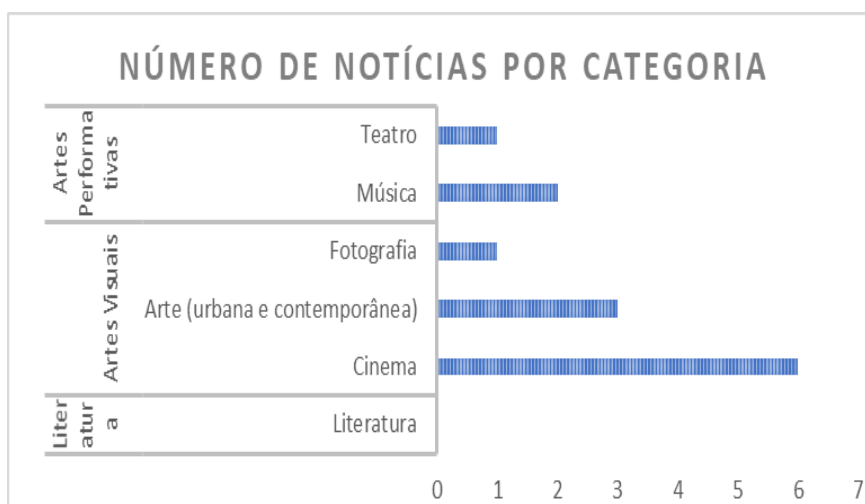


Figura 6- Número de notícias por categoria cultural, SIC

6.3.3. TVI

No que concerne à TVI, o Jornal das 8, apresentou apenas uma notícia ligada à categoria de “Literatura”, relativamente a “Artes Visuais”, foram apresentadas um total de seis notícias. Por fim, na categoria de “Artes Performativas”, o canal em questão, apresentou um total de oito notícias.

No total, ocorreram quinze notícias de cariz cultural em horário nobre no Jornal das 8. Como tal, pode ser observado no gráfico de barras presente na Figura 7:

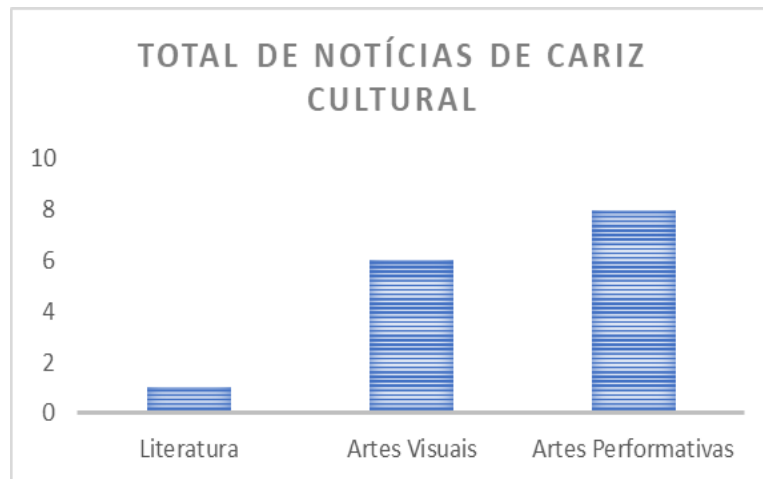


Figura 7- Notícias de cariz cultural apresentadas no período estudado na TVI.

O Jornal das 8, apresentou apenas uma notícia ligada à categoria de “Literatura”. Relativamente a “Artes Visuais”, encontram-se seis notícias no total, sendo que cinco são de cinema e uma de arte (escultura). A tipologia de notícia de cariz cultural mais presente na TVI é a música, sendo que a mesma, apresenta um total de oito notícias, sendo uma diferença significativa perante os restantes conteúdos culturais.

Não obstante, a TVI destaca-se pela sua dedicação à categoria de “Artes Performativas”, sendo que atribuiu oito notícias dedicadas à música, ao contrário dos restantes canais que exibem mais notícias na categoria de “Artes Visuais” com o conteúdo de cinema.

A tipologia de notícia de cariz cultural mais presente na TVI é a Música, apresentando um total de oito notícias, sendo uma diferença significativa perante os restantes conteúdos culturais. Tal como é visível no gráfico de barras presente na Figura 8:

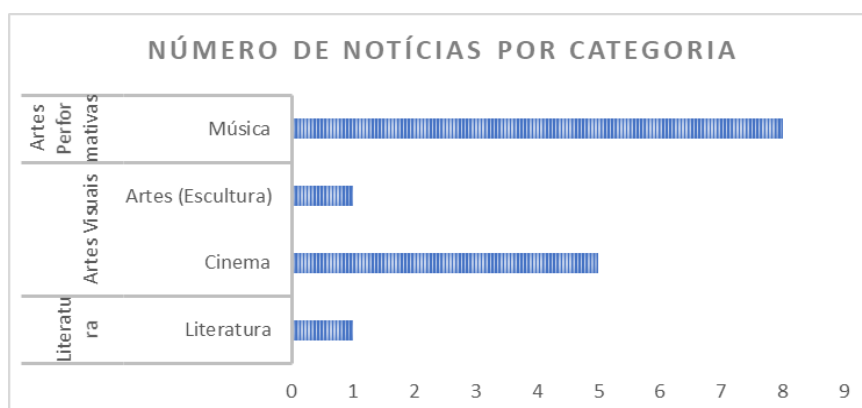


Figura 8- Número de notícias por categoria cultural, TVI.

Assim, a hipótese 4 apenas se confirma no caso da RTP1, sendo que na SIC, as principais temáticas são Cinema e Arte Urbana e Contemporânea e na TVI são Música e Cinema.

6.4. Alinhamento

Respetivamente ao alinhamento, é bastante notório que as notícias ocorrem sempre no último período dos jornais televisivos, e o mesmo acontece nos três canais. Deste modo, é igualmente notório que as notícias de cariz cultural não são uma prioridade nos alinhamentos; daí a sua presença constante no final dos jornais televisivos. Confirmando-se assim a hipótese número 3.

Para melhor exemplificar, foram criadas três tabelas com o alinhamento das notícias. Em ambas as tabelas são apontadas, a duração das notícias e nos dias em que ocorreram notícias com conteúdo cultural, as horas exatas que definem o período da notícia no jornal televisivo, sempre no final dos jornais televisivos. Como tal, é possível de ser observado na tabela 2, 3 e 4:

RTP1:

RTP1-Dias	Duração	Literatura	Artes Visuais	Artes Performativas
Dia1	01:11:29h	X	X	01:03:15h-01:06:02h
Dia2	01:06:47h	X	01:02:02h-01:04:25h/01:04:25h-01:07:14h	x
Dia3	01:11:58h	X	01:05:40h-01:08:20h	x
Dia4	00:42:59h	X	X	x
Dia5	01:08:59h	X	X	x
Dia6	01:24:00h	X	X	x
Dia7	01:02:00h	X	X	01:00:58h-01:03:24h
Dia8	01:06:50h	X	01:03:38h-01:06:05h	x

Dia9	01:07:56h	X	01:05:37h-01:07:37h	x
Dia10	01:07:33h	X	01:03:47h-01:07:15h	x
Dia11	01:12:20h	X	01:04:46h-01:06:54h	x
Dia12	01:09:43h	X	01:03:48h-01:06:41h	x
Dia13	01:26:32h	X	01:12:36h-01:14:03h	x
Dia14	01:08:36h	X	01:04:33h-01:07:40h	x
Dia15	01:06:59h	X	X	01:00:18h- 01:02:34h
Dia16	01:05:38h	01:02:38h- 01:05:02h	X	x
Dia17	01:06:53h	X	X	x
Dia18	01:07:00h	X	X	x
Dia19	01:02:29h	X	00:59:38h-01:01:46h	x
Dia20	01:21:31h	01:18:36h- 01:20:50h	X	x
Dia21	01:08:41h	X	X	01:05:40h- 01:07:42h
Dia22	01:12:42h	01:05:41h- 01:07:25h	X	x
Dia23	01:06:39h	01:03:59h- 01:05:53h	X	x
Dia24	02:20:17h	X	X	x
Dia25	01:39:53h	X	X	x
Dia26	01:14:58h	X	X	x
Dia27	01:29:06h	X	X	x
Dia28	01:08:23h	X	X	x

Tabela 3- Alinhamento do Telejornal 8 (RTP1)

SIC:

SIC-Dias	Duração	Literatura	Artes Visuais	Artes Performativas
Dia1	01:55:81h	X	X	X
Dia2	02:03:00h	X	X	X
Dia3	01:57:52h	X	X	X

Dia4	02:03:00h	X	01:16:55h-01:19:02h	x
Dia5	01:53:04h	X	01:13:09h- 01:16:19h/01:32:07h- 01:34:20h	x
Dia6	01:54:53h	X	X	x
Dia7	02:03:00h	X	X	x
Dia8	01:55:36h	X	01:22:55h- 01:25:37h	x
Dia9	01:49:30h	X	X	01:47:00h- 01:49:05h
Dia10	01:55:42h	X	01:52:01h- 01:55:16h	x
Dia11	01:56:07h	X	01:42:02h- 01:44:02h/01:44:03h- 01:45:46h	x
Dia12	01:57:40h	X	X	x
Dia13	01:53:02h	X	X	X
Dia14	01:31:32h	X	X	X
Dia15	01:47:38h	X	01:42:02h-01:46:37h	X
Dia16	01:54:40h	X	X	X
Dia17	00:45:56h	X	X	X
Dia18	01:47:00h	X	01:23:41h- 01:26:18h/01:42:14h- 01:46:03h	X
Dia19	01:52:56h	X	X	01:10:50h- 01:20:37h
Dia20	01:47:20h	X	X	X
Dia21	01:53:28h	X	X	X
Dia22	01:51:25h	X	X	X
Dia23	02:04:16h	X	X	01:45:42h- 01:47:28h
Dia24	02:04:16h	X	X	X
Dia25	01:55:00h	X	X	X
Dia26	01:50:35h	X	X	X
Dia27	01:53:59h	X	X	X
Dia28	01:54:06h	X	X	X

Tabela 4- Alinhamento do Jornal da Noite (SIC)

TVI:

TVI-Dias	Duração	Literatura	Artes Visuais	Artes Performativas
Dia1	01:46:55h	X	X	X
Dia2	01:57:00h	X	01:37:23h- 01:28:43h	01:36:05h- 01:37:22h
Dia3	02:01:57h	X	01:23:30h- 01:25:35h	X
Dia4	01:57:00h	X	X	01:29:17h-01:31:50h
Dia5	01:28:29h	X	X	X
Dia6	01:30:45h	X	X	X
Dia7	01:45:42h	X	X	01:13:35h-01:19:38h
Dia8	01:46:16h	X	01:43:46h- 01:45:57h	X
Dia9	01:41:42h	X	X	01:39:30h- 01:41:42h
Dia10	02:07:00h	X	X	X
Dia11	01:43:25h	X	01:42:22h- 01:43:05h	X
Dia12	01:30:56h	X	01:26:42h- 01:28:13h	01:23:43h- 01:26:44h
Dia13	01:31:56h	X	X	01:24:31h-01:27:42h
Dia14	01:56:58h	X	X	X
Dia15	00:33:14h	X	X	X
Dia16	01:45:03h	X	X	X
Dia17	01:40:05h	X	X	01:29:58h- 01:37:09h
Dia18	01:42:50h	X	X	X
Dia19	01:20:05h	X	X	X
Dia20	01:43:04h	00:55:06h- 00:58:20h	X	X
Dia21	01:43:02h	X	X	01:29:49h- 01:31:28h
Dia22	00:30:08h	X	X	X
Dia23	01:45:10h	X	X	X

Dia24	02:07:00h	X	X	X
Dia25	01:39:56h	X	01:46:54h- 01:48:12h	X
Dia26	01:30:09h	X	X	X
Dia27	01:32:01h	X	X	X
Dia28	01:38:49h	X	X	X

Tabela 5- Alinhamento do Jornal das 8 (TVI)

Capítulo 7- Análise de Resultados

As notícias de cariz cultural não têm a mesma presença e destaque que outros temas nos alinhamentos de cada canal televisivo. A decisão sobre o que é e não transmitido nem sempre é a mesma logicamente por parte de cada canal generalista português (RTP1, SIC e TVI), sendo que tal facto, permite uma maior diversidade e distinção entre cada um.

No entanto, surgem assim, valores diferentes no que toca à temática e ao número de vezes que as notícias são transmitidas, como foi possível ver acima, através do conteúdo transmitido por cada canal, assim como diferenças na tipologia mais presente em cada canal individualmente.

Efetivamente, várias foram as tipologias abordadas pelos canais, contudo, não foram referidas todas as tipologias de igual modo pelos três canais escolhidos para a investigação. Como tal, o canal generalista RTP 1, abordou dentro da categoria de “Artes Performativas”, o teatro e a música, ficando em falta artes como a ópera e dança. Na categoria de “Artes Visuais”, a RTP1 abordou as artes plásticas e o cinema, sendo que arte plástica pode conceptualizar várias temáticas dentro de si, como por exemplo, o desenho, a escultura, a pintura, a fotografia e o artesanato; assim, a RTP1 abrange bastante bem esta categoria. Por fim, o mesmo canal, ainda na categoria de “Literatura”, apresenta igualmente notícias dentro desta tipologia.

Não obstante, o canal generalista SIC, também abordou várias tipologias decisivas nesta dissertação, dentro da categoria “Artes Performativas”, abordou o teatro e a música, faltando artes como ópera e a dança, assim como ocorreu na RTP1. Na categoria de “Artes Visuais”, a SIC abordou o cinema, a fotografia e artes contemporâneas e urbanas, sendo que as mesmas incluem vários estilos, dentro do mesmo, o desenho, a escultura, a pintura, a fotografia e o artesanato; sendo que, a SIC assim como a RTP1, também abrange bastante bem esta vertente cultural. Por fim, a SIC não apresenta absolutamente nada na categoria de “Literatura”, tendo um total de zero notícias nesta categoria.

O canal generalista TVI, também aborda várias tipologias, como tal, dentro da categoria “Artes Performativas”, aborda apenas e só a música, deixando de parte formas culturais, como o teatro, a ópera e a dança. Na categoria de “Artes Visuais”, a TVI, abordou o cinema e a escultura, deixando de parte o desenho, a pintura, a fotografia e o artesanato. Por fim, a TVI na categoria de “Literatura”, apresenta igualmente uma

notícia dentro desta tipologia. Destaca-se em relação às restantes pela tipologia mais apresentada, pois, enquanto, a RTP1 e a SIC, apresentam mais notícias na categoria de “Artes Visuais”, a TVI destaca-se pela vertente de “Artes Performativas”.

O cinema foi uma das temáticas preponderantes, mas apenas em dois dos três canais estudados, pelos canais generalistas RTP1 e SIC, mas não pelo canal TVI. Além disso, a literatura não teve destaque por parte da SIC e pouco se destacou na TVI (uma notícia de literatura), realçando-se na RTP1, com quatro notícias.

Contudo, o canal RTP1, manteve os mesmos resultados que “Artes Performativas” no mesmo canal, ou seja, apresentou quatro notícias tanto na categoria de “Literatura” como em “Artes Performativas”.

Os três canais em estudo apresentam conteúdos diferentes e abordagens diferentes no que toca a notícias de cariz cultural. As notícias que se enquadram nas mesmas categorias, não são sempre iguais de canal para canal, ou seja, até pode ocorrer a mesma tipologia de notícia em dois canais em simultâneo, mas o conteúdo nem sempre é igual, como tal, no dia 2 de fevereiro, a RTP1 segue-se com a apresentação de duas notícias de cariz cultural, a primeira de artes plásticas na categoria de “Artes visuais”, e a segunda de cinema, dentro da mesma categoria; contudo, no mesmo dia, a TVI apresenta igualmente uma notícia de cinema, na categoria de “Artes visuais”, onde o tema da notícia difere da notícia de cinema da RTP1, e uma notícia na categoria de “Artes Performativas” (Música); por outro lado a SIC; não retrata notícias dessa índole. No terceiro dia, a RTP1 apresenta uma notícia de cariz cultural, na categoria de “Artes visuais”, onde fala de cinema, a SIC, não apresenta nada na temática cultural e a TVI apresenta uma notícia com o mesmo conteúdo do canal RTP1. No oitavo dia, a SIC apresentou uma notícia de cinema (“Artes Visuais”), a mesma foi apresentada pelos restantes canais, com o exato conteúdo. No nono dia, no canal TVI ocorreu uma notícia de música, na RTP surge uma notícia de Cinema na categoria de “Artes Visuais”, e na SIC também de música, coincidindo o conteúdo com a notícia da TVI que remetem a “Artes Performativas”. No décimo dia, a TVI não apresentou nada com cariz cultural, e a SIC e RTP1 apresentaram notícias de cinema (“Artes Visuais”), com conteúdo diferente. No décimo primeiro dia, ambos os canais apostam no cinema (“Artes Visuais”), mas ambos com conteúdo diferente. No dia 20 de fevereiro, a SIC não refere conteúdo cultural, a TVI aborda a literatura assim como a RTP1, contudo, com conteúdos diferentes. No vigésimo primeiro dia, a TVI apresentou música, assim como a RTP1, igualmente com conteúdos diferentes, a TVI não apresentou nada.

Como tal, é notório que o conteúdo da notícia de teor cultural, também difere de canal para canal, e nem todos refletem a mesma atenção em peças de cariz cultural, ora vejamos, enquanto a SIC não apresenta nada na categoria de “Literatura”, os restantes mantêm conteúdos nesse aspeto. Enquanto a RTP1 e a SIC valorizam o cinema, na categoria de “Artes Visuais” como peças mais transmitidas, a TVI opta pela música na categoria de “Artes Performativas”. O teatro, na categoria de “Artes Performativas” é abordado pelo canal RTP1 e SIC, mas excluído pelo canal TVI. A ópera e a dança, na categoria de “Artes Performativas” são exclusões nos três canais. As “Artes Visuais” são a categoria mais trabalhada entre os três canais, abordando de forma geral as várias tipologias presentes nesta categoria.

Em suma, a RTP1 é o canal que mais atenção dedicou às notícias de cariz cultural. Como tal, a diferença entre a RTP1 relativamente à SIC e à TVI, poderá ser, neste caso, o seu estatuto de televisão pública. Importa realçar que a cultura ainda está aquém do que poderia estar nos canais generalistas portugueses a nível de noticiários em horário nobre. O foco está longe de estar na cultura, mas seria importante a existência de mais estudos sobre esta área e a relevância que ela tem quer para os media, quer para o público.

Referências bibliográficas

Antunes, M. P. (2006). *Theoria: Cultura e Civilização: Vol. Volume IV História da Cultura* (Edição crítica ed.). Fundação Calouste Gulbenkian Serviço de Educação e Bolsas.

Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo* (70th ed.). Persona.

Barroso, J. (1998). *Europa e Cultura, Cap. Massificação, Cultura e política: algumas ideias-feitas e pequeno contributo para as desfazer* (Seminário Internacional ed.). (pp. 171-177) Fundação Calouste Gulbenkian, Gabinete do Presidente.

Colombo, F. (1998). *Conhecer o Jornalismo Hoje, Como Se Faz a Informação* (1a ed.). Editorial Presença.

Conferência ARTEMREDE, & Costa (Coord.), P. (2015). *Políticas Culturais para o desenvolvimento* (Arte em Rede 10 anos ed.). AERTEMREDE.

Conjo, F. P. M., & Chichango, B D., & Souza, P. P. (2022) *Metodologia De Investigação Científica Aplicada à Gestão Ambiental: Um Estudo Sobre as Abordagens Qualitativa e Quantitativa*. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação- REASE*.34-50. doi.org/10.51891/rease.v8i1.3722

Cruz, M. S. R., & Menezes, J. S., & Pinto, O. 2008, *FESTAS CULTURAIS:*

Tradição, Comidas e Celebrações. Artigo apresentado no I Encontro Baiano de Cultura

– I EBECULT – FACOM/UFBA. Salvador – Ba.

http://www.uesc.br/icer/artigos/festasculturais_mercia.pdf

Francisco, M. O. A. N. (2012) *Televisão e Consumos Culturais*, Tese de Doutoramento, Universidade da Beira Interior, Repositório digital da UBI, uBibliorum, <https://ubibliorum.ubi.pt/handle/10400.6/2815> Consultado a 27/12/2021

Friedlander, A., Lomborg, B., Smith, C., Boubakeur, D., Etounga-Manguelle, D., Landes, D., Lucena, D., Lourença, E., Grilo, E., Vilar, E., Gros, F., Silva, F., Silva, F., Modelski, G., Antunes, J., Sampaio, J., Blanco, J., Barroso, J., Policarpo, J., Berlingier, L., Pinto, M., . . . , Brenner, S. (2003). *Globalização, Ciência, Cultura e Religiões*, Cap. A Cultura e a Nova Ordem Internacional (1a ed., Vol. 69). (pp.285-302) Dom Quixote, Fundação Calouste Gulbenkian.

Galamba, M. A. S. (2014) *A Televisão em Portugal: Um Estudo sobre Géneros Televisivos nos Canais Generalistas em Perspetiva Comparada*, Tese de Mestrado, Instituto Universitário de Lisboa, Departamento de Sociologia e Políticas Públicas, Link: <https://repositorio.iscte-iul.pt/> Consultado a 11/03/2022

Hall, S. (2006). *A Identidade Cultural Na Pós-Modernidade* (110 ed.). De Paulo Editora.

Hall, S. (2003). *Da Diáspora. Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte UPMG.

Leitão, P, A (2020). *Para uma história do jornalismo em Portugal* (pp. 44- 65) In Carla Baptista & Jorge Pedro Sousa (Orgs.) *Livros ICNOVA*.

<https://www.icnova.fcsh.unl.pt/e-book-para-uma-historia-do-jornalismo-em-portugal/> Consultado a 05/11/2020

Llosa, M., Lomborg, B., Smith, C., Boubakeur, D., Manguelle, D., Landes, D., Lucena, D., Lourenço, E., Grilo, E., Vilar, E., Gros, F., Silva, F., Modelski, G.,

Mártires, V. D, J. (2016) O papel da RTP no contexto do serviço público de televisão em Portugal: a televisão pública portuguesa ainda se justifica?, Tese de Mestrado, Instituto Universitário de Lisboa, Escola de Sociologia e Políticas Públicas, <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/12504> consultado a 08/06/2022

Melo, A. I. (2010). Jornalismo Cultural: Pelo encontro da clareza do jornalismo com a densidade e complexidade da cultura. BOCC- Biblioteca- Online de Ciências da Comunicação, LabCom, Universidade da Beira Interior, http://www.bocc.ubi.pt/_esp/autor.php?codautor=1006 consultado a 06/06/2022

Moreira, G. S. C. (2015) O Papel da Cultura e a Cultura no Papel: Um Olhar Sobre o Jornalismo Cultural Português Através Das Páginas Do Jornal De Letras Artes & Ideias, Tese de Mestrado, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas, Repositório UL, https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/25627/1/ulfl199980_tm.pdf, consultado a 03/06/2022.

Pereira, S. (2010). Televisão educativa e cultural em Portugal. A Página Da Educação, Universidade Do Minho, 1-2. <https://www.apagina.pt/?aba=7&cat=539&doc=14819&mid=2> Consultado a 04/06/2022.

Pollard, M. (1992). Johann Gutenberg A história da invenção da imprensa, que conduziu à explosão do conhecimento (1a ed.). Editora Replicação.

Quivy, R., & Campenhoudt, L. V. (1998). Manual de Investigação em Ciências Sociais (Trajectos 2a ed.). Gradiva.

Rádio Televisão Portuguesa. (2011). RTP. Programas RTP2. Retrieved June 4, 2022, from <https://www.rtp.pt/play/programas/cultura/rtp2> Consultado a 04/06/2022

Sedin, A. J. D. C., & Belo, A. D. C. (2006). Noticiários de Horário Nobre em Portugal: Duração e Valor Notícia. Repositório Científico da Escola Superior de Comunicação Social. <https://repositorio.ipl.pt/handle/10400.21/398> Consultado a 26/04/2022

Soares, E. C. P. C. (2007) A publicidade na Gazeta de Lisboa: 1715-1760, Tese de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Sistema Integrado de Bibliotecas Repositório, <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/358> Consultado a 26/01/2022

Sousa. P. J. (2008a): Uma Breve História do Jornalismo no Ocidente, Universidade Fernando Pessoa e Centro de Investigação Media & Jornalismo <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-uma-historia-breve-do-jornalismo-no-ocidente.pdf> Consultado a 27/11/2021

Sousa. P. J. (2008b): Uma história do jornalismo em Portugal até ao 25 de Abril de 1974, Universidade Fernando Pessoa e Centro de Investigação Media & Jornalismo <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-uma-historia-do-jornalismo-1974.pdf> Consultado a 04/11/2021

Tengarrinha, J. (2013). Nova Historia Da Imprensa Portuguesa Das Origens a 1865 (1aed.). Círculo de Leitores.

Wagner, R. (2012). A Invenção da Cultura. Cosac & Naify.

Anexos - Análises diárias aos canais

RTP1 Telejornal:

Dia 1:

Duração: 01:11:29h

	Literatura	Artes Visuais	Artes Performativas
Temática	0	0	1. Teatro, “Tiago Rodrigues estreia nova peça, “Dans le mesure de L’Impossible”.”
Duração	0	0	1. 2 minutos e 87 segundos
Alinhamento	0	0	1. 01:03:15h-01:06:02h

Dia 2:

Duração: 01:06:47h

	Literatura	Artes Visuais	Artes Performativas
Temática	0	1. Artista Plástica- “Artista Joana Vasconcelos condecorada em França pela Ordem das Artes e Letras” 2. Cinema- “Morte de atriz Monica Vitti, Rainha das Comédias italianas.”	0
Duração	0	1. 41 segundos 2. 2 minutos e 89 segundos	0

Alinhamento	0	1. 01:02:02h-01:02:43h 2. 01:04:25h-01:07:14h	0
--------------------	---	--	---

Dia 3:

Duração: 01:11:58h

	Literatura	Artes Visuais	Artes Performativas
Temática	0	1. Cinema – “Morreu cineasta português Lauro António.”	0
Duração	0	1. 2 minutos e 80 segundos	0
Alinhamento	0	1. 01:05:40h-01:08:20h	0

Dia 4:

Duração: 00:42:59h

	Literatura	Artes Visuais	Artes Performativas
Temática	0	0	0
Duração	0	0	0
Alinhamento	0	0	0

Dia 5:

Duração: 01:08:59h

	Literatura	Artes Visuais	Artes Performativas
Temática	0	0	0
Duração	0	0	0

Alinhamento	0	0	0
--------------------	---	---	---

Dia 6:

Duração: 01:24:00h

	Literatura	Artes Visuais	Artes Performativas
Temática	0	0	0
Duração	0	0	0
Alinhamento	0	0	0

Dia 7:

Duração: 01:02:00h

	Literatura	Artes Visuais	Artes Performativas
Temática	0	0	1. Teatro- “Ator Fábio Porchat em Lisboa, solo stand up comedi, humorista brasileiro apresenta espetáculo de solo.”
Duração	0	0	1. 2 minutos e 66 segundos
Alinhamento	0	0	1. 01:00:58h-01:03:24h

Dia 8:

Duração: 01:06:50h

	Literatura	Artes Visuais	Artes Performativas
Temática	0	1. Cinema- “Nomeação Óscares, Luso Canadiano (Luís Sequeira) na categoria de melhor guarda- roupa.”	0
Duração	0	1. 2 minutos e 67 segundos	0
Alinhamento	0	1. 01:03:38h- 01:06:05h	0

Dia 9:

Duração: 01:07:56h

	Literatura	Artes Visuais	Artes Performativas
Temática	0	1. Cinema, “Netflix compra série da RTP, “Até que a vida nos separe”.”	0
Duração	0	1. 2 minutos	0
Alinhamento	0	1. 01:05:37h-01:07:37h	0

Dia 10:

Duração: 01:07:33h

	Literatura	Artes Visuais	Artes Performativas
Temática	0	1. Cinema, “Filme, “O homem que matou D. Quixote” filme de Terry Gilliam estreia em Portugal. “	0
Duração	0	1. 3 minutos e 68 segundos	0
Alinhamento	0	1. 01:03:47h-01:07:15h	0

Dia 11:

Duração: 01:12:20h

	Literatura	Artes Visuais	Artes Performativas
Temática	0	1. Cinema- “ “A Criança” Filme de época em Portugal.”	0
Duração	0	1. 2 minutos e 8 segundos.	0
Alinhamento	0	1. 01:04:46h-01:06:54h	0

Dia 12:

Duração: 01:09:43h

	Literatura	Artes Visuais	Artes Performativas
Temática	0	1. Cinema-“ “The Gilded Age” série do criador de “Downton Abbey” na HBO.”	0
Duração	0	1. 2 minutos e 93 segundos	0
Alinhamento	0	1. 01:03:48h-01:06:41h	0

Dia 13:

Duração: 01:26:32h

	Literatura	Artes Visuais	Artes Performativas
Temática	0	1. Cinema- “Prémios Goya “O Bom Pastor” é a estrela da noite.”	0
Duração	0	1. 1 minuto e 67 minutos.	0
Alinhamento	0	1. 01:12:36h-01:14:03h	0

Dia 14:

Duração: 01:08:36h

	Literatura	Artes Visuais	Artes Performativas
Temática	0	1. Cinema- “ “Os demónios do meu avô”, 1ª Longa Metragem animação Stop Motion Portuguesa.”	0
Duração	0	1. 3 minutos e 7 segundos	0
Alinhamento	0	1. 01:04:33h-01:07:40h	0

Dia 15:

Duração: 01:06:59h

	Literatura	Artes Visuais	Artes Performativas
Temática	0	0	1. Música- “Festival ID No Limits, de 24 a 26 no centro de congressos do Estoril.”
Duração	0	0	1. 2 minutos e 16 segundos.
Alinhamento	0	0	1. 01:00:18h-01:02:34h

Dia 16:

Duração: 01:05:38h

	Literatura	Artes Visuais	Artes Performativas
Temática	1. Literatura- “Estudo dos hábitos culturais, 61% dos portugueses não leu um livro no último ano.”	0	0
Duração	1. 2 minutos e 64 segundos	0	0
Alinhamento	1. 01:02:38h-01:05:02h	0	0

Dia 17:

Duração: 01:06:53h

	Literatura	Artes Visuais	Artes Performativas
Temática	0	0	0
Duração	0	0	0
Alinhamento	0	0	0

Dia 18:

Duração: 01:07:00h

	Literatura	Artes Visuais	Artes Performativas
Temática	0	0	0
Duração	0	0	0
Alinhamento	0	0	0

Dia 19:

Duração: 01:02:29h

	Literatura	Artes Visuais	Artes Performativas
Temática	0	1. Cinema- “A Rainha e a bastarda”. Nova série da RTP viaja ao tempo de D. Dinis.”	0
Duração	0	1. 2 minutos e 46 segundos	0
Alinhamento	0	1. 00:59:38h-01:01:46h	0

Dia 20:

Duração: 01:21:31h

	Literatura	Artes Visuais	Artes Performativas
Temática	1. Literatura- “Abdulrazak Gurnalt, RTP entrevista Prémio Nobel da Literatura.”	0	0
Duração	1. 2 minutos e 14 segundos.	0	0
Alinhamento	1. 01:18:36h- 01:20:50h	0	0

Dia 21:

Duração: 01:08:41h

	Literatura	Artes Visuais	Artes Performativas
Temática	0	0	1. Música- “Prémios Play, cerimónia a 5 de maio no coliseu dos recreios.”
Duração	0	0	1. 2 minutos e 2 segundos.
Alinhamento	0	0	1. 01:05:40h- 01:07:42h

Dia 22:

Duração: 01:12:42h

	Literatura	Artes Visuais	Artes Performativas
Temática	1- Escritor- “Moeda José Saramago. Casa da Moeda lança edição comemorativa.”	0	0
Duração	1. 1 minutos e 84 segundos	0	0
Alinhamento	1. 01:05:41h-01:07:25h	0	0

Dia 23:

Duração: 01:06:39h

	Literatura	Artes Visuais	Artes Performativas
Temática	1. Literatura- “Correntes d’escrita, 22 ^a edição realizada na Póvoa de Varzim.”	0	0
Duração	1. 1 minuto e 94 segundos.	0	0
Alinhamento	1. 01:03:59h-01:05:53h	0	0

Dia 24:

Duração: 02:20:17h

	Literatura	Artes Visuais	Artes Performativas
Temática	0	0	0
Duração	0	0	0
Alinhamento	0	0	0

Dia 25:

Duração: 01:39:53h

	Literatura	Artes Visuais	Artes Performativas
Temática	0	0	0
Duração	0	0	0
Alinhamento	0	0	0

Dia 26:

Duração: 01:14:58h

	Literatura	Artes Visuais	Artes Performativas
Temática	0	0	0
Duração	0	0	0
Alinhamento	0	0	0

Dia 27:

Duração: 01:29:06h

	Literatura	Artes Visuais	Artes Performativas
Temática	0	0	0
Duração	0	0	0
Alinhamento	0	0	0

Dia 28:

Duração: 01:08:23h

	Literatura	Artes Visuais	Artes Performativas
Temática	0	0	0
Duração	0	0	0
Alinhamento	0	0	0

SIC – Jornal da Noite

Dia 1:

Duração: 01:55:81h

	Literatura	Artes Visuais	Artes Performativas
Temática	0	0	0
Duração	0	0	0
Alinhamento	0	0	0

Dia 2:

Duração: 02:03:00h

	Literatura	Artes Visuais	Artes Performativas
Temática	0	0	0
Duração	0	0	0
Alinhamento	0	0	0

Dia 3:

Duração: 01:57:52h

	Literatura	Artes Visuais	Artes Performativas
Temática	0	0	0
Duração	0	0	0
Alinhamento	0	0	0

Dia 4:

Duração: 02:03:00h

	Literatura	Artes Visuais	Artes Performativas
Temática	0	1. Arte urbana- “Artistas portugueses nos melhores murais do mundo.”	0
Duração	0	1. 2 minutos e 47 segundos.	0
Alinhamento	0	1. 01:16:55h-01:19:02h	0

Dia 5:

Duração: 01:53:04h

	Literatura	Artes Visuais	Artes Performativas
Temática	0	1. Arte contemporânea- “Abertura de centro contemporâneo, Casa de S. Roque, exposição de Jean-Luc Moulène” 2. Arte contemporânea- “Arte contemporânea exposta em contentores em Lisboa devido a obras no Centro de Arte Moderna da Gulbenkian.”	0
Duração	0	1. 3 minutos e 10 segundos 2. 2 minutos e 13 segundos	0
Alinhamento	0	1. 01:13:09h-01:16:19h 2. 01:32:07h- 01:34:20h	0

Dia 6:

Duração: 01:54:53h

	Literatura	Artes Visuais	Artes Performativas
Temática	0	0	0
Duração	0	0	0
Alinhamento	0	0	0

Dia 7:

Duração: 02:03:00h

	Literatura	Artes Visuais	Artes Performativas
Temática	0	0	0
Duração	0	0	0
Alinhamento	0	0	0

Dia 8:

Duração: 01:55:36h

	Literatura	Artes Visuais	Artes Performativas
Temática	0	1. Cinema- “Nomeados para os Óscares, “O Poder do cão” lidera nomeações para os Óscares e o Luso Canadiano, Luís Sequeira volta a estar nomeado para melhor Guarda-Roupa.”	0
Duração	0	1. 2 minutos e 82 segundos	0
Alinhamento	0	1. 01:22:55h- 01:25:37h	0

Dia 9:

Duração: 01:49:30h

	Literatura	Artes Visuais	Artes Performativas
Temática	0	0	1. Música- “Brit Awards 2022 “Adele eleita artista do ano”.”
Duração	0	0	1. 2 minutos e 5 segundos
Alinhamento	0	0	1. 01:47:00h- 01:49:05h

Dia 10:

Duração: 01:55:42h

	Literatura	Artes Visuais	Artes Performativas
Temática	0	1. Cinema- ““Futre, o 1º Português”, série documental estreia hoje na Opto”	0
Duração	0	1. 3 minutos e 15 segundos	0
Alinhamento	0	1. 01:52:01h- 01:55:16h	0

Dia 11:

Duração: 01:56:07h

	Literatura	Artes Visuais	Artes Performativas
Temática	0	1. Cinema- “Bastidores de filme “Os Demónios do meu avô” encenado por marionetas.”	0
Duração	0	2. Cinema- “Cinemas apostam em Óscares; em janeiro de 2021 foi dos piores meses para o setor.”	0
Alinhamento	0	1. 2 minutos 2. 1 minuto e 43 segundos 1. 01:42:02h-01:44:02h 2. 01:44:03h-01:45:46h	0

Dia 12:

Duração: 01:57:40h

	Literatura	Artes Visuais	Artes Performativas
Temática	0	0	0
Duração	0	0	0
Alinhamento	0	0	0

Dia 13:

Duração: 01:53:02h

	Literatura	Artes Visuais	Artes Performativas
Temática	0	0	0
Duração	0	0	0
Alinhamento	0	0	0

Dia 14:

Duração: 01:31:32h

	Literatura	Artes Visuais	Artes Performativas
Temática	0	0	0
Duração	0	0	0
Alinhamento	0	0	0

Dia 15:

Duração: 01:47:38h

	Literatura	Artes Visuais	Artes Performativas
Temática	0	1. Cinema- ““O Homem que matou D. Quixote”, filme estreia esta semana.”	0
Duração	0	1. 4 minutos e 35 segundos.	0
Alinhamento	0	1. 01:42:02h-01:46:37h	0

Dia 16:

Duração: 01:54:40h

	Literatura	Artes Visuais	Artes Performativas
Temática	0	0	0
Duração	0	0	0
Alinhamento	0	0	0

Dia 17:

Duração: 00:45:56h

	Literatura	Artes Visuais	Artes Performativas
Temática	0	0	0
Duração	0	0	0
Alinhamento	0	0	0

Dia 18:

Duração: 01:47:00h

	Literatura	Artes Visuais	Artes Performativas
Temática	0	<ol style="list-style-type: none"> 1. Fotografia- “Exposição “O Poder da intimidade”, Marcelo Rebelo de Sousa captado por Alfredo Cunha. Decorre em Cascais até 24 de abril.” 2. Cinema- ““Despojos de Guerra” na Opto, série conta histórias da Guerra Colonial.” 	0
Duração	0	<ol style="list-style-type: none"> 1. 2 minutos e 77 segundos. 2. 3 minutos e 89 segundos. 	0
Alinhamento	0	<ol style="list-style-type: none"> 1. 01:23:41h-01:26:18h 2. 01:42:14h- 01:46:03h 	0

Dia 19:

Duração: 01:52:56h

	Literatura	Artes Visuais	Artes Performativas
Temática	0	0	<ol style="list-style-type: none"> 1. Teatro- “Centenário do Parque Mayer, Popularidade do local começou nos anos 90, O teatro e o restaurante ainda estão a funcionar.”
Duração	0	0	<ol style="list-style-type: none"> 1. 9 minutos e 87 segundos
Alinhamento	0	0	<ol style="list-style-type: none"> 1. 01:10:50h-01:20:37h

Dia 20:

Duração: 01:47:20h

	Literatura	Artes Visuais	Artes Performativas
Temática	0	0	0
Duração	0	0	0
Alinhamento	0	0	0

Dia 21:

Duração: 01:53:28h

	Literatura	Artes Visuais	Artes Performativas
Temática	0	0	0
Duração	0	0	0
Alinhamento	0	0	0

Dia 22:

Duração: 01:51:25h

	Literatura	Artes Visuais	Artes Performativas
Temática	0	0	0
Duração	0	0	0
Alinhamento	0	0	0

Dia 23:

Duração: 02:04:16h

	Literatura	Artes Visuais	Artes Performativas
Temática	0	0	1. Música- “Festival ID No Limits. Evento realiza-se em Estoril entre amanhã e sábado. Branko vai atuar no palco principal.”
Duração	0	0	1. 1 minuto e 86 segundos.
Alinhamento	0	0	1. 01:45:42h-01:47:28h

Dia 24:

Duração: 02:04:16h

	Literatura	Artes Visuais	Artes Performativas
Temática	0	0	0
Duração	0	0	0
Alinhamento	0	0	0

Dia 25:

Duração: 01:55:00h

	Literatura	Artes Visuais	Artes Performativas
Temática	0	0	0
Duração	0	0	0
Alinhamento	0	0	0

Dia 26:

Duração: 01:50:35h

	Literatura	Artes Visuais	Artes Performativas
Temática	0	0	0
Duração	0	0	0
Alinhamento	0	0	0

Dia 27:

Duração: 01:53:59h

	Literatura	Artes Visuais	Artes Performativas
Temática	0	0	0
Duração	0	0	0
Alinhamento	0	0	0

Dia 28:

Duração: 01:54:06h

	Literatura	Artes Visuais	Artes Performativas
Temática	0	0	0
Duração	0	0	0
Alinhamento	0	0	0

TVI – Jornal das 8

Dia 1:

Duração: 01:46:55h

	Literatura	Artes Visuais	Artes Performativas
Temática	0	0	0
Duração	0	0	0
Alinhamento	0	0	0

Dia 2:

Duração: 01:57:00h

	Literatura	Artes Visuais	Artes Performativas
Temática	0	1. Cinema- “Briget Fonda, atriz vista após 13 de não ser vista em público.”	1. Música- “Cantora Rihanna vai ser mãe.”
Duração	0	1. 1 minuto e 2 segundos	1. 1 minuto e 12 segundos
Alinhamento	0	1. 01:37:23h-01:28:43h	1. 01:36:05h-01:37:22h

Dia 3:

Duração: 02:01:57

	Literatura	Artes Visuais	Artes Plásticas
Temática	0	1. Cinema- “Morreu cineasta português Lauro António.”	0
Duração	0	1. 2 minutos e 5 segundos	0
Alinhamento	0	1. 01:23:30h-01:25:35h	0

Dia 4:

Duração: 01:57:00h

	Literatura	Artes Visuais	Artes Performativas
Temática	0	0	1. Música- “Aniversário de José Cid”
Duração	0	0	1. 2 minutos e 33 segundos
Alinhamento	0	0	1. 01:29:17h-01:31:50h

Dia 5:

Duração: 01:28:29h

	Literatura	Artes Visuais	Artes Performativas
Temática	0	0	0
Duração	0	0	0
Alinhamento	0	0	0

Dia 6:

Duração: 01:30:45h

	Literatura	Artes Visuais	Artes Performativas
Temática	0	0	0
Duração	0	0	0
Alinhamento	0	0	0

Dia 7:

Duração: 01:45:42h

	Literatura	Artes Visuais	Artes Performativas
Temática	0	0	1. Música- “TVI acompanha cantor, Tony Carreira inicia digressão em Paris.”
Duração	0	0	1. 6 minutos e 3 segundos
Alinhamento	0	0	1. 01:13:35h-01:19:38h

Dia 8:

Duração: 01:46:16h

	Literatura	Artes Visuais	Artes Performativas
Temática	0	1. Cinema- “A Caminho dos Óscares, Luís Sequeira nomeado para melhor Guarda Roupa.”	0
Duração	0	1. 2 minutos e 11 segundos	0
Alinhamento	0	1. 01:43:46h-01:45:57h	0

Dia 9:

Duração: 01:41:42h

	Literatura	Artes Visuais	Artes Performativas
Temática	0	0	1. Música- “Músico do ano “Brit Awards”, Adele vence com “Easy on me” do álbum “30”.”
Duração	0	0	1. 2 minutos e 12 segundos
Alinhamento	0	0	1. 01:39:30h-01:41:42h

Dia 10:

Duração: 02:07:00h

	Literatura	Artes Visuais	Artes Performativas
Temática	0	0	0
Duração	0	0	0
Alinhamento	0	0	0

Dia 11:

Duração: 01:43:25h

	Literatura	Artes Visuais	Artes Performativas
Temática	0	1. Cinema- “Prémios Platino minissérie “Pecado” da TVI pré- selecionada.”	0
Duração	0	1. 83 segundos	0
Alinhamento	0	1. 01:42:22h- 01:43:05h	0

Dia 12:

Duração: 01:30:56h

	Literatura	Artes Visuais	Artes Performativas
Temática	0	1. Escultura- “Intercâmbio Portugal- França, escultura de Pedro Cabrita Reis nas Tulherias.”	2. Música- “Concerto em Faro, Pedro Abrunhosa com orquestra clássica do sul.”
Duração	0	1. 1 minuto e 71 segundos	2. 3 minutos e 1 segundo.
Alinhamento	0	1. 01:26:42h- 01:28:13h	2. 01:23:43h- 01:26:44h

Dia 13:

Duração: 01:31:56h

	Literatura	Artes Visuais	Artes Performativas
Temática	0	0	1. Música- “Concerto em Faro, Pedro Abrunhosa com orquestra clássica do Sul.”
Duração	0	0	1. 3 minutos e 11 segundos
Alinhamento	0	0	1. 01:24:31h- 01:27:42h

Dia 14:

Duração: 01:56:58h

	Literatura	Artes Visuais	Artes Performativas
Temática	0	0	0
Duração	0	0	0
Alinhamento	0	0	0

Dia 15:

Duração: 00:33:14h

	Literatura	Artes Visuais	Artes Performativas
Temática	0	0	0
Duração	0	0	0
Alinhamento	0	0	0

Dia 16:

Duração: 01:45:03h

	Literatura	Artes Visuais	Artes Performativas
Temática	0	0	0
Duração	0	0	0
Alinhamento	0	0	0

Dia 17:

Duração: 01:40:05h

	Literatura	Artes Visuais	Artes Performativas
Temática	0	0	1. Música- “Tony Carreira, Antestreia videoclip de homenagem a Sara.”
Duração	0	0	1. 7 minutos e 51 segundos
Alinhamento	0	0	1. 01:29:58h-01:37:09h

Dia 18:

Duração: 01:42:50h

	Literatura	Artes Visuais	Artes Performativas
Temática	0	0	0
Duração	0	0	0
Alinhamento	0	0	0

Dia 19:

Duração: 01:20:05h

	Literatura	Artes Visuais	Artes Performativas
Temática	0	0	0
Duração	0	0	0
Alinhamento	0	0	0

Dia 20:

Duração: 01:43:04h

	Literatura	Artes Visuais	Artes Performativas
Temática	1. Literatura- “Arturo Pérez- Reverte, escritor espanhol está traduzido em mais de 40 línguas. “	0	0
Duração	1. 3 minutos e 14 segundos	0	0
Alinhamento	1. 00:55:06h- 00:58:20h	0	0

Dia 21:

Duração: 01:43:02h

	Literatura	Artes Visuais	Artes Performativas
Temática	0	0	1. Música- “Justin Bieber tem Covid-19. Cantor adiou dois concertos na digressão mundial.”
Duração	0	0	1. 1 minuto e 79 segundos.
Alinhamento	0	0	1. 01:29:49h-01:31:28h

Dia 22:

Duração: 00:30:08h

	Literatura	Artes Visuais	Artes Performativas
Temática	0	0	0
Duração	0	0	0
Alinhamento	0	0	0

Dia 23:

Duração: 01:45:10h

	Literatura	Artes Visuais	Artes Performativas
Temática	0	0	0
Duração	0	0	0
Alinhamento	0	0	0

Dia 24:

Duração: 02:07:00h

	Literatura	Artes Visuais	Artes Performativas
Temática	0	0	0
Duração	0	0	0
Alinhamento	0	0	0

Dia 25:

Duração: 01:39:56h

	Literatura	Artes Visuais	Artes Performativas
Temática	0	1. Cinema- “Sean Pean na Ucrânia. Ator encontrou-se com presidente ucraniano. Grava documentário de guerra entre Rússia e Ucrânia.”	0
Duração	0	1. 1 minuto e 58 segundos.	0
Alinhamento	0	1. 01:46:54h-01:48:12h	0

Dia 26:

Duração: 01:30:09h

	Literatura	Artes Visuais	Artes Performativas
Temática	0	0	0
Duração	0	0	0
Alinhamento	0	0	0

Dia 27:

Duração: 01:32:01h

	Literatura	Artes Visuais	Artes Performativas
Temática	0	0	0
Duração	0	0	0
Alinhamento	0	0	0

Dia 28:

Duração: 01:38:49h

	Literatura	Artes Visuais	Artes Performativas
Temática	0	0	0
Duração	0	0	0
Alinhamento	0	0	0